

Ana Maria Gil Santos Cabrita

RECREIO – ESPAÇO DE LAZER / TEMPO DE APRENDER



Universidade Portucalense
Infante D. Henrique
PORTO, 2005

Ana Maria Gil Santos Cabrita

RECREIO – ESPAÇO DE LAZER / TEMPO DE APRENDER

Dissertação apresentada à Universidade Portucalense
Infante D. Henrique para obtenção do grau de Mestre em
Administração e Planificação de Educação

Professora Orientadora: Professora Doutora Margarida Alice Ferreira Pinto
Santos Carvalho

Universidade Portucalense
Infante D. Henrique
PORTO, 2005

A sabedoria não se encontra no topo de nenhuma montanha nem no último ano de um curso superior.

É num pequeno monte de areia do recreio do jardim de infância que se pode aprender tudo o que é necessário saber na vida:

- *Partilhar;*
- *Respeitar as regras do jogo;*
- *Não bater em ninguém;*
- *Guardar as coisas no sítio onde estavam;*
- *Manter tudo sempre limpo;*
- *Não mexer nas coisas dos outros;*
- *Pedir desculpa quando se magoa alguém;*
- *Viver uma vida equilibrada: estudar, pensar, desenhar, pintar, cantar, dançar, brincar, trabalhar, fazer de tudo um pouco, todos os dias.*

Afinal, os segredos duma vida feliz está nas verdades do dia-a-dia.

Robert Fulghum (1991)

Dedico este trabalho à Educação da Infância e aos meus filhos, a quem roubei muitas horas em prol do saber.

A todas as crianças que foram e são vítimas nos recreios da escola, que sejam capazes de crescer socialmente com o apoio de toda a comunidade educativa.

Agradecimentos

À Professora Doutora Margarida Alice Carvalho pela disponibilidade e todo o apoio científico.

À Professora Doutora Alcina Manuela de Oliveira Martins pelas palavras de incentivo no primeiro dia de apresentação do Curso de Mestrado.

Ao meu marido pelo apoio nas horas de desânimo e pela ajuda nas dúvidas informáticas.

RESUMO

Com o presente estudo pretende-se efectuar uma abordagem do espaço e tempo de recreio de uma escola com valência de 1.º ciclo.

O objectivo principal desta dissertação é averiguar a qualidade do espaço físico do recreio de uma escola da rede pública do 1.º ciclo do ensino básico, qual a sua influência nos acidentes registados e a importância que é dada ao tempo e espaço de recreio, através da avaliação da qualidade da vigilância e o valor que é atribuído na formação/socialização das crianças.

Palavras-chave: Recreio; indisciplina, vigilância; dinamização; socialização; acidentes.

ABSTRAT

This study aims at establishing an approach to recreation spaces and times in elementary schools.

The main goal of this essay is to ascertain the quality of the physical spaces of the playgrounds in public schools and their influence upon the registered accidents, and the importance given to recreation times and spaces, through the evaluation of the quality of the monitoring and the importance attributed to them in the education/socialization of the children.

KEY WORDS: Playground; indiscipline; monitoring; socialization; dinamization; accidents.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AAE – Auxiliar de Acção Educativa

Art.º – Artigo

Cf. – Conforme

Cit. – Citado

EB1/JI – Escola Básica do 1.º Ciclo e Jardim de Infância

Edifício tipo P3 – Edifício com 3 blocos

GIASE – Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo

P. – Página

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PER – Programa de Erradicação e Realojamento

QZP – Quadro de Zona Pedagógica

SRS – Subsídio de Reinserção Social

PEE – Projecto Educativo de Escola

RI – Regulamento Interno

INTRODUÇÃO

Brincar não é mais que uma forma lúdica de aprender, mostrar emoções, trocar experiências e vivenciar sentimentos. São momentos de partilha em que um se dá a conhecer ao outro, onde se criam laços, se resolvem conflitos e se formam personalidades. Cada momento de brincadeira corresponde a um determinado comportamento de acordo com a situação e a pessoa envolvida.

Ser criança é um tempo único. Brincar é uma função fundamental da criança para o seu equilíbrio físico, psíquico e intelectual. A criança não pode nem deve ser privada desta oportunidade. É uma fase que não pode ser descurada. Se a criança não brincar enquanto criança, é-lhe vedada para sempre esta oportunidade, porque criança só se é uma vez. Quantos adultos há, a quem não foi permitido brincar enquanto crianças e que depois demonstram comportamentos desequilibrados, porque saltaram uma fase fundamental do seu desenvolvimento: brincar.

O artigo 31.º da Convenção Internacional dos Direitos da Criança reconhece à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística. Respeita e promove o direito da criança de participar plenamente na vida cultural e artística e encoraja a organização, em seu benefício, de formas adequadas de tempos livres e de actividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade.

A escola tem uma grande responsabilidade nesta função. O maior número de horas enquanto criança é passado dentro do espaço escola. O tempo útil que a criança passa hoje em família é muito menor que o tempo que passa no espaço escola. Esta realidade é tão verdadeira para as famílias economicamente favorecidas, como para as famílias desfavorecidas.

O presente estudo enquadra-se no âmbito da importância dos tempos e espaços de recreio nas escolas do 1.º ciclo do ensino básico, tempo de grandes aprendizagens e descobertas sociais.

Ao considerar-se que as escolas deixaram de ser meros locais de transmissão de conhecimentos a pequenas comunidades, pretende-se actualmente que as escolas, em vez de terem como principal missão a transmissão de saberes, se preocupem com a criação de contextos mais estimulantes para a aquisição de saberes e competências básicas, de uma forma lúdica, criativa e facilitadora. As escolas têm também como função a de desenvolver os valores humanos e a afectividade que a sociedade actual cada vez mais tecnológica, necessita.

O objecto de estudo que se apresenta será o espaço de recreio que é um espaço privilegiado na formação do indivíduo. É nele que os professores podem observar o comportamento social dos alunos, perceber e aperceber-se de possíveis problemas e comportamentos desviantes. Segundo a Circular n.º 82/92, de 9 de Setembro, do Ministério de Educação “Para os professores, os recreios constituem, por sua vez, momentos que favorecem o conhecimento do comportamento dos alunos. No recreio deve ser garantida a segurança das crianças, mas contudo deve ser um espaço liberto, onde as crianças terão oportunidade de se socializar, de gerir conflitos, criar afectos, viver em grupo, aprender a ser autónomo, responsável e democrático”.

Na fundamentação teórica, tendo em conta o objectivo do estudo, descreve-se o recreio como um espaço privilegiado para as crianças aprenderem a viver em sociedade, em democracia e com responsabilidade. Os recreios são espaços onde os professores poderão criar laços de amizade com os alunos de uma forma informal, conhecer o aluno numa perspectiva que o ambiente de sala de aula poderá não proporcionar.

Conhecer o aluno como pessoa, os seus problemas pessoais e sociais, ajudará o próprio professor a compreender melhor o seu comportamento na sala de aula. Por vezes, o recreio é também usado pelo aluno para resolver conflitos.

A atitude do aluno na resolução de conflitos poderá não ser a ideal, e o professor terá assim a oportunidade de educar o aluno para uma cidadania esclarecida e sentida, de forma a, como afirma Delors (1996, p. 88) “Aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projectos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz”.

Nos grandes centros urbanos onde as crianças não têm oportunidade de conviver de forma segura porque estão rodeados de perigos (trânsito, assaltos, e todo o género de violências) o espaço e tempo de recreio é muitas vezes o único espaço em que ela poderá desenvolver as suas relações sociais, de uma forma segura. Carlos Neto (cit. por Pereira et al, 2001, p. 31) refere a este propósito: “Brincar na rua é em muitas cidades do mundo uma prática em vias de extinção.” A falta de tempo dos pais e a limitação de tempo e disponibilidade para os filhos é hoje uma realidade dos tempos modernos. Ao regressarem a casa ao fim de um dia de trabalho, com todas as solicitações e obrigações domésticas, as crianças ocupam o seu tempo livre sozinhas e ficam limitadas ao espaço interior de casa. O tempo é muitas vezes ocupado com jogos solitários, não partilhados, onde elas desenvolvem as suas relações sociais com uma máquina, seja ela o computador, a consola ou *gameboy*, numa posição física inerte sem qualquer tipo de movimento físico e em que a maior parte desses jogos, normalmente os mais apreciados, são revestidos de grande violência. No tempo que passam dentro do espaço escola, é-lhes oferecida a oportunidade de brincarem num espaço ao ar livre, apropriado às suas características e acompanhados com crianças da sua idade. Estes requisitos tão importantes para o seu crescimento e formação, nos grandes centros urbanos, por vezes só são possíveis dentro do espaço escola.

Nas últimas décadas temos vindo a constatar grandes mudanças sociais, especialmente ao nível dos contextos de vida da criança (mobilidade social, diversidade cultural, rotinas de vida, hábitos sedentários, densidade urbana, etc.).

Estas mudanças têm implicações relevantes nos estilos de vida e naturalmente ao nível das oportunidades de jogo e actividade física. A composição familiar e os seus hábitos quotidianos transformaram-se dramaticamente e as adaptações individuais e sociais não seguiram provavelmente a melhor direcção. Este é um paradoxo óbvio: mais tempo disponível mas pouca ou nenhuma qualidade de vida para todos. Estratégias para um melhor aproveitamento do tempo livre necessitam de ser debatidas e implementadas. As soluções têm falhado provavelmente porque não consideram os contextos culturais específicos de vida.

Tendo em conta as características das sociedades pós-industriais (hábitos sedentários, stress emocional, maus hábitos de vida do ponto de vista corporal e inactividade física) e o nascimento de uma sociedade de informação que se reveste de uma padronização excessiva de valores, atitudes e comportamentos, implica a tomada de consciência das mudanças ocorridas na estrutura familiar, escolar e social. A tendência em institucionalizar as actividades de tempo livre das crianças e jovens é um dos fenómenos mais intrigantes do fim deste século. O esforço em manter a criança intelectualmente activa e corporalmente passiva implica uma atenção especial por parte dos especialistas ligados à educação e à saúde. A necessidade de actividade física e jogo espontâneo nesta fase de desenvolvimento é crucial, se não mesmo decisiva na delimitação de hábitos saudáveis para uma vida activa.

As crianças e os jovens demonstram de forma regular, uma sistemática necessidade de actividades motoras vigorosas em diversos contextos da sua vida quotidiana em dinâmicas formais e informais. Estas actividades (posturais, locomotoras e manipulativas), são decisivas em todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem de habilidades motoras e capacidades físicas, seguindo um aperfeiçoamento progressivo em termos quantitativos e qualitativos. Tais actividades apresentam um significado profundo em termos de necessidades biológicas e sociais, sendo realizadas habitualmente (dependendo da ambivalência do comportamento dos adultos) com grande prazer e entusiasmo.

A atitude lúdica associada ao desenrolar destas actividades motoras, conferem a exercitação da função e sentido de intencionalidade que, sendo imediatas, permitem ao ser humano uma relativa e confortável capacidade de adaptação ao longo da vida em relação aos desafios do seu envolvimento físico e social.

As ligações entre jogo e a actividade física têm sido pouco estudadas ou mesmo negligenciadas.

Esta ideia de estudar o jogo segundo uma concepção biológica e social, retomando e actualizando as teorias clássicas, deve-se à constatação de mudanças significativas no tecido social e a constrangimentos existentes nas culturas de vida das crianças e jovens dos nossos dias. É um facto que as possibilidades de acção (independência ou autonomia de mobilidade) da criança e do jovem, têm vindo a diminuir drasticamente como consequência de um estilo de vida padronizado. A promoção do jogo e actividade física na vida da cidade e da escola, deverá constituir-se como um indicador decisivo de qualidade de vida.

No entanto, segundo Jarez (2002, p. 90) devemos ter sempre presente que “nem a escola é responsável por todos os males que afligem a sociedade, nem constitui a tábua de salvação que nos livra de todos eles”.

Por se ter consciência da falta de sensibilização que existe para a valorização do espaço e tempo de recreio, como um meio importante para a promoção da actividade física e da socialização pretende-se no desenvolvimento deste estudo, realizar uma avaliação e reflexão sobre esta problemática.

O estudo apresentado desenvolveu-se numa escola do 1.º ciclo do ensino básico com Jardim de Infância, da rede pública, situada numa freguesia limítrofe da cidade de Lisboa, no concelho de Loures, com uma história recheada de grandes mudanças sociais.

A recolha de dados para a caracterização da escola e do número de acidentes ocorridos nos três anos lectivos de 2001/02, 2002/03 e 2003/04 foi efectuada nos arquivos existentes na escola.

Para a recolha dos dados dinâmicos efectuaram-se inquéritos por questionário a todos os professores e AAE a exercerem funções na escola e a todos os alunos a frequentar as turmas do 4.º ano de escolaridade no ano lectivo de 2003/04. Além dos inquéritos por questionário efectuaram-se três entrevistas semi-estruturadas a três personalidades ligadas à problemática em estudo: ao animador social que se encontra este ano lectivo a dinamizar o tempo e espaço de recreio na escola; a uma professora do 1.º ciclo a exercer funções de apoio educativo e a uma AAE que exerce funções nesta escola desde a sua inauguração, sendo portanto grande conhecedora da sua realidade.

Esta investigação procura centrar-se nos tempos livres das escolas, em particular nos recreios, por sabermos que é onde a criança passa um tempo significativo do seu horário escolar e em que estabelece importantes relações sociais e onde as práticas agressivas são por vezes muito frequentes. Para Pellegrini (cit. por Pereira, Beatriz, 2002, p. 113) “As crianças passam uma parte substancial do dia no recreio onde escolhem livremente os colegas de brincadeiras e as actividades a realizar. O comportamento das crianças no recreio tem fortes implicações no seu desenvolvimento”.

Revisão da literatura

Após ter sido formulada a problemática do projecto de investigação pretendeu-se atingir uma certa qualidade de informação sobre o objecto a estudar, o tempo e espaço de recreio nas escolas do 1.º ciclo, e encontrar as melhores formas de o abordar, através do trabalho exploratório. As leituras serviram antes de tudo para obter informação sobre as investigações já efectuadas sobre o tema do trabalho e para o situar em relação a elas, perspectivando a nova contribuição que se poderá obter com esta investigação. (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 85)

Ao iniciar este trabalho tinha-se consciência que seria pouco provável que este assunto nunca tivesse sido abordado mas, no entanto, constatou-se que existiam poucas referências directamente relacionadas com esta problemática.

A escolha das leituras foi realizada com muito cuidado, porque o investigador dispõe sempre de um tempo limitado, e sentiu esse tempo de certa forma demasiado curto em relação às suas expectativas e anseios.

A bibliografia adoptada para a investigação efectuada foi toda aquela que aborda nomeadamente as Metodologias da Investigação Científica, Epistemologia na Investigação Educacional, Projecto Educativo de Escola, Autonomia de Escolas, Sistema Educativo em Portugal, Profissão de Professor, Legislação, Espaços de recreio e de lazer, O jogo no desenvolvimento da criança; Violência e Sociologia da Educação.

Começou por fazer-se uma leitura selectiva, através da chamada leitura em diagonal. Em cada texto tentou compreender-se e reter só o que é essencial para a investigação.

Para cada livro ou documento seguiram-se três tipos de análise:

- Análise textual - tentando descobrir de uma forma global a abordagem do autor;
- Análise temática – avaliando o que trata o texto: objectivos, posições assumidas e conclusão apresentada pelo autor;
- Análise interpretativa - observando a coerência e validade dos argumentos, qual a profundidade no tratamento do tema e o alcance das suas conclusões para assim avaliar as ideias defendidas pelo autor.

Ao longo da pesquisa bibliográfica elaboraram-se fichas bibliográficas, com citações integrais de um excerto, sem falhas, com o resumo de um parágrafo ou simplesmente com anotações de ideias sugeridas pela leitura, nunca esquecendo de anotar a página ou páginas, pois segundo Quivy & Campenhoudt (1998, p. 57) “O principal objectivo da leitura é retirar dela ideias para o nosso próprio trabalho”.

Nesse sentido foram estabelecidos procedimentos, para que essas consultas não resultassem em tempo perdido, mas antes numa mais valia para o que se pretendeu investigar.

Após a realização da pesquisa referida no parágrafo anterior, verificou-se que pedagogos e especialistas em educação referiam-se pouco ao tema que se pretende desenvolver, motivo pelo qual foi necessário proceder a uma investigação exaustiva sobre o tema em questão.

Foram efectuadas pausas para reflectir, interpretar e trocar opiniões com outras pessoas envolvidas nesta problemática.

Teve-se o cuidado de recolher textos que apresentassem abordagens diversificadas do fenómeno estudado. Perante a escassa literatura existente e as opções feitas, uma das limitações na análise bibliográfica foi valorizar determinadas abordagens relacionadas com o tema, evidenciando a importância do jogo na formação e desenvolvimento da criança, de forma a poder desenvolver-se o estudo da problemática. Durante a pesquisa bibliográfica pretendeu-se através da leitura retirar ideias para o trabalho, tentando compreendê-las em profundidade e articulá-las entre si de uma forma coerente, seguindo a opinião de Quivy & Campenhoudt (1998, p. 57) “Ler um conto é uma coisa, compreendê-lo e reter o essencial é outra.”

Estrutura da dissertação

Tendo em mente o objecto da presente dissertação, delineou-se a sua organização ao nível da apresentação escrita, em duas partes, para além da introdução, bibliografia e anexos:

Na parte I é apresentada a fundamentação teórica do estudo, em conformidade com os objectivos traçados, através de uma revisão genérica da literatura existente sobre os espaços e tempos de recreio que está organizada em três pontos.

Ponto 1 - Espaços e tempos de recreio

1.1 - Enquadramento legal

1.2 - Gestão dos espaços e tempos de recreio

1.3 - O jogo e o tempo livre

Ponto 2 - Violência e acidentes nos espaços e tempos de recreio

2.1 - Segurança

2.2 - *Bullying*

Ponto 3 - Intervenientes nos espaços e tempos de recreio

3.1 - Alunos

3.2 - Auxiliares de acção educativa

3.3 - Professores

Foi efectuada uma análise pormenorizada da investigação sobre esta problemática, salientando-se os estudos levados a efeito por investigadores como Amado & Freire (2002), Domingues (1995), Jarez (2002), Pereira & Pinto (2001), Perrenoud (2002) e Pereira (2002) que se revelaram determinantes para a concretização do estudo que agora se apresenta.

Na parte II é apresentado o objecto deste estudo e as opções metodológicas seguidas (ponto 4) através da definição de pressupostos, definição de objectivos fundamentais e questões de estudo (4.1) e a estratégia metodológica de recolha de dados da investigação (4.2). Ainda nesta parte é descrita a metodologia adoptada para a análise que se pretende efectuar designadamente as técnicas e instrumentos usados na recolha de dados; as técnicas de interpretação; as estratégias de controlo previstas e o papel do investigador.

No ponto 5, é apresentada a análise, interpretação e discussão dos dados, depois de efectuada a caracterização da escola de intervenção no estudo, feita através da consulta de documentos escritos e registos, caracterizando-se o meio/comunidade, os recursos físicos, o regime de funcionamento, a caracterização da população escolar e a caracterização do pessoal docente e pessoal não docente; o Projecto Educativo de Escola (PEE) e o Regulamento Interno da Escola (RI).

Seguidamente no ponto 5.2, é feita a análise e interpretação dos acidentes ocorridos nos anos lectivos de 2001/02, 2002/03 e 2003/04 segundo cinco variáveis: sexo, horário escolar, espaço físico da escola, período escolar e ano de escolaridade. É efectuada uma análise comparativa dos acidentes ocorridos no ano lectivo de 2001/02, 2002/03 e 2003/04 segundo as variáveis definidas e, por fim, uma análise comparativa da soma dos acidentes nos três anos lectivos, segundo as mesmas variáveis.

No ponto 5.3 é apresentada a análise e a interpretação dos questionários efectuados aos professores.

No ponto 5.4 é apresentada a análise e a interpretação dos questionários efectuados aos alunos.

No ponto 5.5 é feita a análise e a interpretação dos questionários efectuados aos auxiliares de acção educativa.

Este tratamento é feito a todas as questões dos questionários através do cruzamento com os outros dados recolhidos.

No ponto 5.6 é apresentada a síntese das três entrevistas (5.6.1, 5.6.2 e 5.6.3), bem como a análise comparativa dos dados por elas fornecidos (5.6.4).

Por último são apresentadas as conclusões finais, as limitações encontradas e as recomendações para futuros trabalhos. Face aos resultados obtidos e às questões de estudo inicialmente delineadas ir-se-ão infirmar ou confirmar as questões de estudo levantadas.

Um trabalho de investigação em educação tem como propósito principal, tentar a partir de um problema, investigar e identificar as suas causas e consequências. Após a análise dos resultados, as conclusões retiradas e as limitações identificadas, poderão ser delineadas algumas recomendações, de forma a que outros trabalhos futuros encontrem outras verdades, dentro da mesma problemática.

Numa investigação em educação é mais importante o processo que o resultado. Neste trabalho os dados recolhidos apresentam-se sob a forma de palavras, cheias de significado, analisadas em toda a sua riqueza, porque a fonte de recolha dos dados foi feita através do contacto directo, tendo-se assim

decidido trabalhar todos os dados recolhidos, porque todos foram considerados importantes para o desenvolvimento do trabalho.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Espaço e tempo de recreio
 - 1.1 Enquadramento legal
 - 1.2 Gestão do espaço e tempo de recreio
 - 1.3 O jogo e o tempo livre
2. Violência e acidentes no espaço e tempo de recreio
 - 2.1 Segurança
 - 2.2 *Bullying*
3. Intervenientes no espaço e tempo de recreio
 - 3.1 Alunos
 - 3.2 Auxiliares de Acção Educativa
 - 3.3 Professores

1. ESPAÇO E TEMPO DE RECREIO

Os recreios são tempos entre as actividades lectivas que podem decorrer em espaços físicos exteriores das escolas ao ar livre ou cobertos, ou no interior das escolas, onde as crianças podem agir livremente entre as actividades lectivas. Estes espaços foram pensados para descontrair e relaxar, porque se sentiu a necessidade da sua existência tanto para os professores, como para os alunos.

Às crianças, nos recreios, é-lhes dada a oportunidade de trocar experiências, brincar, competir, manter relações sociais, criar ou fortalecer laços de amizade com os parceiros da aula ou escola, nos jogos da bola, da macaca, da apanhada e tantos outros.

Numa entrevista publicada no semanário Revista Visão, o professor catedrático Carlos Neto, da Faculdade de Motricidade Humana, (Neto, 2003, p. 20), especialista em desenvolvimento motor e que coordena na mesma faculdade o mestrado de Desenvolvimento da Criança, ao ser questionado se “O recreio não é relevante para o jogo, para a actividade física?”, afirma que: “É uma figura importantíssima. É o único momento que a criança portuguesa tem para fazer amigos e gozar o tempo livre. É o espaço mais rico da escola. Mas está mal tratado – parece que é uma coisa fora da sala de aula. O recreio deve ser um espaço interessante, com qualidade, com equipamentos e supervisores”.

O espaço e tempo de recreio tiveram actividades e finalidades ou objectivos diferentes ao longo dos tempos. Quando as escolas eram distintas, as femininas e as masculinas, as brincadeiras eram também distintas. Nas escolas femininas eram só permitidas brincadeiras que se achavam “apropriadas” para as meninas: brincar à roda, cantar, saltar à corda, jogar à

cabra-cega, enquanto que nas escolas masculinas: se jogava à bola, ao berlinde, às corridas.

No livro, *Memórias da Escola Primária Portuguesa*, onde se podem ler importantes registos de pessoas conhecidas do nosso meio político, intelectual e social, Maria José Nogueira Pinto (cit. por Pereira, Sara, 2002, p. 201) recorda: “Nos intervalos brincávamos no pátio aos jogos habituais que eram a linguagem comum da infância, com pedrinhas, cordas ou um desenho feito a giz no chão. A frequência era só de meninas, algumas que eu não conhecia”, também António Augusto Simões Rodrigues (cit. por Pereira, Sara, 2002, p. 31) recorda que “Nos recreios, os jogos variavam conforme a época. O pião teve o seu tempo, tal como a malha ou as corridas de estafeta, o arco, a corda para jogos de tracção e outros que já não me recordo. O futebol, jogado com uma bola de pano, era apesar de tudo o que mais nos entusiasmava”. Também João Simas (cit. por Pereira, Sara, 2002, p. 133), escreve: “Os intervalos eram também uma alegria: corríamos, jogávamos “à inteira”, às escondidas, às touradas, ao pião e ao berlinde, enquanto as raparigas, no outro recreio, cantavam, faziam rodas e outras coisas “estranhas” a que nós não dávamos importância”.

Estes curtos depoimentos demonstram como o tempo de recreio fica nas nossas recordações, e retratam bem que na época dos anos 50-60, os tempos e espaços de recreio das nossas escolas primárias tinham fortes diferenças do recreio das escolas equivalentes ao grau de ensino actual. Os recreios eram separados, porque as escolas eram divididas em escolas femininas e escolas masculinas e as brincadeiras eram também distintas. Mas o mais notável de referir é que a imagem do tempo de recreio permanece nas memórias, realçando-se a sua importância e valor na formação das crianças.

Com a extinção da separação das escolas femininas e masculinas, passaram a existir as escolas mistas e a diferença das brincadeiras foi-se dissolvendo. Nos tempos actuais, as brincadeiras já não são tão diferenciadas entre os rapazes e as raparigas. Continua, no entanto, a notar-se uma apetência pelos rapazes para brincadeiras mais violentas, que tem como

explicação a influência da carga cultural. Segundo Spodek (2002, p. 251), os rapazes, mais do que as raparigas, praticam jogo violento. “Os rapazes também parecem ser socializados para se envolverem no jogo violento, mais do que as raparigas. Os pais, mais do que as mães, envolvem-se em jogo violento com os filhos, especialmente se são rapazes...”.

Embora a violência seja natural no homem, sendo culturalmente mais evidente no sexo masculino do que no sexo feminino, também o homem aprendeu que, como ser social que é, esta tem de ser limitada, moldada, de modo a que este não seja um ser selvagem, mas um ser social e adaptado dentro de um grupo de semelhantes com os mesmos direitos e deveres.

Esta aprendizagem é feita a partir do dia do nascimento. Todos os gestos e atitudes tomadas durante o crescimento de cada criança vão ensinando a moldar a sua agressividade às emoções que vai vivendo. Uma criança que é educada num ambiente agressivo será certamente um adulto agressivo. A educação é feita nos três ambientes da criança: família, escola e sociedade. A família é o primeiro grande pilar, o grande responsável pela formação da criança e a escola, tendo em conta a estrutura das novas famílias, tem uma importância cada vez maior na formação da criança e o seu papel na educação da criança extravasa a mera transmissão do saber. Quando se fala em escola, não se fala no espaço de sala de aula, mas na escola em todo o seu espaço. Noutros tempos, a escola resumia-se somente à sala de aula, à transmissão do saber em que o professor tinha a função de transmitir o conhecimento. Nos tempos de hoje, a educação já é feita dentro e fora da escola e da sala de aula, mudando assim a sua função.

O espaço do recreio também se alterou com a nova perspectiva de escola. A escola tem hoje em dia uma grande carga socializadora, se tivermos em conta os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Segundo Delors, (1996, p. 59) “A socialização de cada indivíduo e o seu desenvolvimento pessoal não devem ser coisas antagónicas. Deve tender-se para um sistema que procure combinar as vantagens da integração e o respeito pelos direitos individuais”.

Será oportuno referir aqui, ao falar-se em socialização, o “Manifesto 2000” para uma cultura da paz e da não-violência, em que, um grupo de prémios Nobel da Paz, reunidos em Paris por ocasião da celebração do 50.º aniversário da Declaração dos Direitos do Homem, criou o Manifesto 2000 para uma cultura da paz e da não-violência, tornado público, em Paris, no dia 4 de Março de 1999, em que se incentiva o compromisso individual de:

1. Respeitar todas as vidas;
2. Rejeitar a violência;
3. Libertar a minha generosidade;
4. Saber ouvir para se compreender;
5. Preservar o planeta;
6. Reinventar a solidariedade.

A sensibilidade para incentivar as boas vivências é a grande preocupação mundial. As tecnologias avançam num grande frenesim, mas os valores humanos estão em decadência, o que preocupa os países considerados mais desenvolvidos, porque começaram a perceber que se os mais ricos se não preocuparem com os mais pobres e se criarem cada vez maiores desigualdades e não se respeitar a vida de todos e do planeta, a insegurança mundial aumenta.

Esta sensibilização terá de ser feita primeiro dentro dos pequenos grupos comunitários, da família, da escola, do bairro, da freguesia, do concelho, etc.

O espaço e tempo de recreio constituem momentos privilegiados no cumprimento deste desígnio e daí a preocupação dos nossos dirigentes, visível na legislação existente, tanto em relação à sua gestão e organização, como em relação à segurança e ao tipo de equipamentos.

1.1 ENQUADRAMENTO LEGAL

A 2 de Abril de 1976, a Assembleia Constituinte aprova e decreta a Constituição da República Portuguesa, onde são garantidos os direitos fundamentais dos cidadãos. No seu artigo 9.º, alínea d) estabelece que são tarefas fundamentais do Estado, “Promover o bem-estar e qualidade de vida do povo e a igualdade real entre os portugueses...” “

O artigo 66.º, ponto 1, garante que todos têm o direito a um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado e o dever de o defender, e no ponto 2, assegura-se o direito ao ambiente, e comprometendo-se o Estado a criar e desenvolver reservas e parques naturais e de recreio.

No artigo 70.º garante-se que os jovens gozem de protecção especial para efectivação dos seus direitos económicos, sociais e culturais, referindo a alínea d) a educação física e o desporto e a alínea e) o aproveitamento dos tempos livres.

Em relação aos tempos e espaços de recreio existem outros documentos legais aprovados pela Assembleia da República.

Existem Circulares, Despachos e Decretos-Leis que dão orientações sobre como deve ser feita a sua gestão e organização, implementando as normas de segurança dos equipamentos e dos espaços de recreio.

O Despacho Conjunto n.º 25/SERE/SEAM/88, de 2 de Agosto, que regulamenta a organização das actividades escolares, no capítulo III - Regime de funcionamento das escolas do 1.º Ciclo, no ponto 9, define que o regime normal tem um horário semanal de 25 horas, distribuídas de segunda a sexta-feira, no período da manhã, das 9 às 12 horas e com uma duração total de intervalos de 20 minutos e no período da tarde das 14 às 16 horas e com uma duração total de intervalos de 15 minutos.

No ponto 9.1 é estipulado que, sem prejuízo de período lectivo, o conselho escolar poderá alterar o horário tipo, prevendo a alínea d) que os intervalos dos períodos da manhã e da tarde não podem ser alterados no total da sua duração e serão distribuídos de acordo com as necessidades das

turmas, sendo estas alterações passíveis do consentimento dos encarregados de educação, segundo o ponto 9.2.

O ponto 10 define que o regime duplo tem um horário semanal de 25 horas, distribuídas, de segunda a sexta-feira, sendo o turno da manhã, das 8 às 13 horas e o turno da tarde, das 13 horas e 15 minutos às 18 horas e 15 minutos e com uma duração dos intervalos de qualquer dos turnos de 30 minutos.

Este despacho conjunto determina a duração dos tempos de recreio e a sua variação de acordo com os horários de funcionamento.

A Circular n.º 82/92, de 9 de Setembro, da Direcção Geral dos Ensino Básico e Secundário (DGEBS) emanada para as escolas e delegações escolares sobre o lançamento do ano lectivo 1992/93, na página 2, no capítulo intitulado “Orientação e vigilância dos recreios no Ensino Básico”, (Alterações ao ofício Circular n.º 40/81, de 19 de Outubro, da DGEBS), define como devem ser entendidos os tempos de recreio, sobretudo para as crianças que frequentam o 1.º Ciclo, a sua importância e como deve ser feita a vigilância, podendo ler-se: *“Os tempos destinados ao recreio constituem para as crianças, sobretudo aos que frequentam o 1.º ciclo, momentos privilegiados para o exercício de práticas socializadoras que envolvem o desenvolvimento de competências nos planos de gestão de conflitos, da regulação de afectos, da criação de sentimentos de pertença ao grupo, bem como da gestão de actividades de forma autónoma e democrático.”* Neste ponto é assegurada a importância do tempo de recreio, salientando-se a importância na socialização da criança. Em relação aos professores acrescenta que: *“Para os professores, os recreios constituem, por sua vez, momentos que favorecem o conhecimento do comportamento dos alunos.”* É também estabelecido nesta circular como deve ser feita a gestão e organização dos espaços e tempos de recreio. *“..., o espaço de recreio deve ser um momento liberto da interferência dos adultos, devendo garantir-se, por um lado, a vigilância e a segurança das crianças e, por outro, uma pausa nas actividades dos professores.”*

Perante esta dualidade de situações em que tem de ser assegurada a vigilância das crianças e a sua segurança e uma pausa nas actividades dos professores, propõe-se que no que concerne à gestão do tempo escolar este seja definido *"... em cada escola, pelo conselho escolar, a quem compete a organização e funcionamento dos recreios dos alunos, tendo em consideração que:*

- 1. O funcionamento do recreio é da responsabilidade de todos os professores da escola, no que são apoiados pelos auxiliares de acção educativa.*
- 2. É recomendável que as regras de funcionamento dos recreios sejam definidas com a participação dos alunos, respeitando-se o carácter livre que as actividades devem revestir.*
- 3. O Conselho Escolar decidirá quais os professores e elementos do pessoal auxiliar que, diária ou semanalmente, acompanharão os recreios.*
 - 3.1 Não sendo necessária a presença de todos os professores no recreio, é, contudo, imprescindível a sua presença no espaço escolar.*
 - 3.2 As orientações apresentadas pretendem o desenvolvimento e participação dos diversos elementos implicados na vida escolar, sendo certo que as características específicas de cada escola determinarão necessariamente soluções distintas e práticas diferenciadas."*

Esta circular confirma a importância que deve ser dada ao tempo de recreio, a importância que este tempo representa para a socialização das crianças e a necessidade de ser assegurada a vigilância e segurança das crianças neste tempo e espaço da escola. Perante a dualidade de objectivos que poderá ter o tempo de recreio, por um lado a pausa entre nas actividades lectivas para os professores e, por outro lado, assegurar o direito à vigilância e segurança dos alunos, esta circular propõe que a organização deste tempo deve ser da responsabilidade do Conselho Escolar, envolvendo assim todos os

professores na organização deste tempo, e na responsabilidade do seu funcionamento.

Este documento é importante e fornece orientações precisas sobre a organização e funcionamento do tempo de recreio, mas sendo uma *circular* a sua validade tem a duração de um ano. Não houve qualquer outro tipo de documento emitido pela administração educativa sobre esta questão, tendo sido revogado com o Decreto-Lei n.º 115-A /98 em que passam a ser os órgãos de gestão das escolas a definir o funcionamento e organização destes tempos. No entanto, tendo em conta que não houve mais regulamentos sobre o funcionamento do tempo de recreio nas escolas do 1.º ciclo é de referir que a importância desta circular continuou a servir de orientação para as escolas.

O Decreto-Lei n.º 379/97, de 27 de Dezembro, aprova o Regulamento que estabelece as condições de segurança a observar na localização, implementação, concepção e organização funcional dos espaços de jogo e recreio, respectivo equipamento e superfícies de impacto, para que se exerça o direito a brincar em segurança, corolário do direito a brincar expresso no artigo 31.º da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, perante o vazio legal existente.

Este Decreto-Lei foi criado na sequência do elevado número de acidentes. Segundo o Sistema Europeu de Vigilância de Acidentes Domésticos e de Lazer, ocorrem 4000 acidentes por ano, tendo este número como referência apenas os casos que necessitam de recorrer à urgência hospitalar, o que leva a crer que o número global de acidentes ocorridos será mais elevado. Este diploma tem como objectivo alterar esta realidade, abrangendo todo e qualquer espaço de jogo e recreio, respectivo equipamento e superfícies de impacto, localizados em jardins públicos, na proximidade de edifícios habitacionais, em parques temáticos de diversão, em zonas de recreação, em instituições de educação (jardins de infância, espaços de recreio de escolas, creches).

Como se afirma no Art.º 2.º deste diploma legal, este regulamento aplica-se a todos os espaços de jogo e recreio de uso colectivo, e respectivo

equipamento e superfícies de impacto, destinado a crianças, qualquer que seja o local de implantação.

Como espaço de jogo e recreio entende-se toda a área destinada à actividade lúdica das crianças, delimitadas física ou funcionalmente, em que a actividade motora assume especial relevância e por equipamento de espaço de jogo e recreio, os materiais e estruturas, incluindo componentes e elementos construtivos, incluindo espaços de jogo e recreio, com os quais ou nos quais as crianças possam brincar ao ar livre ou em espaços fechados, individualmente ou em grupo (Art.º 3.º).

Como obrigação geral de segurança (Art.º 4.º) os espaços de jogo e de recreio não podem ser susceptíveis de pôr em perigo a saúde e segurança do utilizador ou terceiros.

Além do Decreto-Lei n.º 379/97, o Despacho Conjunto n.º 115/97, de 3 de Julho, determina os meios necessários à prevenção e protecção em caso de acidente. De entre esses meios reveste-se de particular importância o seguro escolar, actuando na dupla vertente da prevenção e da protecção do aluno em caso de sinistro escolar e constituindo um todo no plano de apoio sócio-educativo aos alunos, no âmbito de cobertura garantida pelo seguro escolar, bem como assegurar os direitos e deveres do sinistrado. São abrangidas pelo seguro escolar as crianças matriculadas e a frequentar o ensino oficial nos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e os alunos do ensino básico e secundário, incluindo o profissional e artístico, os alunos dos estabelecimentos de ensino particular e cooperativo em regime de contrato de associação e ainda os que frequentam cursos de ensino recorrente e de educação extra-escolar realizados por iniciativa ou em colaboração com o Ministério de Educação.

Posteriormente, em 23 de Maio de 2003, é aprovado o Decreto-Lei n.º 100/2003, que aprova o Regulamento das condições técnicas e de segurança a observar na concepção, instalação e manutenção das balizas de futebol, de andebol, de hóquei e de pólo aquático e dos equipamentos de basquetebol existentes nas instalações desportivas de uso público. Este

regulamento surge pela urgência na adopção de um objecto regulamentador na instalação, manutenção e conservação das balizas, fundamentado na gravidade dos acidentes que, de um modo reiterado, têm vitimado crianças e jovens por todo o nosso país. Este normativo estabelece uma obrigação geral de segurança que deve ser cumprida, durante a colocação dos equipamentos desportivos como durante todo o período da sua utilização. São ainda estabelecidas obrigações de informação, através de um manual de instruções e da disponibilização de algumas informações úteis, nos espaços onde se encontram instalados os equipamentos desportivos. Determina o mesmo Regulamento a obrigatoriedade de celebração de um seguro de responsabilidade civil por danos causados em consequência de uma deficiente instalação ou manutenção dos equipamentos desportivos.

O enquadramento legal do espaço e tempo de recreio definido através destes despachos e decretos-lei, torna bem patente a sua importância e a preocupação legal com a segurança dos seus espaços e equipamentos. Estas preocupações podem não estar bem interiorizadas na comunidade educativa e o facto de estar tudo explícito na legislação poderá não ser suficiente, se não for levado ao conhecimento dos diferentes intervenientes implicados nesta problemática: pais, alunos, professores, órgãos de gestão, auxiliares de acção educativa, enfim toda a comunidade educativa, cada um com a responsabilidade que lhe é inerente.

É importante a existência da legislação, mas certamente que de nada servirá se não for divulgada e se esta não for considerada importante por quem tem de a aplicar ou fazer aplicar.

As escolas devem sentir que uma das suas acções de autonomia é fazer com que a legislação se cumpra dentro da sua realidade e cultura de escola. A legislação é um importante apoio de regras para o bom funcionamento, que deve ser interpretada e aplicada de acordo com as necessidades de cada escola.

A gestão dos espaços e tempos de recreio é da responsabilidade dos órgãos de gestão da escola, segundo as linhas orientadoras da legislação referenciada.

1.2 GESTÃO DO ESPAÇO E TEMPO DE RECREIO

Para que o espaço de recreio funcione o melhor possível deve preparar-se o espaço e estruturas para o efeito. Deve, em todo o caso, ter-se em conta a idade da criança, as suas características físicas e mentais, bem como os seus interesses.

Para se organizar o espaço há que ter em conta certas características básicas:

Físicas: referentes ao espaço e ao tempo nos quais os recreios se desenrolam. Em relação ao espaço, deve ter-se em conta o tipo de terreno e a sua delimitação, os elementos que se encontram fixos e igualmente pensar nos novos elementos que se podem incorporar. Relativamente ao tempo, deve considerar-se as características climáticas (muito sol no Verão e chuva no Inverno) e a sua duração.

Técnicas: referentes ao desenvolvimento dos recreios, aos seus participantes e às normas; por isso deve reflectir-se sobre o número de crianças e o espaço existente, o número de supervisores; as idades envolvidas, as regras, os responsáveis pelos equipamentos e pela supervisão, as regras, entre outros aspectos básicos.

Educativas: referentes aos objectivos educativos que desenvolvam os âmbitos cognitivo, psicomotor, afectivo e social, fundamentalmente.

Os espaços são outro elemento a ter em conta ao planificar os tempos de recreio que condicionará a tipologia das actividades a desenvolver e o número de utentes:

- Espaços interiores

Devem adaptar-se às características físicas e psicológicas das crianças, assim como às suas necessidades. Nas escolas do 1.º ciclo do ensino básico começa a desenvolver-se o jogo simbólico; por este facto, deve dispor-se de espaços variados, permitindo o desenvolvimento de lugares diferentes entre si.

- Espaços exteriores

O espaço exterior escolhido influenciará a aplicação de determinadas actividades. Elementos como a água, a terra, a areia, as pedras ou a relva podem estimular enormemente a actividade lúdica no que se refere à quantidade e à qualidade. O espaço deve dispor de condições de higiene e de segurança e a sua utilização pode ser limitada em determinadas épocas do ano devido à temperatura e a outras condições climáticas. O espaço aberto estimula sobremaneira as actividades físicas e desportivas.

Há que ter em conta também os equipamentos que estimulam o jogo e contribuem para fomentar o desenvolvimento físico, emocional, mental e social da criança. Um equipamento é um objecto elaborado expressamente para jogar e entreter que deve incluir sempre uma função lúdica e educativa.

A ludoteca é um importante espaço recreativo-cultural, especialmente concebido para as crianças e para os adolescentes, e que contribui para o desenvolvimento da personalidade através do jogo e do brinquedo. Possibilita, favorece e estimula o jogo infantil, oferecendo aos seus utentes tanto os elementos materiais necessários (brinquedos, material lúdico, espaço fechado ou aberto) como as orientações, ajudas e companhia que se exigem para o jogo. O utente da ludoteca pode conseguir brinquedos ou jogos em regime de empréstimo e pode jogar com um brinquedo ou também existe a possibilidade de contar com a colaboração de um ludotecário ou animador infantil.

A primeira referência a uma ludoteca foi encontrada na cidade de Los Angeles no ano de 1934, por uma cidadã norte-americana de origem alemã, a Senhora Infield.

Em 1960 a Unesco lançou a ideia no âmbito internacional e, a partir desse momento, começaram a desenvolver-se algumas ludotecas na Europa, na América, na Ásia e na Oceânia. Existem, nomeadamente, ludotecas de bairro, de zona, ligadas a centros cívicos que acolhem outras associações, ou mesmo em escolas, autocarros, etc., porque este conceito generalizou-se em diferentes espaços e variedades temporais.

Uma ludoteca, para se projectar como elemento lúdico e educativo, segundo as suas possibilidades reais, deve ter em conta uma série de funções básicas:

- Pedagógica, como estimuladora da linguagem, facilitadora do desenvolvimento da personalidade;
- Social, pode obviar problemas económicos a nível lúdico em crianças social e economicamente desfavorecidas;
- Comunitária, oferece uma boa comunicação com outras crianças, com o(a) ludotecário(a), etc..
- Comunicação familiar, pode facilitar o contacto entre diferentes membros da família e níveis etários;
- Animação, oferecendo actividades abertas ao bairro em que podem habitar os utentes da ludoteca;
- Formadora, de pais dando orientação para compra de brinquedos, indicações para o seu uso, etc.

É do conhecimento geral que na maioria das escolas do 1.º ciclo do ensino básico os espaços de recreio são desertos, pouco interessantes e pouco variados. Segundo alguns investigadores grande parte das atitudes agressivas ocorre no recreio e, uma das formas de intervir de forma positiva, será introduzir melhoramentos nesses espaços.

Para Carlos Neto (cit. por Pereira B., 2002, p. 126) “Os recreios das escolas portuguesas são fonte de problemas, apresentando equipamentos reduzidos e espaços pobres, não tendo impacto positivo nas actividades livres da criança”.

Será necessário tomar consciência do valor potencial dos recreios e lançar-lhe um novo olhar. Algumas razões podem estar relacionadas com as práticas agressivas no recreio, relativamente aos espaços físicos, nomeadamente a ausência dos espaços, a sobrelotação das escolas e em particular dos recreios, a marginalização de algumas crianças e a falta de oportunidades que favoreçam o bem-estar de cada um.

As escolas, por vezes, são construídas com áreas de recreio reduzidas, desertas, sem qualquer embelezamento.

Os espaços de recreio das escolas são utilizados para as seguintes finalidades:

- Para tempos de recreio que medeiam actividades lectivas;
- Para fins curriculares (Educação Física);
- Para ocupação de tempos livres na falta do professor (2.º e 3.º ciclo e secundário);
- Para ocupação dos períodos livres nos horários devido aos regimes duplos (tarde e manhã).

Para se conseguir melhorar a qualidade dos espaços de recreio será importante ponderar na reduzida hospitalidade ambiental destes locais e ter em conta as possibilidades de acção, conforto estético, aventura, sociabilização e vegetação. Pinto (2002, p. 175) refere que “Se as mudanças a introduzir na escola forem mal introduzidas, vão ser um obstáculo e nunca um recurso da própria evolução da escola”.

Ao pretender valorizar-se os espaços de recreio é necessário elaborar um projecto de acordo com os recursos disponíveis, com objectivos precisos e a mobilização de todos, incluindo toda a comunidade educativa.

Poderão existir várias possibilidades de planificar os melhoramentos:

- A diversificação geral do espaço de recreio, criando áreas para as várias actividades e introduzindo equipamentos lúdicos para promover práticas de actividade lúdica;
- A criação de áreas de convívio e repouso mais calmas e acolhedoras;
- O interesse pela conservação da natureza, tais como jardins, hortas pedagógicas, etc.;
- O embelezamento em cooperação com artistas da comunidade, alunos e docentes centrados no melhoramento do aspecto visual do envolvimento com pinturas de murais e esculturas;
- A percepção do valor da preservação do meio ambiente e a importância que reveste para valorizar estes espaços.

O melhoramento dos espaços de recreio poderá alterar os comportamentos das crianças, assim como estimular brincadeiras que visem responder às suas necessidades de desenvolvimento. Um espaço de recreio frio, sujo, sem qualquer tipo de cuidados poderá suscitar comportamentos agressivos, e como tal provocar acidentes. É do conhecimento geral que o espaço físico influencia o estado psicológico. Um espaço físico frio, triste e abandonado poderá criar uma sensação fria, desolada e as crianças ao não terem respostas adequadas para um comportamento feliz e equilibrado, poderão responder muitas vezes de uma forma agressiva, com comportamentos desequilibrados. É certo que não será o espaço físico que por si só poderá desencadear e influenciar os comportamentos, mas poderá ser significativa a sua influência. Para Beatriz Pereira (2002, p. 98) “Uma boa imagem de escola e um bom clima não é possível se a escola não possuir espaços de recreio agradáveis”. No âmbito de dar qualidade aos espaços de recreio, Pereira (idem, p.190) considera que “Os melhoramentos dos recreios e a diversificação dos espaços permite práticas de acordo com as motivações dos alunos. É indispensável equipar uns espaços ao gosto das crianças mais novas e outros dos mais velhos, dos rapazes e das raparigas. Dar acesso à

utilização de pequenos equipamentos nos recreios e incentivar as crianças a trazer os seus próprios equipamentos portáteis (cordas, elásticos, bolas, pião, etc.), sobretudo jogos que possibilitem a cooperação entre as crianças”.

O espaço e tempo de recreio devem ser sentidos como um espaço da escola, e não como por vezes se pensa como um espaço de “ninguém”, onde não é necessário interferir, onde não há regras, nem investimentos.

O projecto educativo das escolas deve ser um meio por onde se vincule a importância destes espaços com definição de actividades e objectivos explícitos.

No projecto educativo de escola, devem estar projectados os problemas da escola, como deve ser feita a sua intervenção de forma a melhorar, a suprimir com os meios existentes, humanos e físicos, as falhas sentidas pela comunidade educativa e a mesma comunidade educativa deve estar envolvida, sentir e acreditar na necessidade de se intervir, onde, quando e como. Os tempos e espaços de recreio deveriam constar nos projectos educativos de escola, porque são espaços e tempos de escola, que fazem parte do processo de aprendizagem.

Se questionarmos as crianças sobre o espaço e tempo de recreio este será para a sua maioria um espaço que elas gostam e valorizam, e se o bem-estar das crianças deve ser a principal preocupação da gestão da escola e de toda a comunidade educativa, então deverá ser repensada a atitude que a escola tem para com estes espaços e passar a sentir o recreio como um espaço da escola.

O tempo livre das crianças é passado quase na sua totalidade nos espaços de recreio. Através do jogo livre ou dirigido as crianças aprendem a realizar as suas aprendizagens cognitivas e sociais.

1.3 O JOGO E TEMPO LIVRE

Jogar/brincar é uma das formas mais comuns de comportamento do ser humano, nomeadamente durante a infância, tornando-se uma área de grande atracção e interesse para os investigadores no domínio do desenvolvimento humano, educação, saúde e intervenção social. Perante isto, o estudo do jogo na perspectiva do desenvolvimento da criança e do adolescente pode ser considerado no âmbito da investigação nas ciências sociais.

Os estudos de investigação sobre o jogo são motivo de interesse nos últimos tempos, um interesse que tem aumentado na comunidade científica juntamente com a movimentação internacional sobre a defesa do direito da criança ao jogo e ligada a múltiplos projectos de intervenção.

Este interesse poderá ainda estar ligado a diversos factores: ao aparecimento de periódicos especializados sobre o jogo, livros temáticos e meios de divulgação e informação sobre experiências realizadas em vários locais e regiões espalhadas pelo mundo; à realização periódica de seminários, encontros, congressos e conferências relacionadas com o papel que o jogo pode desempenhar no desenvolvimento humano; à integração crescente do conhecimento disponível sobre o jogo no comportamento evolutivo dos homens e animais como área fundamental de formação de professores e outros técnicos ligados à criança em cursos de formação graduada e pós-graduada; à criação de centros de investigação e estudo da actividade lúdica relacionados a projectos sobre concepção de equipamentos e materiais de jogo, listagem de comportamentos lúdicos em contextos diversificados e impacto do jogo na educação e terapia em populações especiais; à criação de museus dedicados ao brinquedo, jogos tradicionais e outras iniciativas ligadas ao património lúdico-cultural na sua dimensão histórica e antropológica; ao desenvolvimento de serviços e estruturas comunitárias, escolares e de assistência social, dedicadas ao desenvolvimento de equipamentos lúdicos, criação de espaços verdes, espaços de lazer e espaços de jogo para crianças; ao aparecimento do fenómeno da indústria ligada à fabricação de brinquedos e equipamentos de

jogo (criança consumidora), tornando-se um dos fenómenos comerciais mais singulares deste fim de século, considerando a sua concepção, produção, comercialização, consumo e segurança e às mudanças progressivas dos estilos de vida familiar e a alteração das rotinas de vida quotidiana dos filhos na gestão do espaço e tempo livre, associada a constrangimentos relacionados a uma diminuição de autonomia e independência de mobilidade no contexto social (insegurança, intensidade de tráfego e ausência de espaços de jogo). Carlos Neto (cit. por Pereira & Pinto, 2001, p. 32-33)

As crianças quando transitam do ensino pré-escolar para o ensino básico, entram numa instituição onde o jogo, o brincar é pouco valorizado. A escola oferece às crianças poucas oportunidades de praticarem actividades lúdicas auto-dirigidas. Essas oportunidades, quando existem, estão geralmente reservadas ao recreio, durante os intervalos das actividades lectivas. Para Spodek (2002, p. 257), as crianças, a um nível mais básico, gostam muito de brincar e para algumas pessoas isso pode ser justificação suficiente para a sua inclusão nas escolas. “Porém, como mais valia, o jogo parece ser algo de instrumental no desenvolvimento social e cognitivo das crianças”, sendo, segundo Spodek (2002, p. 256), “as formas de jogo mais comumente observadas em 3 períodos da infância: a exploração na 1.^a infância; a fantasia na etapa pré-escolar; e o jogo violento no ensino básico”.

O jogo tem, assim, particularidades diferentes de acordo com as idades. Uma criança na 1.^a infância faz, através do jogo, as suas primeiras descobertas do mundo que a rodeia, a idade pré-escolar é a idade da fantasia em que a criança gosta muito de imitar, de brincar ao faz-de-conta e, posteriormente, começa a gostar de jogos mais violentos em que começa a exprimir a sua particularidade agressiva. E mais refere Spodek (2002, p. 249) “Na verdade, à medida que a frequência da fantasia vai decrescendo nos primeiros tempos do ensino básico, o jogo violento aumenta de frequência. O jogo violento parece representar um nível intermédio entre a fantasia e os jogos com regras.”

É de repensar e considerar a importância do jogo no ensino básico, tendo em conta a opinião de Spodek ao afirmar que o ensino básico representa uma fase de transição do jogo violento para o jogo com regras.

Se não é dada a oportunidade a cada criança de viver e estruturar bem esta fase, será difícil conseguir viver a fase seguinte de uma forma equilibrada. A gestão dos recreios terá certamente de considerar a sua importância na formação das crianças, pois, como afirma Spodek (2002, p. 251), “O aspecto da política escolar relevante para o jogo violento é o papel dado ao intervalo no currículo escolar. Uma importante variável política que afecta o jogo violento é a quantidade de tempo que as crianças estão «confinadas» ou mantidas dentro das salas, com muito pouca actividade física, antes do intervalo”.

Numa investigação experimental realizada por Pellegrino com crianças do ensino pré-escolar e do ensino básico, este sugere que quanto mais tempo as crianças estiverem fechadas, mais irrequieto será o seu comportamento lúdico ao ar livre. Spodek (2002, p. 257) refere ainda “As crianças precisam de um intervalo, tal como os adultos precisam de paragens ao longo do dia de trabalho. Além disso, o que as crianças fazem durante o intervalo é «educativo» na medida em que aprendem a adoptar perspectivas diferentes, a cooperar e a comunicar com os pares”.

O jogo é uma actividade que o ser humano pratica ao longo de toda a sua vida e que vai para além das fronteiras do espaço e do tempo. É uma actividade fundamental no processo evolutivo que fomenta o desenvolvimento das estruturas intelectuais e uma forma privilegiada de transmissão social. Durante muito tempo o jogo constituiu um aspecto da vida muito menosprezado. No âmbito escolar, é uma presença considerável, mas à medida que os alunos crescem, menos tempo dedicam a esta actividade. É preciso dizer que o jogo cumpre a satisfação de certas necessidades de tipo psicológico, social e pedagógico e permite desenvolver uma grande variedade de destrezas, de capacidades e de conhecimentos.

Muitos conteúdos curriculares podem e devem ser tratados através do jogo e o professor tem muito a dizer, uma vez que deve potenciar e dar aos alunos a possibilidade de estes levarem a cabo actividades de jogo.

Os conceitos de jogo, tempo de jogo ou espaços de jogo evoluíram ao longo do tempo. Hoje em dia, admite-se que o jogo cumpre diferentes funções no processo evolutivo da pessoa. Em fins do século XIX e princípios do século XX o jogo começa a ser tomado em consideração por parte dos psicólogos e pedagogos a partir de uma dimensão evolutiva infantil.

O desenvolvimento sensorial e motor contribuem enormemente para a evolução, maturação e aprendizagem do bebé, da criança e do adulto.

A motricidade é a área que estuda o movimento e a cada idade corresponde uma capacitação particular para desenvolver determinados movimentos ou para melhorar outros já assimilados. O desenvolvimento sensorial recompila a evolução dos diferentes sentidos do indivíduo.

Para Carlos Neto (cit. por Pereira, 2002, p. 33-34) tem-se descoberto e desenvolvido o interesse sobre o papel e valor do jogo no desenvolvimento humano. A partir de estudos científicos, por vezes utilizando dimensões multidisciplinares de estudo, chegaram a algumas conclusões:

a) O jogo promove o desenvolvimento cognitivo em vários aspectos: na descoberta, na capacidade verbal, na produção divergente, nas habilidades manipulativas, na resolução de problemas, em processos mentais e na capacidade de processar informação;

b) O empenhamento no jogo e os níveis de complexidade envolvidos no jogo provocam alterações na diversidade das operações mentais;

c) A criança aprende a organizar a linguagem através do jogo, ao brincar com verbalizações generaliza e adquire novas formas linguísticas;

d) A cultura humana é transmitida através do jogo. Esquemas lúdicos e formas de jogo passam de geração em geração, adulto para a criança, e de criança para criança;

e) As habilidades a nível motor são desenvolvidas através do jogo por processos pedagógicos, nas aquisições escolares.

1.3.1 O jogo e o desenvolvimento cognitivo

Existe uma grande relação entre a estrutura mental do indivíduo e a actividade lúdica que desenvolve, cada vez mais complexa. Quando um bebé se encontra perante um objecto manifesta sobretudo o seu interesse em reconhecê-lo, em examiná-lo, em actuar sobre ele, observando as suas reacções e, pouco a pouco, vai construindo o seu conhecimento.

Piaget é um dos grandes autores que aprofunda este aspecto, incidindo nas funções de assimilação e acomodação, derivadas de uma estrutura cognitiva cada vez mais complexa e diferenciando os quatro estádios que servem como grandes marcos de referência: sensorio-motor (0-2 anos), pré-operacional (2-6 anos), operacional concreto (6-12 anos) e operacional abstracto (12 anos em diante).

1.3.2 O jogo e o desenvolvimento da afectividade

Através do jogo, o indivíduo projecta as suas emoções e desejos e, através da linguagem (oral e simbólica) manifesta a sua personalidade. As características próprias do jogo permitem à criança ou ao adulto expressar o que na vida real não é possível. Um clima de liberdade e de ausência de coacção é indispensável no decurso de qualquer jogo.

Numa primeira fase, a criança apenas se relaciona com o mundo através da afectividade, embora muito concentrada na relação com os pais e em especial com a mãe.

A afectividade, entendida como função íntima do indivíduo, contribui também, para assentar as bases de carácter social, pelo que muitos autores aglutinam afectividade e socialização num único tema.

1.3.3 O jogo e o desenvolvimento da socialização

A socialização é o processo que conduz cada indivíduo a integrar-se em núcleos sociais mais amplos e difere de pessoa para pessoa, devido às suas influências pessoais e ao ambiente em que se encontra.

Desde o nascimento que a criança se encontra rodeado de outras pessoas e o desenvolvimento das relações com os demais, em situação de jogo, é fundamental, uma vez que facilita o contacto com os outros e proporciona a multiplicidade de experiências. Os jogos em grupo promovem o desenvolvimento cognitivo, social e moral da criança, e potenciam a cooperação.

1.3.4 O jogo e o âmbito da saúde

O jogo inclui todas as aprendizagens tendentes a favorecer o crescimento físico harmonioso, bem como o funcionamento orgânico e o equilíbrio mental necessários para se conseguir um desenvolvimento saudável. Uma criança que brinca é uma criança saudável. Os jogos proporcionam saúde ao nível físico (flexibilidade, velocidade, resistência) e mental (atenção, concentração). As crianças e as pessoas necessitam de descarregar as tensões corporais, eliminar algumas emoções básicas como a ira e a ansiedade e também arranjar espaço para as pequenas preocupações quotidianas que surgem frequentemente. Para isso é fundamental o desenvolvimento físico, o contacto com o ar livre, a prática de algum desporto ou a vivência de jogos como actividades que contribuam para a oxigenação e relaxação da mente, e para colocar as pessoas acima dos problemas diários.

1.3.5 O tempo livre e o jogo

Jogo e tempo livre são duas realidades estreitamente relacionadas e que se enriquecem mutuamente. É precisamente a partir do tempo livre que se estão a colocar as aquisições mais significativas à teoria e à prática do jogo.

O acto de brincar permite representar o mundo adulto, por um lado e, por outro, relacionar o mundo real com o mundo imaginário. Este acto evolui a partir de três fases: divertir, estimular a actividade e incidir no desenvolvimento.

O seu último objectivo concentra-se na obtenção de prazer intrínseco por parte do jogador, embora às vezes, em determinados jogos se devam aceitar os reptos e superar obstáculos.

Não se pode esquecer a transcendência do jogo e do brinquedo na vida educativa da pessoa, desde a infância até à velhice. Socialmente aceita-se a importância do jogo na época infantil e juvenil, mas menospreza-se em idades mais avançadas.

Os brinquedos apoiam e orientam o jogo, potenciam-no e determinam-no. Fazem parte do currículo oculto na medida em que, através dele, as crianças e os jovens aprendem em plena consciência, tanto por parte do educador como do educando.

O tempo livre converteu-se num espaço para realização de actividades extra-escolares que envolvem objectivos diferentes, embora seja necessário assegurar o ócio e o entretenimento em todas elas. Muitas vezes este tempo livre deixa de o ser na realidade quando se propõe à criança destas idades a realização de uma série de actividades extra-escolares que não são senão situações mais ou menos organizadas por adultos ou jovens com o objectivo de iniciar ou aprofundar, em função da idade, na prática de actividades artísticas (música, trabalhos manuais, artes plásticas, dança), de algum desporto (natação, basquetebol, futebol ou outros), ou línguas e informática que, muitas vezes, se convertem no prolongamento de actividades académicas formais.

1.3.6 O papel da família e o tempo livre

É fundamental o papel que a família desempenha, tanto nas propostas como nas realizações, no que diz respeito à tipologia das actividades, ao grau de tensão que pressupõem para a criança estas actividades, assim como entender a necessidade de descanso e de relaxação do mesmo.

Estas actividades realizam-se de maneira muito independente e mesmo com um baixo controlo de qualidade por parte dos pais; e mesmo os responsáveis ou monitores das referidas actividades têm um contacto íntimo ou mesmo nulo com a família, pelo que se perde uma situação privilegiada, do ponto de vista da socialização, para conhecer em maior profundidade os próprios filhos ou filhas.

Ao considerar a possibilidade de os filhos realizarem alguma actividade extra-escolar, devem ter-se presentes os seguintes aspectos:

- Facilitar o desenvolvimento individual;
- Compartilhar emoções e vivências com outras pessoas;
- Partilhar na organização e funcionamento de um grupo;
- Oferecer novas possibilidades de actividades de lazer;
- Aprender a planificar em função de um tempo e um espaço determinados;
- Comprometer-se com a planificação de resultados alcançáveis;
- Aceitar o resultado, pensando mais na importância do processo do que no produto;
- Partilhar com o filho a escolha de uma actividade.

Ao pensar-se em espaços de recreio ou actividades extra-escolares não podemos esquecer a segurança que estes espaços/actividades oferecem, os problemas de violência e os acidentes inerentes a estes espaços.

SÍNTESE

O espaço e tempo de recreio estão previstos na legislação, a nível de organização, gestão e segurança dos espaços e equipamentos.

A ludoteca deve ser um espaço valorizado nos tempos de recreio, porque possibilita, favorece e estimula o jogo infantil.

Muitos conteúdos curriculares podem e devem ser tratados através de actividades lúdicas. Os conceitos de jogar/brincar, tempos livres e espaços e recreio evoluíram ao longo do tempo e transformaram-se. Actualmente, existe acordo ao afirmar que o jogo se converte num elemento fundamental para o desenvolvimento das crianças nos âmbitos sensoriomotor, cognitivo, afectivo, social e da saúde.

O acto de jogar/brincar permite por um lado representar o mundo adulto e, por outro, relacionar o mundo real com o imaginário. Este acto evolui a partir de três fases: divertir, estimular a actividade e incidir no desenvolvimento.

É fundamental o papel da família e da escola em relação à proposta e à realização de actividades de tempos livres nomeadamente no que se refere à tipologia das actividades, à duração das mesmas, etc. A escola e a família devem saber orientar a criança nestas actividades, bem como entender a sua necessidade de descanso e de relaxação.

Ao realizarem-se actividades extra-escolares, devem-se ter presentes alguns aspectos, como o facto de facilitar o desenvolvimento a nível individual, partilhar emoções e vivências com outras pessoas, participar na organização e no funcionamento de um grupo, oferecer novas possibilidades de lazer, aprender a planificar em função de um tempo e de um espaço determinados.

As actividades lúdicas podem classificar-se, segundo a actividade que se exerce (jogos sensoriais, psicomotores, intelectuais, sociais) e segundo a iniciativa da criança (jogo livre, estruturado ou dirigido).

Os espaços de recreio, exteriores ou interiores, devem atender a requisitos de carácter físico, técnico e educativo.

2. VIOLÊNCIA E ACIDENTES NO ESPAÇO E TEMPO DE RECREIO

2.1 SEGURANÇA

No espaço de recreio existe uma grande margem de risco de acidentes, que poderão ser controlados, mas dificilmente todos eliminados. A probabilidade de ocorrência de acidentes é grande. Se analisarmos alguns dos acidentes ocorridos nos nossos recreios verificamos que muitos poderiam ter sido evitados. A maior parte dos acidentes poderão decorrer da deficiente organização de espaço de jogo e condições de segurança dos equipamentos fixos ou semi-móveis (barras fixas, cordas suspensas, estado das superfícies de impacto, etc.), se não forem sujeitos a inspecções periódicas. Será necessário aceitar e identificar os riscos, consciencializando-nos, contudo, que as condições de controlo e as incertezas das práticas desportivas originam, muitas vezes, o acidente.

Em relação à segurança no espaço de recreio das escolas Carlos Neto (cit. por Pereira, 2002, p. 126) diz-nos que “Os recreios das escolas portuguesas são fonte de problemas, apresentando equipamentos reduzidos e espaços pobres, não tendo impacto positivo nas actividades livres da criança”.

As próprias características particulares dos pavimentos das áreas de actividade lúdica e desportiva deverão corresponder às exigências das práticas e obedecer às regras impostas pelo Decreto-Lei n.º 379/97, de 27 de Setembro. Os pisos de recreio, exclusivamente em terra batida, cimento ou alcatrão necessitam de ser repensados.

O vandalismo é um dos problemas com que se debatem as escolas e, habitualmente, os recreios são áreas muito penalizadas, o que será também necessário prevenir e combater. Através da colaboração das crianças, será

possível detectar algumas situações de vandalismo e identificar os transgressores uma vez que, segundo Fonseca (2002, p. 9), “a preparação para a vida social só pode fazer-se através da prática efectiva dessa mesma vida social”.

Os alunos deverão estar sensibilizados para o facto de que estão a assumir uma atitude cívica que favorece toda a comunidade educativa e a sua segurança. A prevenção do vandalismo deve ter o envolvimento de toda a comunidade educativa.

Pinto (2002, p. 65) defende que “Uma comunidade aprendente é um grupo de sujeitos que interagem entre si e partilham uma meta comum, que é o crescimento da e na aprendizagem para todos os seus membros”.

As escolas de hoje têm características muito próprias da realidade actual. Hoje, as nossas escolas são multiculturais, envolvem crianças de várias culturas, de vários estratos sociais, que acarretam problemas específicos: conflitos raciais, conflitos culturais, situações de racismo, de exclusão social, situações complicadas de agressão e violência. Perante este quadro é importante o papel da escola na parte sociológica da criança. A escola de outros tempos tinha uma carga sociológica muito diferente. As crianças que frequentavam as escolas eram todas da mesma cultura e estratos sociais idênticos. Hoje, a grande diversidade de culturas, de etnias, de linguagem, da carga informativa através dos meios de comunicação e do progresso tecnológico, leva a que a escola desempenhe um papel diferente, que seja uma escola activa, diversificada, atenta e inovadora.

A sociedade exige cada vez mais da escola mas a escola, por vezes, sente-se impotente perante determinadas situações, sem possibilidade de dar resposta aos inúmeros e constantes problemas, porque a escola sozinha não consegue, nem só a família, mas tem de ser um trabalho conjunto, que envolva família, escola e sociedade no seu todo.

Toda a comunidade educativa é afectada pelos comportamentos agressivos dentro do espaço escola de um grupo de crianças, seja no recreio

ou em qualquer outro espaço: o trabalho dentro da sala de aula pode ser atrasado e dificultado; a direcção da escola, funcionários e docentes são confrontados com os problemas de agressividade entre alunos e terão de procurar soluções adequadas para os problemas que estas situações acarretam; os alunos, em especial as vítimas, sofrem com estas situações, mas os observadores passivos e os próprios agressores também são igualmente afectados, uns e outros sofrem de imediato e a longo prazo.

A escola tinha como única função transmitir conhecimentos. O professor era o único senhor do saber. A escola actual deixou de ter essa imagem, porque o saber hoje é transmitido por inúmeras fontes: órgãos de comunicação, desde a televisão, rádio, *internet*, por inúmeros meios, que são mais apelativos, mais agradáveis para as crianças. A escola hoje tem de estar preparada para ser um suporte onde as crianças aprendam essencialmente a seleccionar a informação e a saber usá-la. É essencialmente um meio onde a criança convive e se forma socialmente, porque a todos os outros meios de informação e formação falta-lhes a parte sociológica, a parte emotiva que envolve o convívio entre pares. Se a escola não se aperceber desta sua importância e souber aplicá-la, as crianças cada vez mais se vão afastando dela e a senti-la como algo desnecessário.

É certo que esta função sociológica exige mais tempo, é mais trabalhosa, requer mais de cada um, maior envolvimento emocional, mas também é mais compensadora a nível emotivo. As nossas crianças hoje necessitam mais de afectos, porque a nossa sociedade cada vez mais tecnológica, as famílias menos estruturadas e mais ocupadas a nível profissional se desviam desta particularidade tão importante para o desenvolvimento equilibrado da criança. Os recreios são, sem dúvida, espaços e tempos importantes para essas vivências.

Beatriz Pereira (2002, p. 309) no seu trabalho sobre o estudo e prevenção de práticas educativas entre crianças diz-nos que “Existe outro espaço na escola a descoberto que é precisamente a supervisão dos recreios. Em vez de policiamento apostemos em incluir nos espaços de recreio

supervisores, numa perspectiva macro de gestão e controlo, que avaliem os espaços de recreio, que façam o levantamento dos potenciais problemas e das soluções possíveis. Pessoas que respeitem os alunos e se façam respeitar, que saibam ouvir os alunos e resolver com eles os seus problemas”.

As pessoas que estão nos espaços de recreio, sejam elas professores, auxiliares ou outros quaisquer supervisores, devem estar sensibilizados para a importância da gestão destes tempos, da riqueza que eles têm na formação da criança e no seu equilíbrio social e para os problemas que neles podem ocorrer, realçando-se aqui a problemática muito particular dos espaços de recreio, enquanto espaços de aprendizagem social.

2.2 BULLYING

As condutas anti-sociais formam um conjunto de acções e atitudes agressivas vocacionadas para provocar danos e incómodos aos outros. Nestas idades as agressões são frequentes e variadas. Não se trata de uma agressividade devida ao desejo de possuir brinquedos e pertences dos outros, como na idade pré-escolar. As agressões são mais variadas e intencionadas. As burlas, os insultos, as ameaças ou agressões físicas têm como objectivo intimidar, marginalizar ou estabelecer hierarquias. Para evitar a recusa e o isolamento do grupo há que saber de quem pode surgir um ataque físico, um insulto ou um comentário satírico. Há que ser capaz de antecipar o que pode acontecer para preparar a resposta; há que ter a capacidade de avaliar se, em função da situação, pode abstrair-se ou deve responder, e de que modo, à provocação.

Nestas idades desenvolve-se o conceito de amizade. Agora já se distinguem os amigos e os que não o são. Com os amigos, embora se zanguem, sabem que depois farão as pazes. Os amigos são os que convidam para casa, para brincar, têm gostos semelhantes e com eles partilham os

segredos. Antes, os amigos eram aqueles que deixavam brincar no seu grupo ou emprestavam os brinquedos, agora são os que defendem o seu companheiro, com quem se pode falar francamente. No seio do grupo aprendem-se formas mais maduras de resolução de conflitos. Enquanto na idade pré-escolar se responde de forma mais directa ou se necessita da ajuda de um adulto, as crianças do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico procuram soluções de compromisso ou provisórias; não se pede a ajuda de um adulto, embora possam intervir outros companheiros.

Um fenómeno actual de conduta anti-social muito comum nas escolas é o denominado por *bullying*.

Bullying é usar o poder ou força para intimidar ou perseguir outros. É a violência psicológica por meio de agressões verbais, isolamento social ou agressões físicas. Considera-se como caso tipo de *bullying* (não existe ainda tradução exacta em português) a humilhação entre iguais. Existem diferentes tipos de *bullying*: o físico, que consiste em bater, pontapear, roubar ou danificar bens alheios; o verbal, que é feito através do chamamento de nomes, provocar cruelmente, ameaçar e intimidar; e o relacional/psicológico que leva à exclusão social, espalhar rumores maliciosos, pôr fim à amizade propositadamente.

As vítimas de intimidação e chantagem recorrente (*bullying*) são normalmente pessoas indefesas e incapazes de motivarem outras para agirem em sua defesa. Trata-se de um problema que afecta as nossas escolas, comunidades e toda a sociedade. Segundo alguns investigadores sobre a problemática da violência nas escolas, estas situações na sua maior parte, ocorrem no recreio. Os factores que levam a que estas situações ocorram no espaço de recreio parecem estar associados a: restrições nos recreios e consequente aborrecimento dos alunos; falta de diversificação da oferta; ausência de supervisão; sobrelotação dos recreios resultantes de factores organizacionais, dificuldades de gestão do tempo e a ausência de competências sociais que facilitem o jogo, como a cooperação, o conhecimento e a aceitação da regra ou a imposição de regras que não servem os alunos, não são compreendidas nem aceites por estes. Muitas vezes é a arquitectura

dos espaços que não toma em consideração as necessidades das crianças. (<http://www.iec.uminho.pt/cedic/textos/bully/15.htm>)

Espaços demasiado isolados podem também estar associados a algumas práticas graves de *bullying*.

Para que as situações de *bullying* sejam evitadas é necessário que se tome consciência de como acontecem e quando acontecem, de forma a evitá-las. Nos espaços de recreio houve sempre e haverá sempre conflitos, tem é de se saber identificar o tipo de conflito, agressão. Para Amado et al. (2002, p. 18) “No que respeita à observação e à gestão do comportamento, é absolutamente elementar o desenvolvimento da capacidade de detectar precocemente se a criança está ou não a comportar-se agressivamente, ou seja, ser capaz de distinguir maus tratos entre iguais e jogo rude (brincadeiras mais agressivas). O supervisor deverá ainda saber identificar os locais de recreio onde é mais provável ocorrer o *bullying* na escola onde trabalha, estar especialmente atento às crianças que andam sozinhas, tomar sistematicamente claro aos alunos, e de forma consistente, quais são os comportamentos que não são tolerados e ter uma atitude de encorajamento dos comportamentos socialmente positivos”.

Beatriz Pereira (2002, p. 99) considera que “A agressividade nas escolas começa a preocupar os docentes e as direcções das escolas. O *bullying* é reconhecido pela escola como um problema real para o qual é necessário encontrar solução”.

As situações que se registam nas escolas de comportamentos desviantes por vezes com fortes características negativas e preocupantes, são de todos o maior problema da nossa sociedade, e não são mais que o espelho da sociedade actual. A sociedade está ciente desta realidade e muito se tem investigado e escrito sobre a realidade das nossas crianças, sobre como dar resposta a esta problemática. Mas, enquanto toda a comunidade não se envolver e remar na mesma direcção, ou enquanto cada um estiver voltado para si, preocupar-se somente consigo e não sentir que é um problema de todos, será difícil ou impossível travar esta batalha.

Para Jarez (2002, p. 9) “Aprender a conviver não é apenas um requisito formal das leis que nos regem, mas também uma necessidade inadiável de todo e qualquer projecto educativo, quer da família quer do sistema educativo no seu conjunto, sem esquecermos os meios de comunicação”.

Esta constatação obriga a que seja feita uma grande reflexão sobre os recreios escolares, a nível dos espaços, das práticas e tipos de comportamento individual e social que lá ocorrem. As investigações sugerem que a ocorrência de *bullying* não só causa considerável sofrimento aos alunos individualmente, mas, também tem influências nefastas no clima da escola. As crianças vítimas, necessitam de um sistema de protecção e de realizar treino assertivo, e aquisição de competências sociais.

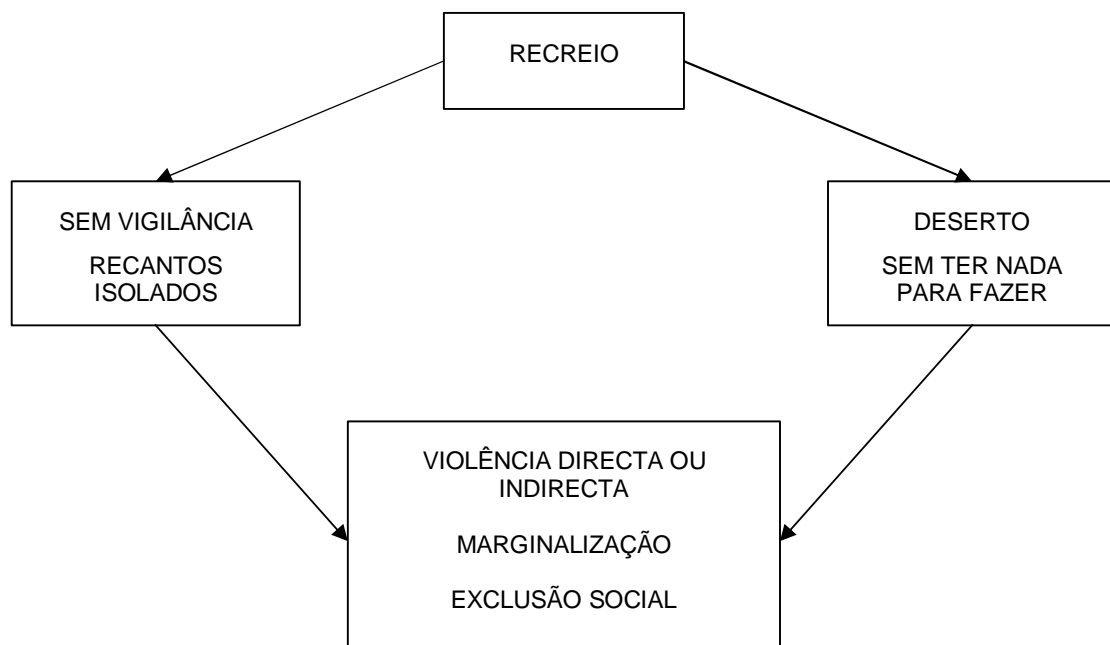
Uma das razões para justificar o nível de *bullying* nos recreios da escola, pode ser a ineficácia da supervisão. Incrementar a supervisão nos recreios pode ajudar a prevenir o *bullying*, ainda que esta medida isolada não seja suficiente. Recorrer à supervisão como forma de policiamento não é a melhor resposta para reduzir ou prevenir. O *bullying* é uma categoria complexa do comportamento. Assume diferentes formas, algumas das quais não envolvem qualquer contacto físico. Estas práticas de agressividade, não são facilmente controladas com a presença de mais adultos nos recreios, pois na maior parte das vezes, estas manifestações de comportamento não são observadas pelos supervisores. Outro factor que dificulta a supervisão dos recreios é a sua arquitectura. Muitos recreios são difíceis, senão impossíveis de supervisionar. A supervisão dos espaços e tempo de recreio é fundamental, mas deve ser feita de uma forma organizada, deve ser feita a análise e avaliação dos tipos de problemas existentes dentro de cada escola e os supervisores devem ter formação para saber como agir, porque os problemas por vezes não são facilmente detectáveis, mas de uma grande complexidade.

O estabelecimento de relações cordiais entre supervisores e alunos pode assumir maior relevo do que grande número de supervisores. Há, de facto, boas razões para supor que a relação de confiança entre supervisores e

alunos ajudam a reduzir os níveis de agressividade entre as crianças pois, muitas vezes, estas têm relutância em dizer ao adulto que foram agredidas.

Pereira & Pinto (2001, p. 192) constata que “A maior parte das vítimas não contam ao professor que são alvo de agressões no recreio, o medo de represálias ou o gozo dos colegas e professores pode ser a explicação” Com o melhoramento das relações educador/aluno, as crianças têm mais apetência para comunicar as práticas de agressividade.

Figura 1 - O recreio como espaço conflitual



Fonte: (<http://www.iec.uminho.pt/cedic/textos/bully/15.htm>)

Na análise deste esquema, constata-se que a situação de violência, de marginalização e exclusão social nos espaços de recreio estão directamente relacionados com a falta de vigilância e/ou com a existência de recantos isolados e com os espaços de recreio desertos e sem oferta de actividades variadas e interessantes. Amália Rebelo Marques (cit. por Pereira & Pinto, 2001, p. 185) refere em relação aos acidentes diários durante os tempos livres dos alunos que um aumento de supervisão num espaço de recreio melhorado pode provocar uma queda notável no número de acidentes.

Para Amado et al. (2002, p.16-17) a maior parte das situações de *bullying* ocorrem nos pátios de recreio, especialmente nas escolas do 1.º ciclo do ensino básico e nas escolas onde se registam situações de grande incidência de *bullying*, observam-se crianças tristes que se isolam nas horas de recreio. O autor constata também que na maior parte das nossas escolas regista-se uma grande falta de supervisão por parte dos adultos no recreio. Na maior parte das vezes a única presença existente é a das AAE e quase sempre em número insuficiente para o desempenho da função de supervisão tendo em conta o espaço e o número de crianças. Amália Rebelo Marques (cit. por Pereira & Pinto, 2001, p. 185) considera que “A supervisão do recreio é essencial para diminuir o nível de agressividade que acontece na escola visto que a maior parte dos incidentes agressivos acontece no recreio”. Sobre os equipamentos é referido que num estudo feito numa escola do 1.º ciclo em que foram facultadas às crianças experiências em quatro tipos de recreio: 1 - Vazio; 2 - Com supervisão; 3 - Com materiais; 4 - Com supervisão e com materiais, verificou-se que mesmo a simples introdução de materiais fez baixar a percentagem de vítimas de agressão, se bem que a introdução simultânea de supervisores e de materiais se tenha revelado mais positiva.

A segurança é um dos factores principais dos tempos e espaços de recreio, quer em relação aos espaços, aos equipamentos e aos comportamentos. A supervisão e as ofertas de actividades estão muito relacionadas com a segurança.

SÍNTESE

A etapa que abrange a idade dos 6-7 anos aos 11-12 anos corresponde a um período importante da escolaridade obrigatória. As crianças atingem-na com algumas aquisições básicas e, ao longo da mesma, têm lugar novas e importantes aquisições.

O desenvolvimento dá-se em diversos âmbitos: emocional e social, cognitivo, físico e psicomotor. Em cada um deles, a criança apresenta determinados comportamentos.

No âmbito das emoções e da socialização já adquiriu uma capacidade de simulação que o leva a controlar as emoções. O controlo das mesmas permite-lhe entrar num mundo de relações com os outros, em que partilha actividades, conhece a amizade e adquire referências que o ajudarão a conhecer-se e avaliar-se. No contexto de grupo surgem alguns problemas de relação, aparecem comportamentos anti-sociais, aprende-se a lidar com os conflitos e produzem-se algumas manifestações altruístas ou pró-sociais.

A segurança na escola é importante para o desenvolvimento equilibrado da criança. As situações de agressividade sempre existiram nos espaços escolares, mas é cada vez mais preocupante o aumento da insegurança que existe nas nossas escolas.

O *bullying* é um fenómeno recente, que existe dentro dos espaços das nossas escolas e muito particularmente no espaço de recreio.

O espaço de recreio é um espaço de socialização, que precisa urgentemente que sejam avaliadas as condições de segurança, e quais os factores que originam as situações de violência: falta de vigilância; falta de equipamentos ou os dois factores em simultâneo.

3. INTERVENIENTES NO ESPAÇO E TEMPO DE RECREIO

3.1 OS ALUNOS

Os alunos sentem o espaço e tempo de recreio como o melhor tempo de todo o tempo passado na escola, porque todas as crianças gostam de brincar, de se sentir livres, de correr, de jogar, de despender toda a grande carga energética que lhes é própria e particular. E todas as crianças têm o direito de brincar, de se sentirem seguros, protegidos e respeitados na sua integridade física. Pereira & Pinto (2001, p. 193) consideram que " O recreio é visto de uma forma muito positiva independentemente das suas características, a maioria dos alunos (os rapazes em maior percentagem) gosta ou adora o recreio, visto que este é o espaço onde brincam, conversam e fazem coisas diferentes das da aula." A escola como local de formação não se pode esquecer destes direitos e proporcionar às crianças o seu direito mais fundamental: o de ser feliz.

Os espaços existentes para as crianças desenvolverem a sua actividade física ou lúdica são nas nossas cidades limitados. Em certas comunidades residenciais ou também conhecidas por áreas sociais localizadas, pode constatar-se, em muitos casos, em zonas públicas da habitação, geralmente no rés-do-chão, pontos de encontro de crianças e também entre adultos. É normalmente no átrio ou "hall" de entrada, passeios e espaços adjacentes à habitação, que as crianças inicialmente satisfazem as suas necessidades de jogo e independência de acção. Este espaço de convívio, de socialização e de jogo e aventura tem vindo a decrescer de importância nos quotidianos das crianças em meio urbano, devido aos constrangimentos relacionados com o aumento do tráfego automóvel, violência e insegurança.

Esta cultura de rua é fundamental no processo de desenvolvimento da criança, nomeadamente em experiências de jogo informal, decisivas nas aquisições motoras, perceptivas e sociais. O aumento progressivo de sedentarismo infantil é proporcional à diminuição da qualidade ambiental em termos de condições e oportunidades de jogo livre. Pode constatar-se pelas rotinas de vida das crianças, que a gestão do tempo escolar e o tempo adicional passado em actividades organizadas ou institucionalizadas, não permitem às crianças o uso do tempo considerado verdadeiramente livre (espontâneo), consequência provável das transformações urbanas e da construção de imaginários de segurança que os pais têm na educação dos filhos. A rua é um espaço potencial de jogo que está em desaparecimento progressivo da cultura lúdica infantil.

Toda a propriedade habitacional deverá seguir a legislação que determina qual o espaço que deverá ser reservado para o jogo e actividade física das crianças e jovens. A densidade populacional associada à densidade de tráfego automóvel, tem vindo a transformar os estilos de vida das crianças nas grandes cidades. Os percursos entre a habitação e a escola e vice-versa e o conjunto de experiências individuais ou de grupos de amigos, em função do espaço físico disponível, seguem uma orientação adaptável a essas mudanças no tecido urbano.

A capacidade de autonomia de mobilidade face ao envolvimento físico, permitirá o desenvolvimento das representações cognitivas do espaço físico, o desenvolvimento da liberdade e autonomia em jogo, a descoberta do envolvimento e o seu funcionamento, a descoberta das relações com o mundo adulto, o sentido de descoberta e a resolução de problemas, o desenvolvimento de hábitos saudáveis na vida activa e a prática do jogo e actividade física, essenciais para o equilíbrio emocional e psicológico. Esta percepção das possibilidades de acção não se confina apenas ao facto de a criança poder ir para a escola sozinha, mas também a um nível de independência mais vasto: poder brincar fora de casa, visitar amigos, ir a clubes ou associações, ir às compras, etc..

Apenas uma pequena percentagem de crianças faz os trajectos (escola, rua, etc.) com autonomia pessoal, com ligeira superioridade para as crianças do sexo masculino e do meio rural.

Perante esta realidade começam a ser criadas ruas de jogo ou ruas residenciais. Trata-se de locais onde se pode circular convencionalmente e em condições de segurança, jogar, passear, conversar, fazer actividade física, tornando agradável a vida da cidade. Em certos países iniciaram-se outros projectos relacionados com o encerramento de ruas ao trânsito durante os fins-de-semana (Argentina) ou ruas de jogo organizadas com a intervenção de animadores de jogo (Holanda).

A independência de mobilidade das crianças nos meios urbanos, está deste modo, associada a uma série de factores complexos, que passam por uma boa definição de decisões governamentais e municipais sobre políticas centradas na infância e adolescência. O espaço para o jogo e actividade física com autonomia pessoal na cidade do futuro, inclui a reabilitação da rua como lugar de encontro, a reorganização dos locais de transição com qualidade ambiental e a renovação do espaço de recreio na escola numa perspectiva diferente da actual. Em todas estas situações, é impossível pensar num tempo e espaço padrão como a única alternativa. É urgente procurar novas linguagens e outros modelos de referência mais apropriados ao mundo actual para compreendermos as necessidades de jogo e actividade física de crianças e jovens.

Durante as duas últimas décadas temos vindo a assistir a significativas mudanças na estrutura familiar e uma progressiva necessidade de institucionalizar os tempos livres das crianças.

Muitas delas, experimentando as consequências de uma família dividida ou vivendo com pais trabalhadores, passam muito tempo sós ou em espaços previamente organizados. A dificuldade de gestão do tempo de vida das crianças é um fenómeno mais evidente nos grandes centros urbanos, criando as condições para o aparecimento progressivo de instituições privadas e públicas dedicadas à organização dos tempos livres.

Pais e educadores assumem, em grande parte dos casos, o lazer como jogo e acreditam que as actividades recreativas, desportivas ou artísticas organizadas pelos adultos são boas alternativas ao jogo livre e espontâneo. Os pais acreditam no sistema e forçam as crianças a participar nele. O tempo escolar anda a par da institucionalização do tempo livre. Verifica-se que o nível de importância atribuído pelos pais na escolha das actividades para o preenchimento dos tempos livres dos filhos, está dependente de vários factores: habilitação académica, classe social, constituição da família, experiências anteriores, local de habitação, distância do local de trabalho, horários referentes à prática das actividades e dificuldades económicas. Na maior parte dos casos não são coincidentes as relações entre práticas realizadas e práticas preferidas pelas crianças que têm os seus tempos livres organizados

Quanto às actividades não orientadas fora de casa, as rotinas diárias são muito dispersas, quando consideramos o meio social a idade e o sexo.

O envolvimento exterior à sala de aula tem mobilizado alguns investigadores interessados na concepção de espaços de recreio, supervisão do tempo de jogo e na implementação de experiências de jogo e actividade física nos intervalos das aulas segundo o modelo curricular existente nas escolas. Os espaços de recreio e a prevenção do *"bullying"* na escola, constituem actualmente áreas de investigação urgentes, implicando a definição de estratégias adequadas à melhoria da qualidade de jogo das crianças.

A gestão do tempo de vida das crianças é hoje um problema sério das Sociedades Modernas. As rotinas de vida encontram-se relacionadas com uma padronização crescente dos estilos de vida (familiar, escolar e social). O tempo de permanência na escola associado aos hábitos televisivos e tempo de actividades institucionalizadas extra-escolares, permitem deduzir um modelo de vida demasiadamente estruturado e propenso a um estilo de vida sedentário. Algumas diferenças são encontradas nos modos de vida das crianças do meio rural, que apesar de maiores hábitos televisivos, têm mais tempo livre para brincarem.

Um estilo de vida saudável acontece quando é possível manter um padrão consistente de comportamento adequado às restrições biológicas individuais e em particular de acordo com os obstáculos do envolvimento físico e social de vida. A importância de um envolvimento de jogo e actividade física associado a hábitos saudáveis de vida, tem vindo a ser demonstrado em trabalhos de investigação relacionados com a saúde. Jogo e qualidade de vida necessitam de ser descobertos e reinventados. A qualidade de interacção parental assume-se como outra variável importante neste processo, associado à melhoria da qualidade dos espaços/equipamentos e uma nova atitude quanto ao conceito de tempo de jogo.

As crianças, quando transitam do ensino pré-escolar para o ensino básico, deparam com uma realidade por vezes muito diferenciada. Enquanto que no Jardim de Infância, a aprendizagem é feita quase na sua integridade através do jogo, no ensino básico este deixa de ser valorizado. A escola não dá às crianças a oportunidade de aprenderem através de actividades lúdicas auto dirigidas. A aprendizagem é feita de uma forma muito formal, dentro do espaço físico da sala de aula. As oportunidades que as crianças têm de praticarem actividades lúdicas, de jogar, são reservadas ao recreio, durante os períodos de intervalo das actividades lectivas.

Para Fonseca, (2002, p. 15) “É certo que as escolas são apenas uma das muitas oportunidades de formação cívica de que um aluno dispõe, mas o aumento de tempo de permanência na escola e o próprio aumento da escolaridade exigem que as instituições educativas se adaptem a novas funções e desenvolvam, nesta matéria, um esforço de articulação com a comunidade, que é, em si mesmo, um recurso pedagógico de grande riqueza”. Neste contexto, o repensar das ofertas que educativamente possam responder às necessidades das crianças e jovens no que concerne ao seu tempo livre deve merecer a atenção das diferentes instituições comunitárias, ocupando a escola, naturalmente, um lugar de relevo.

Os recreios poderão ser vistos pelas crianças como locais para medir forças e estabelecer relações de poder. Será importante sentir esta atitude pelo

lado positivo e estar atento de forma a educar a criança na sua formação social, de forma a fazê-la sentir que os colegas devem ser respeitados e qual a forma acertada de resolver os problemas de forma democrática, responsável, solidária, respeitando os direitos e deveres de cada um, dentro de uma cidadania esclarecida.

Ensinar a criança que, dentro das possíveis atitudes a tomar na resolução de conflitos, que ambas as partes devem sair vencedoras, porque se assim não for, o conflito só irá ser adiado e não resolvido. O professor deverá ensinar a resolver o conflito e sempre que possível de uma forma assertiva, porque só assim ambos ficarão a ganhar. Cunha (2001, p. 123) considera que “A assertividade pode ser entendida como a capacidade que uma pessoa tem de, num dado processo de interação social, defender os seus sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos de maneira directa, firme e honesta respeitando, simultaneamente, os sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos dos outros e sem experimentar demasiada ansiedade”.

Amado (2002, p.17) refere que o espaço de recreio “Este deve ser um espaço de construção de liberdade e autonomia, no qual as crianças podem beneficiar do facto de se envolverem em brincadeiras colectivas na ausência de uma orientação próxima do adulto”. Os espaços de recreio poderão proporcionar à criança a oportunidade de aprender a lidar com as várias formas de conflitos e aprender a proteger-se de situações conflituosas. Os recreios não deverão ser fortemente supervisionadas, como também não deverão ter uma exagerada falta de supervisão, deverá encontrar-se o equilíbrio de modo a desenvolver-se uma missão de qualidade na educação das crianças. Segundo João Amado (2002, p. 17-18) “Os jogos no recreio podem também proporcionar à criança a oportunidade de, por ela própria, aprender a lidar com várias formas de conflito e de se proteger de eventuais maus tratos dos seus companheiros”.

Os recreios são espaços importantes para a criança mostrar a sua personalidade, a sua forma de sentir e para a sua própria formação. O recreio é um espaço privilegiado, onde as crianças poderão dar a conhecer os seus medos, as suas angústias, mas também a sua alegria. Um comportamento

agressivo, ou um comportamento em que a criança se isole, não partilhando as brincadeiras com os colegas, são certamente sinais importantes de que algo poderá não estar bem.

Todos reconhecemos os papéis do professor e do aluno, apresentando o primeiro um carácter institucional e formal do poder, enquanto o papel do aluno é, sobretudo, de acatar as regras, aprender o que lhe é ensinado e adoptar comportamentos que favoreçam a aprendizagem.

Para Beatriz Pereira, (2002, p. 113) “O recreio é uma espécie de um pequeno mundo marginal à escola onde esta relação de poder assume novos contornos; e onde professores e alunos assumem novos papéis”.

A criança, no seu tempo e espaço de recreio, vai estabelecer com os colegas papéis diferentes dos que toma no dia-a-dia na sala de aula. Na sala de aula, ele acata as ordens do professor, no espaço de recreio, ele vai tomar decisões e estabelecer relações de poder e vai ser neste trocar de relações que ela se vai desenvolvendo socialmente: o saber decidir, o saber ceder, o saber cumprir, o saber perdoar e o saber ser feliz. Para Cunha (2001, p. 223) “...a conduta assertiva distinguir-se-á da conduta agressiva, pois a última caracteriza-se pela expressão de sentimentos, atitudes, desejos, opiniões e direitos de um indivíduo que não toma em consideração essas mesmas características nos outros”.

Beatriz Pereira (2002, p. 126) afirma “O jogo é um meio excepcional de ajudar a criança a expressar-se, permitir testar as capacidades e encorajar a tomada de decisões. O jogo permite perceber a ordem e a desordem, a organização e o caos, o equilíbrio biológico e os sistemas sociais”.

Através do jogo a criança vai entender que tem de cumprir regras, todos os jogos têm as suas regras e se as não cumprir, o jogo entra num caos, tem de saber tomar decisões, por vezes muito rápidas e difíceis mas sempre importantes para o sucesso do jogo e empenhar-se para a vitória e, se não conseguir a vitória, saber perder e aprender a melhorar. Todo o jogo, por mais simples que seja, envolve sempre etapas fundamentais para a aprendizagem social do indivíduo. O homem, como ser social nato que é, não consegue viver

sozinho e, portanto, desde que nasce começa a estabelecer relações sociais que o vai formar como cidadão responsável, livre e democrático e, para além da família, a escola é o principal responsável pela sua formação. Para Amado (2002, p. 17-18) “Os jogos no recreio podem também proporcionar à criança a oportunidade de por ela própria aprender a lidar com várias formas de conflito e de se proteger de eventuais maus tratos dos seus companheiros”.

As escolas têm de se consciencializar que hoje, mais do que nunca, têm um papel preponderante na socialização das crianças. Cada vez mais as nossas crianças se sentem limitadas nos espaços para brincar, socializar, e como refere Amado (2002, p. 18) “Todos sabemos como se têm vindo a perder os espaços, o tempo e as oportunidades fora da escola em que as crianças tradicionalmente brincavam em liberdade; essas oportunidades estão bastantes confinadas à escola e qualquer intervenção neste domínio deve tomar em linha de conta esta nova realidade”.

A escola, hoje, tem como principal função, a socialização da criança, saber orientá-la como um cidadão livre, democrático e responsável, dentro de uma cidadania esclarecida e através dos afectos, porque a aprendizagem social é impossível se não envolver os afectos, não é uma aprendizagem que se transmite de uma forma directa, mas sim de uma forma envolvente.

O espaço de recreio deve ser um espaço de construção da liberdade e da autonomia, no qual as crianças podem beneficiar da oportunidade de efectuarem brincadeiras colectivas, na ausência de uma orientação próxima do adulto. Os jogos, nos espaços de recreio nas escolas, proporcionam às crianças a oportunidade de elas aprenderem a lidar com formas de conflito e de aprenderem a protegerem-se dos maus tratos infligidos pelos companheiros de escola.

Para Spodek, (2002, p. 257) “A um nível mais básico as crianças gostam de brincar. Para algumas pessoas isso pode ser justificação suficiente para a sua inclusão nas escolas. Porém, como mais valia, o jogo parece ser algo de instrumental no desenvolvimento social e cognitivo das crianças”. O jogo é o método mais lúdico de se adquirir qualquer aprendizagem, porque requer

raciocínio, atenção e como normalmente é feito por pares, implica partilha de saberes e sentimentos.

Os recreios, como espaços de aprendizagem, não têm como intervenientes só as crianças. Neles intervêm as auxiliares de acção educativa e os professores, cada um com papéis e funções específicas a cumprir.

“A infância é um momento rico para a aprendizagem social” – Hendrick

3.2 OS AUXILIARES DE ACÇÃO EDUCATIVA

A supervisão dos recreios no 1.º ciclo do ensino básico, quando existe é feito por um ou mais docentes da escola e AAE.

O papel do AAE é o de ajudar e promover a educação das crianças em diversos contextos nomeadamente nos recreios. São contratadas com esse objectivo e são-lhes exigidas competências nesta matéria. Hoje, nas nossas escolas, apostamos na polivalência destes funcionários: a manutenção da higiene escolar e o apoio à educação das crianças. Exige-se uma polivalência sem que lhes sejam exigidas competências nestas áreas, ou seja, proporcionada qualquer formação para o desempenho destas funções. Alguns apresentam adequadas competências na manutenção da limpeza da escola, mas muitas vezes manifestam sérias dificuldades de relacionamento com os alunos e manutenção da ordem. Para além destas competências, necessitam de formação face à função específica para cada realidade da escola. É uma figura importantíssima nas escolas, mas é necessário que se invista na sua formação, para se conseguir fazer dela uma mais valia para as escolas, conseguindo-se promover um ensino com mais qualidade.

As escolas do 1.º ciclo do ensino básico devido ao reduzido número de turmas e alunos, proporcionam o conhecimento mútuo de todos os alunos e professores. Uma das razões para justificar as agressões nos recreios da escola, poderá ser a ineficácia da supervisão, por escassez de elementos a efectuar a supervisão e por falta de formação específica para o mesmo.

Beatriz Pereira (2002, p. 183) sobre o papel dos AAE e citando os aspectos trabalhados numa acção de formação que ocorreu durante a sua investigação sobre o estudo e prevenção das práticas agressivas, diz-nos que o AAE deve colaborar na educação dos alunos. Deve respeitar e fazer-se respeitar. Os alunos devem ser tratados correctamente, com autoridade, mas sem abuso de poder, isto é, utilizar uma linguagem adequada ao interagir com os alunos; estar atento para não ser apanhado de surpresa; questionar o aluno antes de o repreender; aceitar as ideias dos alunos, pois, muitas vezes, estes têm razão; sugerir soluções; dar a sua opinião; elogiar, reforçando os comportamentos positivos; observar o espaço de recreio e, ao aperceber-se de algum movimento anormal ou de vozes alteradas, deve dirigir-se para o local e permanecer atento/a para intervir, se for necessário, questionar os alunos sobre o que se passa ou intervir controlando a situação e prevenindo a agudização do problema; repreensão, sempre que seja necessário; e por último a participação à direcção”.

Sendo que o comportamento gera comportamento e que se entende como comportamento tudo aquilo que o indivíduo faz e diz, não se pode esquecer que o nosso comportamento gera sempre positiva ou negativamente, a relação que estabelecemos com os outros. É importante que os supervisores tenham a consciência que o mesmo comportamento pode não ser do mesmo modo eficaz com todo o tipo de pessoas com quem convivemos, porque a maneira como nós nos comportamos afecta a maneira como os outros se comportam. Segundo Fachada (2003, p. 54) “O comportamento não é algo com que se nasce, como a cor dos olhos ou a cor do cabelo. É algo que nós vamos adquirindo ao longo da nossa vivência e que podemos modificar e

ajustar quando a situação o exige, sempre em função da excelência da comunicação e da relação interpessoal”.

Os AAE normalmente não têm qualquer tipo de formação específica para poderem ter um papel importante e saberem como agir em situações de acidente ou de agressão. Para Domingues (1995, p. 91) “aos funcionários é atribuído o papel de educadores morais nos espaços não lectivos. Contudo, eles raramente manifestam possuir uma formação adequada ao desempenho deste papel”.

O estabelecimento de relações cordiais entre os supervisores e os alunos poderá assumir maior importância do que um grande número de supervisores. As boas relações de confiança entre os supervisores e alunos poderão ajudar a reduzir os níveis de agressividade entre as crianças pois, muitas têm relutância em denunciar que foram agredidas. Com o melhoramento das relações adulto/criança haverá um melhor controlo de comportamentos desviantes, porque os agredidos conseguem comunicar as práticas de agressão o que por sua vez inibe os agressores de as cometer.

3.3 OS PROFESSORES

Os professores podem não valorizar o espaço de recreio como um momento importante para as crianças na sua formação e na avaliação de comportamentos por parte dos mesmos.

Os professores, ao ensinarem no início de cada ano lectivo as regras da sala de aula, esquecem-se que os recreios também devem ter regras e, como tal, deveriam no início de cada ano lectivo, juntamente com os alunos definir as regras de funcionamento dos recreios, respeitando e não esquecendo o carácter livre que as actividades devem ter. Para Jarez, (2002, p. 11) “As normas da sala de aula e da escola ocupam um lugar importante na criação de grupo e na gestão da convivência. Mas, para além do tipo de normas, é

também importante a forma como se procedeu à sua elaboração e o lugar que elas ocupam no dia-a-dia da turma”.

Será importante que o processo de definição de regras tenha não somente uma boa função de organização e gestão do bom funcionamento dos recreios como também uma acção formativa. O conjunto de regras deverá ter um papel de orientação da criança para determinados valores e não funcionar como um conjunto de interdições. Mas estas regras não deverão ser impostas, mas sentidas. O levantamento das regras deve ser feito de modo a que as crianças sintam a sua necessidade, que ao se estabelecerem são para o seu bem e para o melhoramento dos seus tempos de recreio. Se for o professor a ditar as normas sem ouvir as crianças e a partir das suas angústias, receios e desejos proceder ao levantamento das regras dos espaços de recreio será um trabalho inglório, porque não foi sentido por elas, mas imposto, não terá uma função formativa, não tendo mais que uma mera função informativa. Qualquer tipo de acção formativa, terá de ser feita de uma forma democrática, responsável e sentida, porque cada vez mais as crianças recebem inúmeras informações de diversos campos e portanto cada vez mais é necessário fazer a transmissão de informação de uma forma envolvente. Beatriz Pereira, (2002, p. 191) no seu estudo sobre prevenção das práticas agressivas entre crianças, em relação à valorização dos recreios como espaço de educação, refere que “Um dos primeiros passos visando a valorização dos recreios como espaço e tempo de educação é discutir e definir os comportamentos desejáveis dos alunos em todo o espaço escolar, na sala de aula ou no recreio. Este não deve ser o local de “ninguém” e de “acerto de contas”, mas, pelo contrário, um tempo e um espaço de actividade lúdica, onde as crianças não se aborrecem, mas gostem de estar”.

Beatriz Pereira (idem, p. 123) refere que “Num estudo sobre o papel dos professores na supervisão dos recreios mostra que os professores de dois países e dois continentes diferentes (Austrália e América) têm uma visão e uma atitude negativa da supervisão dos recreios. Os professores pensam que é uma tarefa necessária, mas não a fazem com agrado. Alguns acham que

aproveitariam melhor o tempo preparando materiais para as aulas seguintes, outros dizem que gostariam de ter uma pausa sem as crianças e que pensam que estas sentem o mesmo”.

Nas escolas onde existem turmas com graves problemas de indisciplina, os recreios serão mais difíceis de controlar e de vigiar. Correia (cit. por Beatriz Pereira, 2002, p. 124) aponta “para a necessidade da presença do adulto nos espaços do jogo infantil para que esta se sinta em segurança”. Segundo o mesmo autor, “os espaços devem dar prazer, permitir o divertimento e o bem-estar da criança, pois são um local destinado às actividades voluntárias e livres”.

Este sentimento antagónico sentido entre os professores em relação ao espaço de recreio é notório nas nossas escolas. Há o grupo de professores que sente que a sua presença e intervenção no tempos e espaços de recreio é importante e há o grupo de professores que interpreta este tempo e este espaço como seu, de repouso, e em que a maioria destes defende que é importante para a criança a oportunidade de se sentir liberta de pressões e sentir o recreio como um espaço e tempo inteiramente livre para si e para as suas actividades, sem controlo nem qualquer tipo de orientação, argumentando também que o professor só deverá intervir neste tempo quando se registar algum incidente ou acidente mais grave. O papel do professor ou outro elemento da comunidade educativa como por exemplo os AAE poderão ter a função de mediadores. Para Jarez (2002, p. 154) “Os papéis ou funções do mediador têm sido objecto de um dos debates clássicos, a sua função varia desde os que defendem que a única coisa que o mediador deve fazer é facilitar o encontro entre partes, até aos que defendem que o mediador deve sugerir propostas e alternativas e intervir”.

Os recreios são muitas vezes pensados como horas fora do programa curricular, sentido como um tempo que não faz parte integrante do tempo de aprendizagem. São sentidos pelos professores e toda a comunidade educativa como um tempo de repouso, em que se pára o processo de aprendizagem, um corte nas actividades lectivas.

Perrenoud (2002, p. 44) salienta a importância de todas as horas que se passam no interior da escola, na participação de todos na vida da escola, não contabilizar somente o tempo de sala de aula, mas saber aproveitar todos os tempos para a aprendizagem da cidadania “O *currículo real* apresenta-se como uma série de experiências formadoras, fonte de aprendizagens que, em parte, foram activamente provocadas. Outras experiências *sem que os professores saibam* ou, pelo menos, *sem que isso tenha sido propositado*. Fala-se então de *currículo oculto* ou educação não formal”.

As escolas além da educação formal que lhe é inerente têm uma grande responsabilidade na educação informal. As crianças captam muito facilmente tudo o que as rodeia. Os procedimentos do dia-a-dia de todos os elementos da comunidade educativa são retidos pelas crianças, desde as palavras que são usadas, como também as atitudes. Por vezes, os adultos esquecem-se da grande importância da aprendizagem informal e julgam que as crianças estão na escola somente para absorver a educação formal, mas elas recebem e aprendem mais a educação informal, aquela que os adultos transmitem sem intenção. O espírito curioso e atento, próprio de cada criança, leva a que elas apreendam com grande facilidade tudo o que as rodeia. Quantas vezes as crianças argumentam perante um qualquer conselho ou ordem que “Mas tu não fazes isso”, ou “Não fazes assim...”.

Para Fachada, (2003, p. 54) “Todos nós devemos estar atentos ao nosso comportamento e ao modo como comunicamos verbalmente e não verbalmente, porque isso influencia, intensa e significativamente, o modo como o outro se relaciona conosco”. Na sociedade em geral e na escola, em particular, as pessoas devem ter a abertura suficiente para experimentarem novas formas de comportamento que permitam o seu ajustamento cada vez mais eficaz, em relação aos outros. Se desejamos que as pessoas com quem convivemos modifiquem o seu comportamento, porque ele de alguma forma afecta e prejudica a nossa convivência, temos de agir no sentido de modificarmos, nós mesmos, o nosso comportamento, quando nos

confrontamos, porque nenhum ser é indiferente a outro, quando estão em relação.

SÍNTESE

A escola deve modificar a sua actividade. Deve deixar de ser uma escola fechada e preocupar-se com o que oferece aos alunos e com a aprendizagem que estes conseguem realizar.

Desde o seu nascimento, o grupo familiar, o grupo escolar e os grupos sociais em que a criança participa presidem a todos os processos cognitivos e de aprendizagem que realiza. O aluno, como indivíduo, passa a fazer parte de uma rede de inter-relações sociais que favorecem elementos educativos claramente diferentes das situações individuais de aprendizagem.

É importante destacar a interacção social, uma vez que não se pode esquecer que o aluno aprende individualmente mas a partir dos demais e com os demais. O aluno aprende a integrar-se numa sociedade composta por outras pessoas com as quais deve conviver e ser socialmente válido, beneficiando-a.

Para que esta aprendizagem seja feita de uma forma positiva e segura, tem de envolver toda a comunidade educativa: alunos, auxiliares de acção educativa e professores, pais e encarregados de educação.

Os AAE necessitam de saber qual o seu papel e como devem intervir nos espaços de recreio, para que estes sejam realmente tempos importantes na aquisição de aprendizagens. Para que se atinjam estes objectivos e que os AAE tenham realmente um papel fundamental na vigilância/dinamização dos espaços e tempos de recreio é necessário e urgente investir-se na sua formação.

Os professores devem entender o tempo e o espaço de recreio, como um espaço da escola, e não como um espaço de ninguém.

PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO

4. Objecto de estudo e opções metodológicas
5. Análise, interpretação e discussão dos resultados
 - 5.1 Escola interveniente no estudo
 - 5.2 Análise e interpretação do registo de acidentes
 - 5.3 Análise e interpretação dos questionários aos professores
 - 5.4 Análise e interpretação dos questionários aos alunos
 - 5.5 Análise e interpretação dos questionários aos AAE
 - 5.6 Síntese das entrevistas
- Conclusões/Reflexões finais
- Limitações do estudo e recomendações

4. OBJECTO DE ESTUDO E OPÇÕES METODOLÓGICAS

4.1 PRESSUPOSTOS, OBJECTIVOS E QUESTÕES DE ESTUDO

A organização de uma dissertação implica a formulação de hipóteses ou questões de estudo de forma a conduzir com ordem e rigor a curiosidade e descoberta que caracteriza qualquer trabalho científico. As hipóteses ou questões de estudo conferem à investigação um fio condutor particularmente eficaz que a partir do momento em que são formuladas o seguimento do trabalho consistirá em aferir as hipóteses ou questões de estudo confrontando-as com os dados de observação. As questões de estudo aqui apresentadas contribuíram para a melhor compreensão dos fenómenos observáveis. Um trabalho de observação ou trabalho de pesquisa é improdutivo se não estiver assente em hipóteses ou questões de estudo, e quando não são explicitamente construídas conduzem a becos sem saída. Uma hipótese ou questão de estudo é uma proposição que prevê a relação entre conceitos ou fenómenos, por conseguinte uma proposição provisória ou uma pressuposição que deve ser verificada.

Esta dissertação integra-se no estudo da importância do espaço e tempo de recreio nas escolas do 1.º ciclo, o valor que é dado pelos professores e toda a comunidade educativa, a estas horas de lazer, e como as crianças o vivem e o sentem. Através de questionários e entrevistas e da recolha documental irá tentar perceber-se como são vividos e sentidos estes espaços e tempos. O espaço e tempo de recreio são uma parte integrante das escolas? É a pergunta que nesta investigação se pretende responder através da avaliação da importância que é dada a estes espaços e tempos na formação / aprendizagem das crianças.

Neste contexto, os objectivos principais do presente estudo são os seguintes:

- ✓ Avaliar o espaço físico dos recreios;
- ✓ Avaliar a gestão dos recreios numa escola do 1.º ciclo;
- ✓ Observar e analisar a vigilância dos recreios;
- ✓ Observar e analisar a dinamização dos recreios;
- ✓ Avaliar e comparar o número de acidentes e ocorrências de atitudes agressivas e a qualidade dos espaços;
- ✓ Analisar a qualidade e a valorização dos tempos de recreio.

Relativamente ao estudo, e em conformidade com os objectivos estabelecidos, e de acordo com o conhecimento fornecido pela análise da literatura especializada, referida na síntese teórica, apresentamos a formulação de três questões de estudo, ou a antecipação de três relações entre dois conceitos, ou ainda três respostas provisórias à questão de partida da investigação, que se pretendem aferir no decorrer da pesquisa:

Assim, considerou-se necessário a formulação de três questões de estudo, apresentando-se como respostas parciais ao problema posto. Estas questões constituíram entre si o modelo de análise desta investigação.

Questão de estudo I - A qualidade do espaço físico/arquitectónico dos recreios é importante na prevenção de acidentes/violência?

Questão de estudo II - A vigilância dos espaços de recreio influencia o comportamento dos alunos?

Questão de estudo III - O tempo e espaço de recreio é importante numa perspectiva sociopedagógica?

Estas três questões de estudo foram confrontadas com os dados adquiridos através da observação de forma a averiguar em que medida estas são confirmadas ou infirmadas pelos dados obtidos pela investigação.

Pretende-se assim analisar e avaliar a relação do espaço arquitectónico, a vigilância e a qualidade do tempo de recreio, testando a importância do espaço/tempo de recreio numa perspectiva sócio-pedagógica.

Este estudo vai ser efectuado através da avaliação dos acidentes ocorridos no espaço físico do recreio e dos outros espaços físicos de uma escola, com o propósito de investigar a influência que a qualidade do espaço físico e arquitectónico pode ter na prevenção de situações de ocorrência de acidentes.

Esta investigação pretende ainda avaliar como é feita a vigilância do tempo e espaço de recreio pelos professores e pelos auxiliares de acção educativa e qual a importância que é atribuída a estes tempos e espaços na formação das crianças.

4.2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Este trabalho tem como objectivo compreender mais profundamente e interpretar mais correctamente os fenómenos de uma escola.

Não se podem estabelecer verdades definitivas ou adoptar o rigor igual aos físicos, mas atribuir ao trabalho a autenticidade e rigor através do apoio de quadros teóricos e metodologias explícitas apoiadas na observação dos factos concretos.

Tudo o que se descobrir no Estudo de Caso efectuado nesta escola, de uma forma clara e autêntica, irá aproximar-nos mais da sua realidade, mas certos que essa realidade não se vai esgotar, que ainda ficarão muitas realidades por descobrir, por contar.

Aquilo que se descobrir será só uma parte de toda a verdade, porque nas investigações científicas, nos conhecimentos científicos surgem muitos outros temas não científicos, isto é, ao confirmar-se uma teoria, surgirão muitos outros problemas, muitas outras teorias não-científicas.

Para Edgar Morin (1996, p. 18). “a cientificidade é a parte emersa de um icebergue profundo da não-cientificidade”.

Nunca se encontra toda a verdade, porque cada realidade encerra várias verdades e cada investigador num dado momento encontra a sua verdade daquele momento, que poderá não ser a mesma se fosse investigada noutra altura, noutro momento, noutras situações. Nessa mesma realidade, outro investigador, poderá encontrar outras verdades dentro da mesma realidade. Segundo Landsheere (1986, P. 50) “... a investigação científica em educação deveria renunciar a elaborar qualquer teoria duradoura; a sua ambição limitar-se-ia à observação rigorosa e à descrição do homem tal como existe num momento dado numa dada altura”.

Sabendo que o conhecimento é a relação entre o objecto a conhecer e o sujeito que o conhece, tem de se possuir objectividade, isto é, tem de se procurar a verdade entre várias subjectividades. Tem de se ter o máximo de isenção de juízos de valores, de opiniões tendenciosas, não se deixar levar pelo chamado senso comum.

Ao longo deste trabalho registaram-se testemunhos de arquivos mortos, testemunhos vivos e actuais, que de uma forma ou de outra vão explicar e elucidar os fenómenos e comportamentos sentidos ao longo dos anos.

A escola está sempre em construção. Não pára, nem tem retrocessos. A escola é multidimensional, não pode ser investigada numa só área.

A escola tem de ser analisada em três vertentes: a escola como sistema; a escola como processo e a escola como produto:

1. A escola como sistema é vista como uma organização, onde os seus actores interagem de forma dinâmica, de múltiplas formas e complexas, gerando-se constantemente, de maneira organizada, interdependente e encadeada.

2. A escola como processo representa um conjunto de normas, regras e princípios bem definidos, para atingir os objectivos que lhe são atribuídos.

3. A escola como produto envolve a formação, a educação e as aprendizagens.

Nesta investigação pretende-se procurar a realidade desta escola, sem especulações, nem sensacionalismos, mas com uma procura sincera da realidade, feita e verificada nos factos reais.

O Estudo de Caso é uma investigação em que a recolha de dados é feita no ambiente natural. A investigação é descritiva onde é mais importante o processo do que o resultado; os dados são analisados de forma indutiva e o significado reveste-se de importância vital para a investigação. Numa investigação tudo é importante (pessoas, factos, ocorrências) e para que seja válida nada deve ser descurado. O investigador deve separar-se das suas crenças e predisposições, tentando compreender as pessoas dentro da sua própria realidade e contexto. Uma investigação qualitativa envolve a criação de afectos e tendências com as pessoas, que devem ser controlados ao máximo, de forma a não se tornarem tendenciosos. A investigação qualitativa é um todo em que nada deve ser menosprezado, caracterizando-se por ser interdisciplinar, transdisciplinar e multidisciplinar.

A presente investigação é um Estudo de Caso e como tal consiste na observação detalhada de um única fonte de conhecimentos – A ESCOLA.

Num Estudo de Caso a estratégia de investigação é uma análise exaustiva de um problema, em que a intenção principal é a de descrever em profundidade tudo o que se descobre de forma a penetrar numa realidade desconhecida. O estudo incidiu sobre uma escola dos arredores de Lisboa. Realizou-se um estudo exaustivo de forma a conseguir um amplo e profundo conhecimento sobre os espaços e tempos de recreio. A participação na investigação foi participante e participada.

Este trabalho consistiu na observação detalhada da organização e gestão do espaço e tempo de recreio de uma escola do 1.º ciclo do ensino básico da rede pública, durante o ano lectivo de 2003/04, onde se executou a recolha de dados mortos através de registos dos acidentes que ocorreram nos anos lectivos de 2001/02, 2002/03 e 2003/04, usando para a recolha de dados

dinâmicos, inquiridos por questionários a todos os professores e AAE a exercerem funções durante o ano lectivo de 2003/04 e a todos os alunos a frequentar as quatro turmas do 4.º ano de escolaridade e três entrevistas semi-estruturadas efectuadas a três personalidades a exercerem funções na escola, mas com funções distintas: um animador social, uma professora do 1.º ciclo do ensino básico e a uma AAE.

Neste Estudo de Caso para os dois tipos de instrumentos usados para recolha de dados foram praticados dois tipos de análise: análise qualitativa e análise quantitativa. Para os inquiridos por questionário foi efectuada uma análise quantitativa a cada questão e análise qualitativa para as questões de resposta aberta. Para os inquiridos por entrevista foi efectuada uma análise qualitativa através da análise de conteúdo.

A amostra usada para a aplicação dos inquiridos por questionário foram todos os professores e AAE a exercer funções na escola em estudo no ano lectivo de 2003/04 em que decorreu o estudo e a todos os alunos a frequentar as quatro turmas do 4.º ano de escolaridade do ensino básico.

O inquirido por questionário aplicou-se com a intenção de visar a verificação das questões de estudo delineadas, tendo em conta o número de pessoas inquiridas (17 professores, 73 alunos e 9 AAE) e o tratamento quantitativo das informações, as respostas foram pré-codificadas de forma a que os inquiridos fossem obrigados a escolher as suas respostas entre as que lhes foram formalmente propostas.

Os inquiridos por questionário aplicados foram de administração directa, porque foi o próprio inquirido que o preencheu. Os questionários foram entregues em mão pelo próprio investigador, o qual deu previamente todas as explicações úteis, e foram devolvidos directamente ao investigador.

As entrevistas foram usadas para possibilitar uma maior validade da interpretação dos dados, através do seu cruzamento com a análise dos registos mortos e dos inquiridos por questionário.

Os três entrevistados eram conhecidos do entrevistador, o que não impediu que este formalizasse as entrevistas através da elaboração prévia de um guião de entrevista. Deu início às entrevistas informando sempre da sua finalidade e assegurando a sua confidencialidade.

O entrevistador tentou sempre evitar as respostas simples e directas com “sim” e “não” encorajando os entrevistados a falarem, ouvindo-os atentamente, e sempre que o investigador achou oportuno interrompeu as entrevistas pedindo uma clarificação ou uma explicação mais pormenorizada. As perguntas eram postas com a pretensão de clarificar o tema em estudo. Durante o desenrolar das entrevistas tentou-se sempre ser flexível, perguntando quando existiam dúvidas e moldando-se sempre à situação imediata, não se restringindo sempre a um conjunto de procedimentos ou ao guião de entrevista estruturado. As ideias formuladas pelo entrevistador foram sempre respeitadas compreendendo as diferentes perspectivas pessoais do entrevistado, tentando não fazer juízos de valor, mas pelo contrário, encorajando sempre os entrevistados a expressarem aquilo que sentem. (Quivy, & Campenhoudt, 1998, p.138)

Para todas as entrevistas efectuadas usou-se o gravador. Antes de se dar início às entrevistas e após explicar-se a sua intenção e a sua confidencialidade, perguntou-se sempre abertamente se autorizavam a sua gravação. Nenhum dos entrevistados se opôs e não mostrou qualquer tipo de receio que se procedesse à gravação das entrevistas.

Na caracterização da escola em estudo e particularmente na caracterização do espaço de recreio procedeu-se à captação de imagens através do registo de fotografia.

A fotografia foi usada como ferramenta para uma caracterização mais perceptível do espaço de recreio e dos equipamentos nele existentes, de forma a existir uma combinação do que é definido através da definição escrita e dos sentidos no reconhecimento do espaço em estudo.

O registo de fotografias tentou fazer-se sempre sem a presença das crianças no espaço de recreio ou de modo a que estas não fossem identificadas. Foi pedido à direcção da escola autorização para a captação das imagens, mas salvaguardando sempre a ausência de crianças, para evitar constrangimentos ou ter de se recorrer à autorização prévia dos respectivos encarregados de educação, a fim de assegurar a privacidade e anonimato das crianças.

4.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

O principal objectivo deste estudo é efectuar uma investigação sobre o espaço e tempo de recreio de uma escola de 1.º ciclo, com um espaço arquitectónico e uma comunidade educativa específica. É seu propósito descobrir como é sentido e gerido o tempo de recreio e analisar as características arquitectónicas do espaço de recreio, o tipo de vigilância efectuada e se a qualidade dos espaços de recreio influencia o número de acidentes e situações de conflito.

A exploração realizou-se inicialmente através da consulta de dados de estrutura, através de arquivos mortos, que não decorrem de observação directa, mas de investigação documental, elementos de ordem histórica, recolhidos a partir de *dossiers* sobre a instituição e as pessoas e que podem ser de ordem administrativa e escolar, através da consulta de Projecto Educativo de Escola; Regulamento Interno; Plano Anual de Actividades, legislação, actas de reuniões e mapas estatísticos, de forma a recolher os seguintes dados:

- A caracterização do espaço físico e equipamentos escolares;
- A caracterização do pessoal docente (idade; situação profissional; antiguidade na carreira e antiguidade na escola);

- A caracterização do pessoal não docente (idade; situação profissional; antiguidade na carreira e antiguidade na escola);
- Se no Projecto Educativo da Escola é valorizado o espaço e tempo de recreio;
- Se no Regulamento Interno da Escola está definido o funcionamento e organização dos tempos de recreio;
- A variação em número e características dos alunos;
- O comportamento e o sucesso escolar (percentagem de retenções);
- A administração e gestão da escola (tipo de administração);
- Os acidentes ocorridos durante os anos lectivos de 2001/02, 2002/03 e 2003/04, segundo as variáveis sexo, horário (manhã/tarde), espaço físico, período escolar e ano de escolaridade, através dos impressos enviados para o seguro escolar.

Para a recolha de dados para confirmar as questões de estudo delineadas foram organizados inquéritos por questionários e inquéritos por entrevistas. Os inquéritos por questionário foram organizados de três formas distintas, tendo em conta o tipo de inquirido a que se dirigia. Foi elaborado um questionário para os professores, um questionário para as AAE e um questionário para os alunos

O planeamento do Inquérito por questionário exigiu especial atenção, uma vez que não haveria hipótese de esclarecimento de dúvidas no momento da inquirição.

O sistema de perguntas foi organizado, de modo a ter uma coerência intrínseca e configurar-se de forma lógica para quem o respondeu.

O inquérito foi organizado por temas, deixando as questões mais difíceis para a parte final. Para garantir a sua aplicabilidade primeiro efectuou-se o pré-teste, isto é, foi administrado a um pequeno número de pessoas (a um professor, a um aluno e a um AAE) que conhecem a problemática a investigar, de forma a dar sugestões para o melhorar ou corrigir. Após o levantamento das dúvidas levantadas durante o pré-teste foram efectuadas as

devidas alterações de forma a que se tornassem o mais perceptíveis possível e adaptado à tipologia dos inquiridos.

Para que este objectivo fosse alcançado construíram-se, como já foi afirmado, três questionários diferentes, adaptados às características dos inquiridos.

O questionário dirigido aos professores era constituído por vinte e duas questões em que em quatro das questões era pedido que justificasse a resposta, numa das questões era pedido para ordenar por ordem decrescente de importância cinco afirmações sobre a importância do espaço de recreio e uma questão era para comentar uma citação sobre os espaços de recreio. As primeiras oito questões eram de identificação e caracterização; duas questões eram sobre a classificação do espaço de recreio; três questões sobre vigilância e dificuldades inerentes; duas questões sobre a acção dos AAE enquanto vigilantes e as restantes questões sobre a sua acção e importância do espaço e tempo de recreio. Foram entregues quinze questionários aos professores em mão pelo investigador e foram respondidos e devolvidos em mão catorze questionários ao investigador pelos professores (Anexo A).

O questionário dirigido aos alunos era constituído por nove questões fechadas em que três perguntas tinham resposta aberta e se pedia que justificasse a resposta. As três primeiras questões eram de identificação, as três seguintes de informação sobre o espaço arquitectónico, uma questão sobre a duração do tempo de recreio e as duas últimas questões sobre a vigilância dos recreios. Foram entregues setenta e três questionários aos alunos em mão pelo investigador e foram todos respondidos e devolvidos em mão ao investigador pelos próprios alunos (Anexo B).

O questionário dirigido aos AAE era constituído por dezassete questões fechadas e em que quatro questões tinham resposta aberta e onde se pedia a sua justificação. As primeiras cinco questões eram de identificação e caracterização. Uma questão acerca do espaço arquitectónico; quatro questões sobre o tempo de recreio; duas questões sobre o seu papel de vigilante no espaço de recreio; uma questão sobre os professores e o espaço de recreio;

uma questão sobre a formação que possuem para a vigilância; uma questão sobre como classifica o espaço de recreio onde exerce funções; uma questão sobre a formação em primeiros socorros e finalmente duas questões sobre as dificuldades na sua acção de vigilante. Foram entregues nove questionários às AAE em mão pelo investigador e foram respondidos e devolvidos em mão ao investigador, na sua totalidade (Anexo C).

As entrevistas foram efectuadas a três responsáveis pelo funcionamento dos espaços e tempos de recreio ou projectos ligados aos espaços de recreio da escola: uma professora do primeiro ciclo; a um animador social e a uma AAE (Anexos E, F e G).

Antes de se proceder às entrevistas foi elaborado um guião da entrevista constituído por vários blocos correspondendo a cada bloco, um ou mais objectivos e a cada objectivo corresponderam um ou mais tópicos para perguntas (Anexo D).

Nas entrevistas evitou-se, na medida do possível, dirigir as entrevistas, não restringir as entrevistas à temática abordada, deixando os entrevistados darem outras pistas, mas estabelecendo quadros de referência, através do guião de entrevista elaborado previamente.

Aos entrevistados foi deixado abordar o tema como quiseram, durante o tempo que desejaram, sem interferências. Pretendeu-se utilizar uma orientação semi-directiva, sem prejuízo de uma prévia estruturação da entrevista, com objectivos gerais e específicos.

Pretendeu-se ser tanto quanto possível precisa na definição dos objectivos de forma a permitir uma maior maleabilidade dos processos e meios utilizados, salvaguardando a possibilidade de alargamento, ao longo das entrevistas dos termos propostos. Foi dada liberdade aos entrevistados de forma compatível com a necessidade de precisar os quadros de referência estabelecidos, levando-os a esclarecer conceitos e situações.

Para que a investigação pudesse ter um bom desenvolvimento ampliou-se ao máximo o contexto de análise, isto é, para obter as variáveis necessárias, para entender a realidade analisada, não nos restringimos só a

entrevistas e questionários, usando também fotografias, para assim obter uma validade hermenêutica da investigação, ou seja a relação dialéctica entre aquilo que já conhecíamos e aquilo que seremos capaz de reconhecer nos factos analisados.

4.3.1 Técnicas de interpretação de Dados

A análise dos dados recolhidos foi efectuada de acordo com as técnicas recomendadas, especificamente para cada um dos instrumentos de investigação utilizados: através de tabelas e gráficos para os inquéritos por questionário e registos de acidentes e análise de conteúdo para as entrevistas e questões de resposta aberta dos questionários.

Foi efectuada a análise de conteúdo às entrevistas efectuadas e ao tratamento das perguntas abertas dos questionários, que consistiu em:

1. Leitura inicial da redacção da entrevista e das respostas aos questionários, para uma apreensão sincrética das suas características e avaliação das possibilidades de análise;

2. Determinação dos objectivos de análise de acordo com as hipóteses emitidas;

3. Determinação das regras de codificação, tendo em conta a categorização e contagem de frequência da proposição (uma afirmação, uma declaração, um juízo, uma frase ou um elemento de frase) que estabeleça uma relação lógica entre dois ou mais termos, que são distribuídas pelas várias categorias. Cada categoria é definida operacionalmente pelos seus indicadores, a cujo levantamento se deve proceder de forma exaustiva. As categorias também se dividiram em subcategorias.

Após o levantamento das categorias, subcategorias e indicadores procedeu-se à análise das sequências e das vezes que se repetem os indicadores.

Neste estudo foram usados os inquéritos por questionário pela possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados, pelo facto de ser essencial a representatividade do conjunto de inquiridos e esta poder ser satisfeita através deste método.

A análise dos dados recolhidos pelos inquéritos por questionário, em que a maioria das respostas eram codificadas, por si mesmas não possuíam grande significado, mas foram úteis no âmbito de um tratamento quantitativo que permitiu comparar as respostas globais das diferentes categorias (professores, alunos e AAE) e analisou as relações mútuas entre as variáveis.

Os dados obtidos pelos inquéritos por questionário realizados aos professores e AAE serviram para uma posterior análise mais aprofundada com as entrevistas feitas aos professores e aos AAE. A apresentação dos dados através da apresentação de estatística descritiva e expressão gráfica não substituiu a reflexão teórica, de forma a fornecer critérios explícitos e estáveis para a recolha, a organização e, sobretudo, a interpretação dos dados, a fim de assegurar a coerência e o sentido do conjunto do trabalho.

Para a análise dos dados das entrevistas e respostas abertas nos questionários foi efectuada o método de análise de conteúdo. O método de análise de conteúdo implica a aplicação de processos técnicos relativamente precisos. A análise de conteúdo no campo da investigação em ciências sociais é cada vez maior, porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e complexidade, empregado nas entrevistas e nas questões de resposta aberta dos inquéritos por questionário. O uso deste método permitiu avaliar e calcular os diferentes juízos dos entrevistados, como também a sua direcção (juízo positivo ou negativo e a sua intensidade). Este método tem um campo de aplicação muito vasto, porque é adequado ao estudo do não dito, do subentendido, obrigando o investigador a manter uma distância em relação a interpretações espontâneas e, em particular, às suas próprias interpretações. A análise de conteúdo é um método de recolha de dados qualitativo. Este método deve ser escolhido para cada investigação e utilizada com flexibilidade, em

função dos seus objectivos próprios, do seu modelo de análise e das suas hipóteses ou questões de estudo.

4.3.2 Estratégias de controlo previstas

Enquanto que a investigação quantitativa tem como propósito básico a busca da objectividade e os seus dados são quantificáveis, estatísticos, a investigação qualitativa tem como propósito básico a descrição e interpretação da vida social e os seus dados são descritivos, não quantificáveis.

Para que as investigações qualitativas tenham credibilidade científica, para que haja preocupação em garantir resultados creíveis e reconhecidos têm que estar sujeitos a estratégias de controlo, através do exame da consistência dos dados e das respectivas interpretações segundo determinados critérios, a fim de que toda a comunidade científica possa valorizar o rigor do processo investigado.

No Estudo de Caso proposto, as estratégias de controlo para a validação dos resultados são para além do critério da fiabilidade, em que o investigador confronta as suas interpretações com as dos sujeitos investigados ou com as de outros investigadores como forma de controlo das próprias ideias, devem os resultados das pesquisas qualitativas ser validadas pelo critério da confiabilidade ou credibilidade onde é dado crédito ao investigador através da procura da garantia de que a sua investigação possui elevado grau de exactidão, avaliando a qualidade e a quantidade das observações efectuadas e das informações recolhidas e pelo critério da transferibilidade que analisa a possibilidade de generalizar ou alargar as conclusões a distintos cenários, a outros contextos.

Porém, existem alguns autores que propõem que nas estratégias de controlo se use a expressão de dependência em vez de fiabilidade, para que

não se corram riscos de subjectividade e de desvio na verificabilidade dos dados.

O critério de credibilidade no controlo da investigação qualitativa corresponde à validade interna e o critério de transferibilidade à validade externa ou generalização.

Numa investigação qualitativa devem utilizar-se variadas fontes e métodos para recolha de dados e de análise permitindo a triangulação, isto é, para comprovar a exactidão de uns dados recolhidos através de um método, com outros dados recolhidos por outro método diferente. A diversidade das fontes e dos métodos usados na recolha de dados de informação é específico e característico das investigações qualitativas. Procurou-se neste estudo fazer a triangulação dos dados recolhidos através dos diferentes instrumentos de forma a imprimir-lhe uma maior fiabilidade.

4.4 PAPEL DO INVESTIGADOR

Nos métodos qualitativos, o investigador é necessariamente envolvido na vida dos sujeitos (participantes) visto que os seus procedimentos de investigação se baseiam em conversar, ouvir, permitir a expressão livre dos interlocutores. Tais procedimentos acabam por resultar num certo clima de informalidade e o simples facto dos sujeitos poderem falar livremente a respeito de um tema sem que um roteiro preestabelecido ou questões fechadas lhe tenham sido impostas, colabora para diminuir o distanciamento entre o investigador e os investigados. Esta proximidade exige que constantemente o investigador se auto-examine para não perder de vista o sentido inicial da investigação e para que consiga conduzir os encontros com os participantes na direcção das respostas procuradas.

Entre as habilidades necessárias que terá para conduzir este tipo de pesquisa, pode-se enumerar:

- a. Atenção ao fenómeno estudado;
- b. Capacidade para ouvir;
- c. Acuidade para efectuar registos;
- d. Organização para armazená-los e classificá-los;
- e. Capacidade para realizar sínteses;
- f. Habilidade para se colocar na perspectiva do outro, como forma de facilitar a comunicação e conseguir colaboração;
- g. Paciência e perspicácia para captar nos acontecimentos diários os aspectos que trarão compreensão desejada daquilo que se está a estudar.

Talvez a habilidade mais difícil de ser desenvolvida, no entanto extremamente necessária, é a de procurar, primeiro, compreender o contexto onde a investigação será realizada, as suas estruturas de poder, as suas redes de comunicação, os seus valores e símbolos, controlando a ansiedade de intervir sobre este contexto.

Quivy & Campenhoudt (1998, p. 102) argumentam que “Um erro corrente e inconsciente dos investigadores principiantes consiste em pretender fazer demasiado, recolher o máximo de elementos incorrendo o risco de ultrapassar o objecto da investigação.”

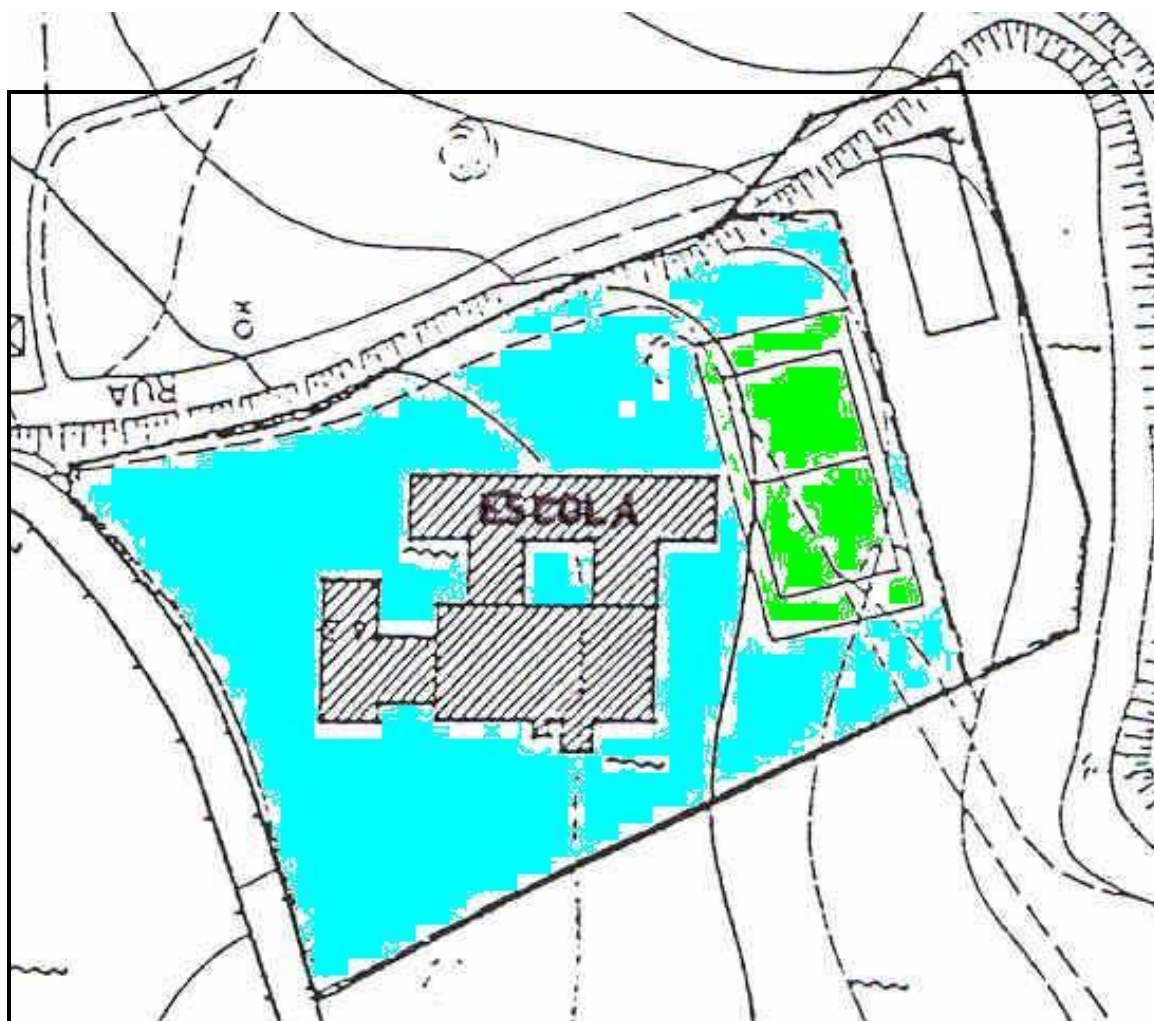
O investigador ao iniciar um estudo precisa de tomar consciência das suas ambições iniciais e de limitá-las, criar-lhe um fio condutor a partir da pergunta de partida, e a partir daí partir para a descoberta de uma forma realista, adequada aos seus recursos pessoais, materiais e técnicos. Foi esta a preocupação que norteou o nosso percurso durante esta investigação.

5. ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 A ESCOLA INTERVENIENTE NO ESTUDO

5.1.1 Caracterização da escola

A escola onde se efectuou o estudo situa-se no distrito de Lisboa e no concelho de Loures.



 Edifício da escola  Espaço do campo polidesportivo  Espaço de recreio

A escola é denominada por EB1/JI porque tem as valências de Jardim de Infância e 1.º ciclo do ensino básico. Funciona com autonomia administrativa e pedagógica, dirigida no ano lectivo 2003/04, em que decorreu o presente estudo, por uma Comissão Executiva Provisória formada por três elementos: duas professoras do 1.º ciclo e uma educadora de infância.

A escola esteve dependente da delegação escolar até à publicação do Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de Maio, passando a ter uma gestão com autonomia administrativa e pedagógica, a partir do ano lectivo de 1998/99, com órgãos próprios e eleitos por escrutínio eleitoral: Assembleia de Escola, Conselho Pedagógico e Conselho Executivo.

Figura 3 - Tipo de pavimento do espaço de recreio



O Meio / Comunidade

A escola situa-se numa pequena freguesia do concelho de Loures e é constituída por duas realidades populacionais: uma que faz parte das suas origens e outra recente que habita um bairro construído pela autarquia através do programa PER (Programa de Erradicação e Realojamento). A população que habita o bairro de realojamento residiu até ao ano de 1997, em bairros degradados constituídos por barracas.

O realojamento destas populações efectuou-se em 1997 para um total de 236 agregados familiares. Este bairro é caracterizado por uma população multicultural, com especial incidência de naturais dos países africanos (Cabo Verde, Angola, Guiné, Moçambique), que representam cerca de 40% da população, mas também de uma grande percentagem de população de etnia cigana (cerca de 40%) e também “lusos” (20%). É uma população maioritariamente jovem, em que a média etária ronda os 30 anos e em que cerca de 50% da população tem menos de 15 anos (Dados de 1999, fornecidos pela Junta de Freguesia de Apelação). A maioria da população deste bairro tem como profissão a construção civil, serviços de limpeza e a venda ambulante. Cerca de 90% da população é beneficiária do SRS (Subsídio de Reinserção Social). Neste bairro existe ainda uma cooperativa de habitação, com casas maioritariamente habitadas por “lusos”.

Recursos físicos

A escola EB1/JI é um edifício arquitectónico denominado por tipo P3, porque é formado por três blocos com dois núcleos de duas salas cada um, constituído por rés-do-chão e primeiro andar. Num dos blocos, em duas salas, funcionava o jardim-de-infância e noutra bloco existiam duas salas onde funcionavam a biblioteca-mediateca e a sala de informática. No rés-do-chão, para além das salas de aula já referidas, existia ainda o espaço polivalente onde funcionava o ginásio e o refeitório; o gabinete da direcção; a sala dos professores; a secretaria e a cozinha.

As salas de aula não apresentavam a estrutura própria dos edifícios P3, em que as duas salas de cada piso em cada bloco não eram separadas, o espaço era comum. As salas apresentavam-se separadas por paredes de estuque, com uma zona intermédia comum denominada por “zona suja”, onde se encontrava uma bancada com um lavatório.

Figura 4 - Localização do espaço de recreio da Escola



O espaço de recreio envolvia todo o edifício da escola onde existia um campo polidesportivo, que durante as actividades lectivas era somente para utilização dos alunos da escola e durante as interrupções lectivas podia ser usado pela comunidade, com a supervisão da Junta de Freguesia.

Figura 5 - Campo polidesportivo da escola



O espaço de recreio desfrutava de uma boa área total. (Cf. figura 2) Possuía uma área de aproximadamente 5.000 m². No entanto, a localização do espaço de recreio em redor do edifício da escola limitava e dificultava a sua vigilância, conforme referido pelos professores e AAE nos inquéritos por questionário e nas entrevistas.

O pavimento de todo o espaço de recreio era de alcatrão, onde se registava alguma degradação, pequenas fissuras e desnivelamento do terreno. (Cf. figura 3 e 4)

Figura 6 - Canteiros do espaço de recreio



A vegetação era escassa e os canteiros eram elevados em relação ao nível do chão, onde se podiam observar algumas árvores e apresentando alguns arbustos, que por vezes não eram cuidados e tornam-se muito densos, onde, conforme podemos constatar na entrevista A, os alunos se escondiam e escondiam coisas que “roubavam”. As árvores eram na sua maioria de folha caduca e de pequeno porte, e a sua sombra era quase nula, tornando-se um espaço muito quente, nos dias de intenso calor dos meses de primavera e verão. (Cf. figura 6)

O espaço de recreio era todo em campo aberto existindo três telheiros para resguardar as crianças durante a ocorrência de chuvas. (Cf. figura 7)

Tendo em conta o número de crianças a frequentar o recreio, em dias de chuva tornava-se difícil as crianças usufruírem de recreio no espaço exterior da escola. Durante os Invernos chuvosos, o tempo de recreio era quase na sua totalidade efectuado no interior da escola. Esta limitação era muito sentida por toda a comunidade educativa, explícita nas entrevistas e nos questionários dos professores, AAE e alunos.

Figura 7 - Um dos três telheiros existentes no espaço de recreio



Regime de funcionamento

As turmas funcionavam com os três tipos de horários: horário duplo da manhã, das 8 horas às 13 horas, horário duplo da tarde, das 13 horas e 15 minutos às 18 horas e quinze minutos e horário normal das 9 horas às 12 horas e das 13 horas às 15 horas.

No ano lectivo de 2001/02 funcionavam 13 turmas: 7 em horário normal e 3 turmas em horário duplo da manhã e outras 3 turmas em horário duplo da tarde.

No ano lectivo de 2002/03 funcionavam 12 turmas: 8 turmas em horário normal e 2 turmas em horário duplo da manhã e 2 turmas em horário duplo da tarde.

No ano lectivo de 2003/04 funcionavam 11 turmas: 9 turmas em horário normal e 1 turma em horário duplo da manhã e 1 turma em horário duplo da tarde.

Caracterização da população escolar

Os alunos

No ano lectivo 2001/02 registou-se uma população de 270 crianças do 1.º ciclo do ensino básico e 45 crianças do pré-escolar. No 1.º ciclo estavam matriculadas 55 crianças no 1.º ano de escolaridade; 87 no 2.º ano de escolaridade; 65 no 3.º ano de escolaridade e 63 no 4.º ano de escolaridade.

No ano lectivo de 2002/03 registou-se uma diminuição de crianças, sendo frequentada por 226 crianças do 1.º ciclo do ensino básico e igualmente 45 crianças do pré-escolar.

No ano lectivo 2003/04 registou-se uma nova diminuição na população escolar, contando com 215 crianças do 1.º ciclo do ensino básico e com 45 crianças do pré-escolar.

As crianças deste agrupamento eram na sua maioria filhos de pessoas de origem dos PALOP e de etnia cigana, verificando-se que no ano lectivo de 2003/04, 46% das crianças eram de origem africana, 16% eram de etnia cigana e 37% eram lusos.

Das 215 crianças que frequentavam o 1.º ciclo do ensino básico verificava-se que 60% residiam no bairro de realojamento camarário.

Das crianças do 1.º ciclo do ensino básico regista-se que 27% eram repetentes, porque estavam inscritos duas ou mais vezes no ano que frequentavam.

Em relação à idade verifica-se que 81% das crianças tinham entre 6 e 10 anos de idade e 19% tinham idades compreendidas entre os 10 anos e

os 15 anos, dos quais 8% tinham 11 anos, 5% tinham 12 anos, 1% tinha 13 anos, 4% tinham 14 anos e 1% tinha 15 anos.

Em relação à escolaridade dos pais registavam-se 26 % de analfabetos, 37% com o 1.º ciclo, 19% com o 2.º ciclo, 12% com o 3.º ciclo, 3% com o secundário, 1% com o bacharelato e 2% de desconhecidos/falecidos.

Em relação à escolaridade das mães registavam-se 20% de analfabetas, 37% com o 1.º ciclo, 20% com o 2.º ciclo, 12% com o 3.º ciclo, 7% com o secundário, 1% com o grau de licenciado e 3% de desconhecidos/falecidos.

Eram no seu geral crianças com graves carências afectivas, sociais e monetárias. Como crianças desenraizadas da sua cultura, eram muito instáveis, registando-se na escola graves problemas de insucesso escolar e indisciplina, conforme registo abaixo do aproveitamento escolar dos três anos lectivos inseridos no estudo.

Aproveitamento, segundo o ano de escolaridade

| Ano 2001/02 | 1.º ano | 2.º ano | 3.º ano | 4.º ano | Total | |
|-----------------|---------|---------|---------|---------|-------|------|
| Matriculados | 55 | 87 | 65 | 63 | 270 | 100% |
| Transitaram | 45 | 60 | 48 | 58 | 211 | 78% |
| Não transitaram | 10 | 27 | 17 | 5 | 59 | 22% |

| Ano 2002/03 | 1.º ano | 2.º ano | 3.º ano | 4.º ano | Total | |
|-----------------|---------|---------|---------|---------|-------|-------|
| Matriculados | 37 | 68 | 70 | 52 | 227 | 100% |
| Transitaram | 36 | 39 | 54 | 42 | 171 | 75,4% |
| Não transitaram | 1 | 29 | 16 | 10 | 56 | 24,6% |

| Ano 2003/04 | 1.º ano | 2.º ano | 3.º ano | 4.º ano | Total | |
|-----------------|---------|---------|---------|---------|-------|------|
| Matriculados | 40 | 57 | 54 | 65 | 216 | 100% |
| Transitaram | 38 | 37 | 45 | 57 | 177 | 82% |
| Não transitaram | 2 | 20 | 9 | 8 | 39 | 18% |

(Dados de registos existentes na escola)

O Corpo docente

Devido às características desta escola, o quadro de docentes era muito jovem e muito instável.

No ano lectivo de 2001/02 leccionavam 19 professores, dos quais 16 professores com funções lectivas, 13 professores com turma e 3 professores dos apoios educativos, 2 professores com funções de gestão com redução da componente lectiva e um professor sem componente lectiva.

Em relação à idade 16% dos professores tinham menos de 25 anos; 42% tinham entre 25 e 29 anos de idade; 11% tinham entre 30 e 34 anos; 16% entre 35 e 39 anos; 5% entre os 40 e os 44 anos e 10% entre 50 e 54 anos de idade.

Quanto à antiguidade na carreira de docente verifica-se que 79% dos professores exerciam funções entre 0 a 4 anos; 5% entre 5 a 9 anos e 16% há 30 ou mais anos.

Em relação ao vínculo verifica-se que 21% dos professores pertenciam ao quadro de escola, 32% ao quadro distrital de vinculação 47% eram contratados.

No ano lectivo de 2002/03 leccionavam 16 professores, dos quais 14 professores com funções lectivas, dos quais 12 com turma e 2 dos apoios educativos e 2 com funções de gestão com redução da componente lectiva.

Em relação à idade, 81% dos professores tinham entre 25 e 29 anos de idade; 6% tinham entre 30 e 34 anos; e 3% tinham mais de 50 anos de idade.

Quanto à antiguidade na carreira de docente verifica-se que 88% dos professores exerciam funções entre 0 a 4 anos; 6% entre 5 a 9 anos e 6% há 30 ou mais anos.

Em relação ao vínculo verifica-se que 25% pertenciam ao quadro de escola, 13% ao quadro distrital de vinculação e 62% eram contratados.

No ano lectivo de 2003/04 leccionavam 15 professores, dos quais 11 com turma, 2 nos apoios educativos e 2 com funções de gestão e com redução da componente lectiva.

Em relação ao vínculo verifica-se que o quadro de professores contava com 7 % de professores efectivos, 50% pertenciam ao quadro de zona pedagógica e 43% eram contratados.

Em relação à idade verifica-se que 72% dos professores tinham idades compreendidas entre os 20 anos e os 30 anos, 21% entre os 31 anos e os 40 anos e 7% tinham mais de 50 anos.

Em relação à antiguidade na carreira de docente regista-se que 51% dos professores tinham entre 0 a 5 anos de carreira, 21% tinham entre 6 a 10 anos, 7% entre 11 anos a 15 anos e 21% com 16 anos a 25 anos de carreira de docente.

Em relação à antiguidade na escola verifica-se que 95% exerciam funções nesta escola entre 0 a 5 anos e 5% exerciam há mais de cinco anos funções de docentes nesta escola.

O Pessoal não docente

O quadro de pessoal não docente ao contrário do pessoal docente exercia funções nesta escola há cinco ou mais anos, tendo-se mantido o mesmo quadro nos três anos lectivos em estudo.

No quadro de pessoal não docente verifica-se que 67% das AAE eram contratados e 33% eram do quadro de vinculação.

Em relação às idades atesta-se que 22% das AAE tinham idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos; 22% entre os 31 anos e os 40 anos; 45% entre os 41 anos e os 50 anos e 11% com mais de 50 anos.

Em relação à antiguidade na carreira de AAE verifica-se que 45% das AAE exerciam a profissão entre os 0 e os 5 anos, 44% entre os 6 anos e os 10 anos, 11% com mais de 25 anos de carreira.

Em relação à antiguidade na escola constata-se que 67% das AAE exerciam funções nesta escola entre os 0 e os 5 anos; 22% entre os 6 e os 10 anos e 11% com mais de 25 anos.

Em relação às habilitações literárias 22% das AAE possuíam o 1.º ciclo; 11% o 2.º ciclo, 34% o 3.º ciclo e 33% o ensino secundário.

O Projecto Educativo

De acordo com os instrumentos de recolha de dados definidos para este estudo procedeu-se a uma análise documental do Projecto Educativo da Escola (PEE) com o objectivo de avaliar se o espaço e tempo de recreio desta escola é valorizado e contemplado no seu PEE.

O projecto educativo da escola tinha como tema “Crescer”. A escolha deste tema tinha como fundamento que *crescer* é algo que acontece aos seres vivos de forma natural, mas que o ser humano necessita de regras, valores e princípios para que esse crescimento seja saudável, harmonioso e enriquecido. A falta destes princípios nesta comunidade escolar conduz os alunos a um crescimento desorganizado, perturbado e violento. Com o desenvolvimento deste projecto pretendeu-se inculcar progressivamente esses valores e regras que são fundamentais para o seu crescimento e convivência em sociedade.

Neste ponto referem-se somente os aspectos que de alguma forma estão relacionados com o tema em estudo, o espaço e tempo de recreio.

O projecto educativo tinha como objectivo geral “*Criar nos alunos o respeito pelas regras sociais*”.

Como finalidades propunha-se atingir: “*1-Sucesso escolar; 2-Escola activa; 3-Escola de valores.*”

Para a primeira finalidade foram definidos vários objectivos, estando dois deles directamente relacionados com os espaços e tempos de recreio:

“*1.6. Promover um clima de segurança na escola e espaços envolventes*”, e este objectivo tem como estratégia “*Reforçar a vigilância nos espaços de recreio.*”

“*1.7. Melhorar a utilização dos recursos humanos e materiais*”, que tem como estratégia “*Melhorar o espaço de recreio (construção de um parque, colocação de bebedouros e bancos e funcionamento dos balneários).*”

A terceira finalidade tinha definido vários objectivos, em que dois deles também estavam directamente relacionados com os espaços e tempos de recreio:

“3.1. Educar para a cidadania esclarecida”, que tem como estratégia “Procurar respostas certas e breves em relação a carências sentidas (melhoramento dos espaços de recreio e balneários)”;

“3.3. Respeitar e proteger o ambiente” tendo como estratégia “Incentivar actividades curriculares não disciplinares (Área de Estudo Acompanhado e Formação Cívica, no sentido de conferir aos alunos capacidades para saberem observar, respeitar e intervir no ambiente”.

O Regulamento Interno da Escola

Atendendo ao tipo de gestão desta escola, com autonomia pedagógica e administrativa decretada a partir do Decreto-Lei nº. 115-A/98 de 4 de Maio, existia um Regulamento Interno de Escola (RI) elaborado pela mesma e aprovado em Assembleia de Escola onde estão definidas as regras de funcionamento da escola, e tal como aconteceu relação ao PEE, efectuou-se uma análise documental para avaliar se a organização e funcionamento do espaço e tempo de recreio está contemplado neste documento.

No Regulamento Interno da Escola está definido o horário escolar e as durações dos tempos de intervalos:

Turno normal: Das 9h00m às 12h00m

Das 13h00m às 15h00m

Intervalo: das 10h30m às 11h00m

Almoço: das 12h00m às 13h00m

Turno duplo da manhã: Das 8h00m às 13h00m

Intervalo: das 10h30m às 11h00m

Turno duplo da tarde: Das 13h00m às 18h00m

Intervalo: das 16h00m às 16h30m

Mais estabelece que, “a vigilância dos tempos de recreio é assegurada diariamente por dois professores, segundo uma escala semanal estabelecida e aprovada em Conselho de Docentes no início do ano lectivo. Para além dos professores, o tempo de recreio é assegurado por todas as AAE do turno coincidente com o horário do intervalo”.

Estas regras estão de acordo com o legislado, em que a escola é quem define o seu regime de funcionamento, de acordo com as orientações legais e através dos seus órgãos de gestão.

5.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO REGISTO DE ACIDENTES

A análise dos dados dos registos de acidentes foi efectuada ao número de acidentes registados nos anos lectivos de 2001/02, 2002/03 e 2003/04 na escola EB1/JI. A recolha dos dados dos acidentes foi feita através dos registos existentes na escola, somente aos acidentes que foram informados ao seguro escolar. Em caso de acidente e de acordo com o Despacho Conjunto n.º 115/97, de 3 de Julho, é accionado o Seguro Escolar através do preenchimento e envio de um impresso próprio com o registo dos dados de identificação do sinistrado e da ocorrência, para protecção do aluno em caso de acidente de forma a assegurar os direitos e os deveres do sinistrado (Cf. Enquadramento legal, p. 28). O número de acidentes existentes neste registo, só se consideram os que tiveram que recorrer a tratamento hospitalar e para os quais foi accionado o seguro escolar. De todos os outros acidentes em que não foi accionado o seguro escolar, através do devido preenchimento do impresso próprio, não existiam registos.

Assim os pequenos acidentes, que tiveram tratamento local, não são considerados neste estudo, podendo depreender-se que o número de acidentes, no seu total, foi muito mais elevado.

Como já foi referenciado foram efectuados os levantamentos do registo dos acidentes, segundo as variáveis: sexo, espaço físico, período de escolaridade e ano de escolaridade.

Após a análise quantitativa feita ano a ano segundo as variáveis anteriormente referidas efectuou-se uma análise comparativa dos acidentes ocorridos nos três anos lectivos e por fim procedeu-se a uma análise quantitativa do somatório dos acidentes ocorridos nos três anos lectivos, sempre segundo as mesmas variáveis.

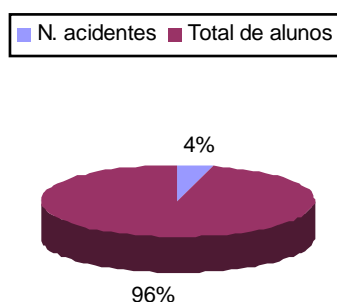
5.2.1 Acidentes ocorridos no ano lectivo de 2001/02

Total de acidentes ocorridos

Tabela 1 - Números de acidentes ocorridos no ano lectivo 2001/02

| Escola | N.º acidentes | Total de alunos |
|--------|---------------|-----------------|
| EB1/JI | 12 | 270 |

Gráfico I - Números de acidentes ocorridos no ano lectivo 2001/02



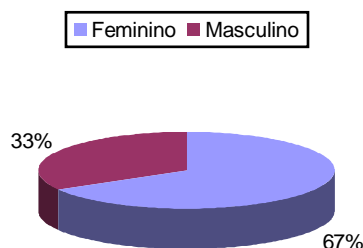
A totalidade do número de acidentes ocorridos e registados no ano lectivo de 2001/02, correspondeu a 4,4% dos alunos a frequentar o 1.º ciclo do ensino básico.

Número de acidentes segundo o sexo

Tabela 2 - Número de acidentes segundo o sexo - 2001/02

| Sexo | Feminino | Masculino | Total |
|--------|----------|-----------|-------|
| EB1/JI | 08 | 04 | 12 |

Gráfico II - Número de acidentes segundo o sexo - 2001/02



O número de acidentes ocorridos com as raparigas, correspondeu ao dobro dos acidentes ocorridos com os rapazes.

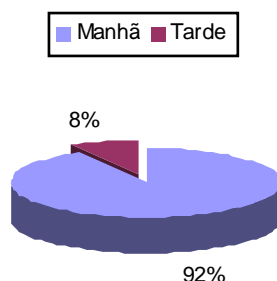
Na caracterização da população escolar não temos a referência do número de alunos segundo o sexo, o que impossibilita comparar se esta variação foi devido à existência de mais crianças do sexo feminino.

Número de acidentes segundo o horário escolar

Tabela 3 - Número de acidentes segundo o horário escolar - 2001/02

| Horário | Manhã | Tarde | Total |
|---------|-------|-------|-------|
| EB1/JI | 08 | 04 | 12 |

Gráfico III - Número de acidentes segundo o horário escolar - 2001/02



Os acidentes registados ocorreram quase na sua totalidade (92%) no período da manhã.

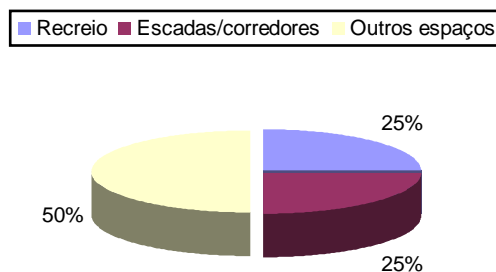
Este dado está relacionado com a distribuição dos horários da escola. Embora a escola funcionasse com os três horários, horário duplo da manhã, horário duplo da tarde e horário normal, (Cf. ponto 5.1) o número das crianças no recreio da manhã era muito superior, tendo em conta que no recreio da manhã neste ano lectivo estavam em funcionamento dez turmas e no recreio da tarde estavam em funcionamento somente três turmas.

Número de acidentes segundo o espaço físico da escola

Tabela 4 - Número de acidentes segundo o espaço físico da escola - 2001/02

| Espaços | Recreio | Escadas/corredores | Outros espaços | Total |
|---------|---------|--------------------|----------------|-------|
| EB1/JI | 03 | 03 | 06 | 12 |

Gráfico IV - Número de acidentes segundo o espaço físico da escola - 2001/02



Os acidentes registados neste ano lectivo ocorreram pelos vários espaços da escola.

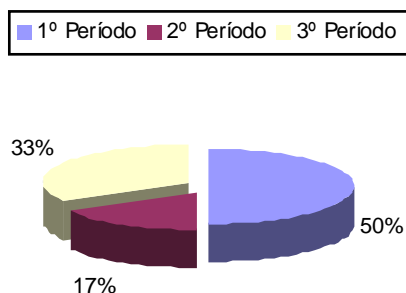
Embora o número de acidentes ocorridos no recreio não seja significativo em relação aos ocorridos nos outros espaços é de registar que ocorreram acidentes no espaço de recreio, correspondendo a 25% da totalidade accionados pelo seguro escolar.

Número de acidentes segundo os períodos escolares

Tabela 5 - Número de acidentes segundo os períodos escolares - 2001/02

| Períodos | 1.º Período | 2.º Período | 3.º Período | Total |
|----------|-------------|-------------|-------------|-------|
| EB1/JI | 06 | 02 | 04 | 12 |

Gráfico V - Número de acidentes segundo os períodos escolares - 2001/02



Os acidentes ocorreram em maior número no 1.º período, correspondendo a metade dos acidentes registados, seguido do 3.º período com 33%. Poderia estar relacionado com a duração destes períodos escolares ou as características dos períodos escolares em questão. Para este ano lectivo o 1.º período contou com 58 dias lectivos, o 2.º período contou com 52 dias lectivos e o 3.º período contou com 57 dias lectivos. A diferença de dias lectivos não foi significativa, para se ponderar que o número de dias seja uma variável a considerar.

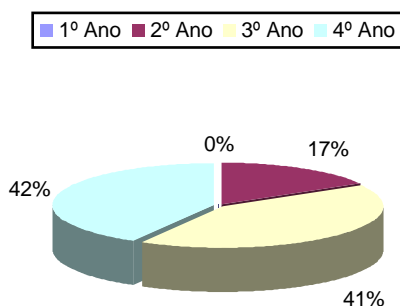
Quanto às características constata-se que no 1.º período iniciam-se as actividades lectivas, em que se processa a fase de adaptação à escola, e para algumas crianças ao espaço físico, aos colegas, aos professores, aos AAE e às regras de funcionamento. No 3.º período poderia estar também ligado ao cansaço e ao encerramento das actividades lectivas.

Número de acidentes segundo o ano de escolaridade

Tabela 6 - Número de acidentes segundo o ano de escolaridade - 2001/02

| Ano de escolaridade | 1.º Ano | 2.º Ano | 3.º Ano | 4.º Ano | Total |
|---------------------|---------|---------|---------|---------|-------|
| EB1/JI | 0 | 02 | 05 | 05 | 12 |

Gráfico VI - Número de acidentes segundo o ano de escolaridade - 2001/02



Os acidentes ocorreram em maior percentagem no 3.º e 4.º ano, seguidos de quase metade no 2.º ano e nenhum no 1.º ano.

Perante a variável dos anos de escolaridade pode-se considerar que os acidentes ocorrem em maior número com as crianças mais velhas, o que poderá ter com a interpretação o facto de estas terem brincadeiras mais violentas.

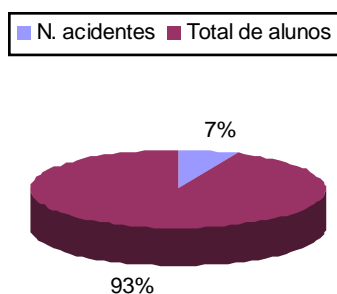
5.2.2 Acidentes ocorridos no ano lectivo 2002/03

Total de acidentes ocorridos

Tabela 7 - Números de acidentes ocorridos no ano lectivo - 2002/03

| Escola | Nº. acidentes | Total de alunos |
|--------|---------------|-----------------|
| EB1/JI | 16 | 226 |

Gráfico VII - Números de acidentes ocorridos no ano lectivo - 2002/03



A percentagem de acidentes ocorridos no ano lectivo 2002/03 na escola foi superior aos registados no ano lectivo de 2001/02.

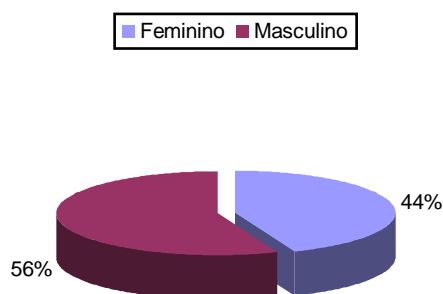
Constata-se que o número de acidentes não está directamente relacionado com o número de crianças. No ano lectivo de 2001/02 o número de crianças era superior ao número de crianças no ano lectivo de 2002/03 e o número de acidentes foi inferior.

Número de acidentes segundo o sexo

Tabela 8 - Número de acidentes segundo o sexo - 2002/03

| Sexo | Feminino | Masculino | Total |
|--------|----------|-----------|-------|
| EB1/JI | 07 | 09 | 16 |

Gráfico XVIII - Número de acidentes segundo o sexo - 2002/03



Os acidentes ocorridos com as raparigas (44%) foram em menor número que os que ocorreram com os rapazes, registando-se uma diferença de 14%.

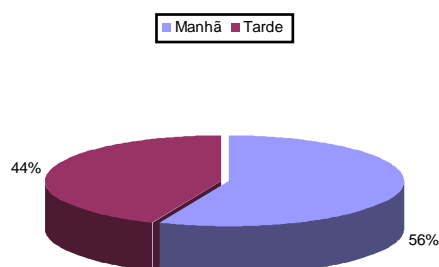
Como foi citado em relação à mesma variável para o ano lectivo de 2001/2002, este dado não é conclusivo, porque não temos o registo da variação das crianças na sua totalidade em relação ao sexo.

Número de acidentes segundo o horário escolar

Tabela 9 - Número de acidentes segundo o horário escolar - 2002/03

| Horário | Manhã | Tarde | Total |
|---------|-------|-------|-------|
| EB1/JI | 09 | 07 | 16 |

Gráfico IX - Número de acidentes segundo o horário escolar - 2002/03



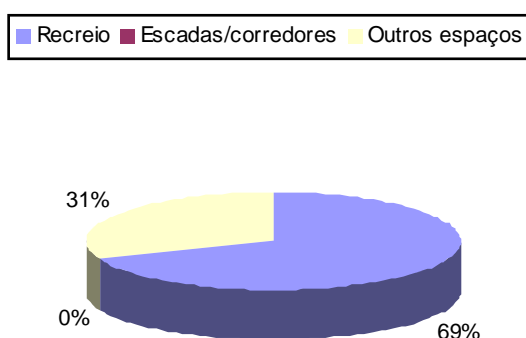
Registaram-se mais acidentes no período da manhã, tendo-se verificado o mesmo no ano lectivo de 2001/02, realçando-se que o número de alunos é superior neste período de funcionamento da escola.

Número de acidentes segundo o espaço físico da escola

Tabela 10 - Número de acidentes segundo o espaço físico da escola - 2002/03

| Espaços | Recreio | Escadas/corredores | Outros espaços | Total |
|---------|---------|--------------------|----------------|-------|
| EB1/JI | 11 | 0 | 05 | 16 |

Gráfico X - Número de acidentes segundo o espaço físico da escola - 2002/03



Os acidentes neste ano lectivo ocorreram na sua maioria no espaço de recreio, correspondendo a 69% da totalidade dos acidentes registados.

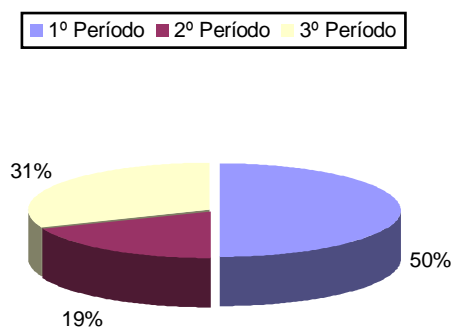
Este registo é um forte indicador que o espaço de recreio é um espaço que tem de ser avaliado e repensado, porque poderá ser o espaço que oferece mais perigos dentro do espaço escola.

Número de acidentes segundo os períodos escolares

Tabela 11 - Número de acidentes segundo os períodos escolares - 2002/03

| Períodos | 1.º Período | 2.º Período | 3.º Período | Total |
|----------|-------------|-------------|-------------|-------|
| EB1/JI | 08 | 03 | 05 | 16 |

Gráfico XI - Número de acidentes segundo os períodos escolares - 2002/03



Os acidentes ocorreram em maior número no 1.º período e no 3.º período, situação análoga à registada no ano lectivo de 2001/02. Poderá estar relacionado com a duração destes períodos, ou pelas características dos períodos escolares, de acordo com as hipóteses apontadas em relação à mesma questão para o ano lectivo de 2001/02. Para o ano lectivo de 2002/03 o 1.º período contou com 67 dias lectivos, o 2.º período contou com 66 dias lectivos e o 3.º período contou com 41 dias lectivos.

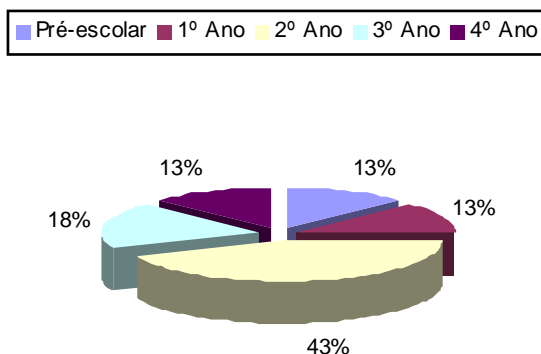
Em relação a este ano lectivo o 3.º período apresenta-se como um período significativamente mais pequeno, mas esta variável confirma que o número de acidentes não varia directamente com o número de dias lectivos, podendo estar ligado às características do 1.º período quando se processa o regresso e uma fase de readaptação à escola, aos colegas, aos professores, aos AAE e às regras de funcionamento.

Número de acidentes segundo o ano de escolaridade

Tabela 12 - Número de acidentes segundo o ano de escolaridade - 2002/03

| Ano de escolaridade | Pré-escolar | 1.º Ano | 2.º Ano | 3.º Ano | 4.º Ano | Total |
|---------------------|-------------|---------|---------|---------|---------|-------|
| EB1/JI | 02 | 02 | 07 | 03 | 02 | 16 |

Gráfico XII - Número de acidentes segundo o ano de escolaridade - 2002/03



Os acidentes neste ano lectivo ocorreram em maior percentagem (43%) no 2.º ano de escolaridade, distribuídos equitativamente para os respectivos anos lectivos.

Este registo vem, de alguma forma contrariar o que foi dito em relação ao ano escolar de 2000/01, porque neste registo não são os alunos mais velhos os autores do maior número de acidentes, o que poderá levar-nos a concluir que o factor da idade não é um factor primordial na ocorrência dos acidentes.

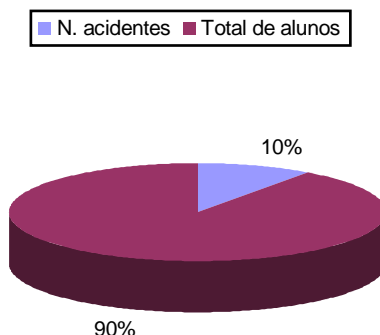
5.2.3 Acidentes ocorridos no ano lectivo de 2003/04

Total de acidentes ocorridos

Tabela 13 - Números de acidentes ocorridos no ano lectivo - 2003/04

| Escola | N.º acidentes | Total de alunos |
|--------|---------------|-----------------|
| EB1/JI | 24 | 215 |

Gráfico XIII - Números de acidentes ocorridos no ano lectivo - 2003/04



O número de acidentes ocorridos no ano lectivo de 2003/04 foi superior aos registados nos anos lectivos de 2001/02 e de 2002/03.

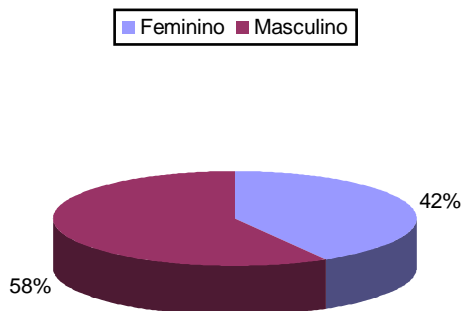
Nestes dados mais uma vez se constata que o número de acidentes não está directamente relacionado com o número de crianças. Pelo contrário, regista-se que o número de crianças diminuiu ao longo dos três anos e o número de acidentes aumentou. Constatou-se que houve uma relação inversamente proporcional entre o número de crianças e o número de acidentes.

Número de acidentes segundo o sexo

Tabela 14 - Número de acidentes segundo o sexo 2003/04

| Sexo | Feminino | Masculino | Total |
|--------|----------|-----------|-------|
| EB1/JI | 10 | 14 | 24 |

Gráfico XIV - Número de acidentes segundo o sexo - 2003/04



O número de acidentes ocorridos com as raparigas (42%) foi inferior ao número de acidentes ocorridos com os rapazes.

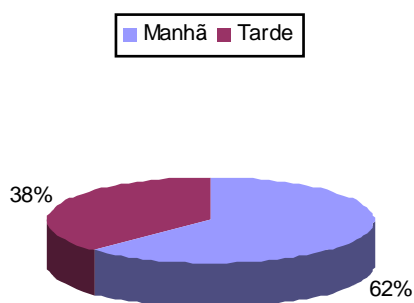
Como já foi referido em relação aos outros anos lectivos em estudo, não temos a referência do número de alunos segundo o sexo, o que não se poderá comparar se esta variação é devido à existência de mais crianças do sexo masculino.

Número de acidentes segundo o horário escolar

Tabela 15 - Número de acidentes segundo o horário escolar - 2003/04

| Horário | Manhã | Tarde | Total |
|---------|-------|-------|-------|
| EB1/JI | 15 | 09 | 24 |

Gráfico XV - Número de acidentes segundo o horário escolar - 2003/04



Os acidentes ocorreram quase na sua totalidade no período da manhã, correspondendo a (62%) da soma dos acidentes registados.

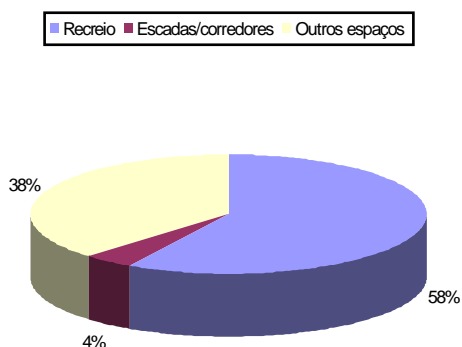
Este facto está relacionado com a distribuição dos horários da escola. Embora a escola funcione com os três horários, horário duplo da manhã, horário duplo da tarde e horário normal, o número das crianças no recreio da manhã é muito superior, tendo em conta que no recreio da manhã estão dez turmas e no recreio da tarde está só uma turma.

Número de acidentes segundo o espaço físico da escola

Tabela 16 - Número de acidentes segundo o espaço físico da escola - 2003/04

| Espaços | Recreio | Escadas/corredores | Outros espaços | Total |
|---------|---------|--------------------|----------------|-------|
| EB1/JI | 14 | 01 | 09 | 24 |

Gráfico XVI - Número de acidentes segundo o espaço físico da escola - 2003/04



Os acidentes registados durante este ano, ocorreram na sua maioria no espaço do recreio, que equivale a 58% dos acidentes registados, seguido dos outros espaços e por último nas escadas/corredores.

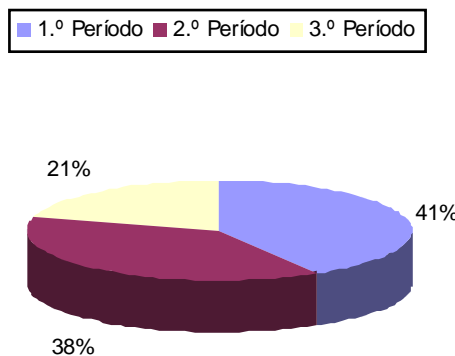
Este dado impõe uma reflexão e uma dedução que o espaço e tempo de recreio pode representar perigo para o desenvolvimento harmonioso das crianças e que tem de ser devidamente ponderado pois constitui um espaço de crescimento, devendo a sua tipologia proporcionar momentos lúdicos desenvolvidos com segurança.

Número de acidentes segundo os períodos escolares

Tabela 17 - Número de acidentes segundo os períodos escolares - 2003/04

| Períodos | 1.º Período | 2.º Período | 3.º Período | Total |
|----------|-------------|-------------|-------------|-------|
| EB1/JI | 10 | 09 | 05 | 24 |

Gráfico XVII - Número de acidentes segundo os períodos escolares - 2003/04



Os acidentes no ano lectivo de 2003/04 ocorreram em maior número no 1.º período e no 2.º período.

Este ano lectivo contou com 68 dias lectivos para o 1.º período, com 50 dias lectivos para o 2.º período e com 49 dias lectivos para o 3.º período. Em relação a estes dados não se pode considerar, como já foi afirmado, que o número de acidentes está directamente relacionado com o número de dias lectivos, pois apesar de o 3.º período possuir apenas menos um dia lectivo, a diferença é pouco relevante, em relação designadamente ao 2.º período em que se registou um maior número de acidentes.

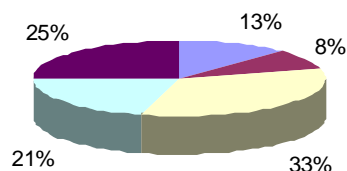
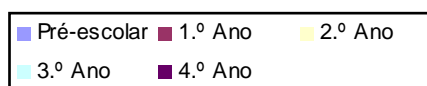
Constata-se que o número de acidentes e de acordo com os outros anos lectivos em estudo, foi superior no 1.º período escolar. Poderá estar relacionado, conforme já se constatou, com as características deste período, onde se processa a adaptação ou readaptação das crianças à escola, a todos os intervenientes e às regras de funcionamento.

Número de acidentes segundo o ano de escolaridade

Tabela 18 - Número de acidentes segundo o ano de escolaridade - 2003/04

| Ano de escolaridade | Pré-escolar | 1.º Ano | 2.º Ano | 3.º Ano | 4.º Ano | Total |
|---------------------|-------------|---------|---------|---------|---------|-------|
| EB1/JI | 03 | 02 | 08 | 05 | 06 | 24 |

Gráfico XVIII - Número de acidentes segundo o ano de escolaridade - 2003/04



Os acidentes ocorreram em todos os anos de escolaridade, registando-se uma maior percentagem para o 2.º ano de escolaridade, com o valor de 33%, seguidos para o 4.º ano de escolaridade com uma percentagem de 25% e para o 3.º ano de escolaridade com 21% e de menor percentagem para o 1.º ano de escolaridade, com 8%.

Constata-se que ocorreram sempre acidentes no 2.º ano de escolaridade nos três anos lectivos em estudo. No entanto, nos anos lectivos de 2002/03 e 2003/04 registou-se um número de acidentes muito mais elevado no 2.º ano de escolaridade.

Esta variação vai alterar a variação dos acidentes segundo o ano de escolaridade, passando a ser o 2.º ano de escolaridade, o ano onde se registaram um maior número de acidentes, de uma forma consideravelmente superior.

5.2.4 Análise comparativa dos acidentes ocorridos nos três anos lectivos

Tabela 19 - Acidentes ocorridos nos três anos lectivos segundo as diferentes variáveis

| Variáveis | | 2001/02 | | 2002/03 | | 2003/04 | |
|---------------------|-----------------------|---------|----|---------|----|---------|----|
| | | N.º | % | N.º | % | N.º | % |
| Sexo | Masculino | 4 | 33 | 9 | 56 | 14 | 58 |
| | Feminino | 8 | 67 | 7 | 44 | 10 | 42 |
| Horário | Manhã | 8 | 92 | 9 | 56 | 15 | 62 |
| | Tarde | 4 | 8 | 7 | 44 | 9 | 38 |
| Espaço Físico | Recreio | 3 | 25 | 11 | 69 | 14 | 58 |
| | Escadas Corredores | 3 | 25 | 0 | 0 | 1 | 4 |
| | Outros Espaços | 6 | 50 | 5 | 31 | 9 | 38 |
| Períodos escolares | 1.º | 6 | 50 | 8 | 50 | 10 | 41 |
| | 2.º | 2 | 17 | 3 | 19 | 9 | 38 |
| | 3.º | 4 | 33 | 5 | 31 | 5 | 21 |
| Ano de escolaridade | Pré-escolar | 0 | 0 | 2 | 13 | 3 | 13 |
| | 1.º | 0 | 0 | 2 | 13 | 2 | 8 |
| | 2.º | 2 | 17 | 7 | 43 | 8 | 33 |
| | 3.º | 5 | 41 | 3 | 18 | 5 | 21 |
| | 4.º | 5 | 42 | 2 | 13 | 6 | 25 |

Comparando o número total de acidentes segundo as variáveis e por anos lectivos em estudo chega-se às seguintes conclusões:

- Em relação à variável sexo, em 2001/02 os acidentes ocorreram mais com raparigas e em 2002/03 e 2003/04 ocorreram em maior número com rapazes;

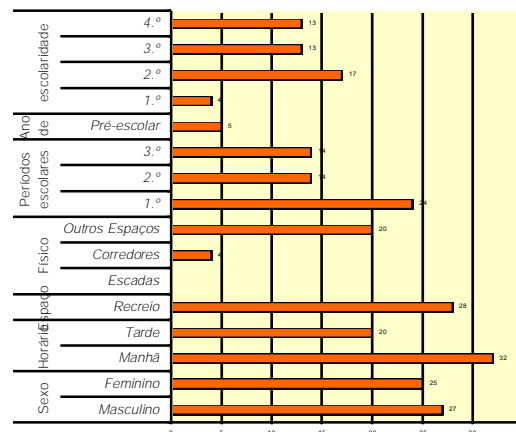
- Em relação ao horário escolar, os acidentes ocorreram maioritariamente no período da manhã, tanto no ano lectivo de 2001/02 como no ano lectivo de 2002/03 e 2003/04;
- Em relação ao espaço físico da escola, em 2001/02 os acidentes ocorreram na sua maioria em outros espaços (sala de aula, biblioteca) e em 2002/03 e 2003/04 quase na sua totalidade no espaço de recreio;
- Em relação aos períodos escolares, os acidentes registados ocorreram maioritariamente no 1.º período escolar, nos três anos lectivos em estudo;
- Finalmente em relação aos anos de escolaridade, os acidentes ocorreram no ano escolar de 2001/02 no 4.º ano de escolaridade e no ano de 2002/03 e 2003/04 ocorreram em maior número, e com uma diferença muito significativa, no 2.º ano de escolaridade.

Total de acidentes ocorridos nos três anos lectivos

Tabela 20 – Total de acidentes ocorridos nos três anos lectivos

| Variáveis | | N.º | % |
|---------------------|-----------------------|-----|------|
| Sexo | Masculino | 27 | 51,9 |
| | Feminino | 25 | 48,1 |
| Horário | Manhã | 32 | 61,5 |
| | Tarde | 20 | 38,5 |
| Espaço Físico | Recreio | 28 | 53,9 |
| | Escadas Corredores | 4 | 7,7 |
| | Outros Espaços | 20 | 38,4 |
| Períodos escolares | 1.º | 24 | 46 |
| | 2.º | 14 | 27 |
| | 3.º | 14 | 27 |
| Ano de escolaridade | Pré-escolar | 5 | 10 |
| | 1.º | 4 | 8 |
| | 2.º | 17 | 32 |
| | 3.º | 13 | 25 |
| | 4.º | 13 | 25 |

Gráfico XIX - Total de acidentes ocorridos nos três anos lectivos



Comparando a soma do número total de acidentes registados nos três anos lectivos em estudo, segundo as variáveis, conclui-se que:

- Em relação à variável sexo, os acidentes ocorreram maioritariamente com os rapazes;

- Em relação ao horário escolar, os acidentes ocorreram maioritariamente no período da manhã;
- Em relação ao espaço físico, os acidentes ocorreram na sua maioria no espaço de recreio;
- Em relação aos períodos escolares os acidentes registados ocorreram maioritariamente no 1.º período escolar;
- Finalmente em relação aos anos de escolaridade os acidentes ocorreram maioritariamente no 2.º ano de escolaridade.

SÍNTESE

Em todos os anos lectivos em estudo ocorreram acidentes dentro do espaço escola.

O número de acidentes varia de ano para ano e não está directamente relacionado com o número de crianças.

O estudo do registo de acidentes foi efectuado durante os três anos lectivos de 2001/02, 2002/03 e 2003/04, segundo as variáveis: sexo, horário escolar, espaço físico, período escolar e ano de escolaridade.

Perante o levantamento e da soma dos dados chegou-se aos seguintes registos:

- Os acidentes não ocorreram sempre maioritariamente, no decorrer dos três anos lectivos em estudo com os rapazes, mas no somatório dos acidentes ocorridos nos três anos lectivos, ocorreram maioritariamente com os rapazes, mas com uma pequena diferença em relação às raparigas;
- Os acidentes ocorreram sempre em maior número no período da manhã, nos três anos lectivos e conseqüentemente no somatório dos acidentes registados nos anos em estudo. Este facto está associado ao número de turmas que é muito superior no período da manhã, o que representa um maior número de alunos neste turno;

- Os acidentes não ocorreram só nos espaços de recreio. No somatório dos acidentes ocorridos nos três anos lectivos o maior número de acidentes regista-se, no entanto, aí;
- Os acidentes ocorreram sempre em maior número, nos três anos lectivos durante o 1.º período escolar;
- Os acidentes não ocorreram maioritariamente sempre no mesmo ano de escolaridade. No somatório dos três anos lectivos o maior número de acidentes ocorreu no 2.º ano de escolaridade.

5.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS AOS PROFESSORES

A análise dos dados aqui apresentada incide nos dados recolhidos nos questionários efectuados aos professores da escola.

Foram entregues quinze questionários em mão pelo investigador e foram respondidos e devolvidos catorze o que se cifra num retorno de 93%.

A análise efectuada a cada questão do questionário foi quantitativa, através da elaboração de tabelas e gráficos. Para as respostas abertas, quando foi solicitado a justificação à resposta pré-codificada utilizou-se a análise de conteúdo.

As questões de caracterização pessoal e profissional permitiram confirmar os dados recolhidos nos arquivos mortos da escola utilizados no ponto 5.1 do trabalho, na caracterização da escola interveniente no estudo.

As questões relacionadas sobre o espaço de recreio da escola onde os inquiridos leccionavam permitiram avaliar a qualidade dos espaços, como era feita e por quem era feita a vigilância dos tempos e espaços de recreio e qual a importância que era dada a estes tempos e espaços pelos professores.

Considerou-se pertinente esta análise de todo o questionário, tendo em conta que se considerou importante para a percepção da avaliação que os professores fazem do espaço e tempo de recreio da escola onde leccionavam e como os classificavam.

Através de tabelas e dos respectivos gráficos, pretendeu-se fazer uma análise comparativa e elucidativa das questões de estudo propostas a avaliar e fazer o cruzamento de dados, com os dados obtidos nos registos mortos e nas entrevistas. Para cada questão a apresentação dos dados estatísticos foi efectuada uma reflexão teórica de forma a assegurar uma lógica com os outros dados obtidos através de outros instrumentos e obter uma ligação dos diversos dados obtidos ao longo do trabalho.

5.3.1 O perfil dos professores inquiridos

Identificação do sexo dos professores

Gráfico XX - Identificação do sexo dos professores



Tabela 21 - Identificação do sexo dos professores

| Sexo | N.º Professores |
|-----------|-----------------|
| Masculino | 05 |
| Feminino | 09 |
| Total | 14 |



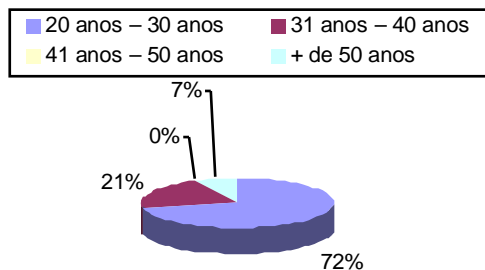
Os professores eram na sua maioria do sexo feminino representando 64% dos inquiridos, constatando-se que a profissão docente, e neste caso em relação ao 1.º ciclo, continua a ser maioritariamente desempenhada por elementos do sexo feminino. Segundo os dados estatísticos do GIASE (Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo) no ano lectivo de 2001/02 no 1.º Ciclo do ensino básico os docentes a exercer funções nos estabelecimentos de ensino públicos, correspondiam a 84,6% do sexo feminino e as Educadoras de Infância registavam 86,6% deste sexo. Para o 2.º ciclo do ensino básico a representatividade feminina era muito menor, registando-se 68,8% de mulheres.

Idade dos professores

Tabela 22 - Idade dos professores

| Idade | N.º Professores |
|-------------------|-----------------|
| 20 anos – 30 anos | 10 |
| 31 anos – 40 anos | 03 |
| 41 anos – 50 anos | 0 |
| + de 50 anos | 01 |
| Total | 14 |

Gráfico XXI - Idade dos professores



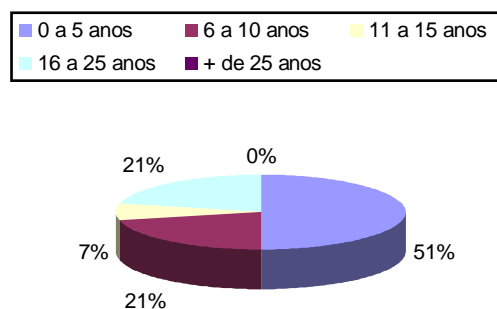
Os professores eram na sua maioria muito jovens, verificando-se que 72% tinham idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos de idades, e os restantes tinham quase todos idades compreendidas entre os 40 e os 50 anos e só um possuía 50 ou mais anos.

Antiguidade na profissão dos professores

Tabela 23 - Antiguidade dos professores na profissão

| Antiguidade na profissão | N.º Professores |
|--------------------------|-----------------|
| 0 a 5 anos | 07 |
| 6 a 10 anos | 03 |
| 11 a 15 anos | 01 |
| 16 a 25 anos | 03 |
| + de 25 anos | 0 |
| Total | 14 |

Gráfico XXII - Antiguidade dos professores na profissão



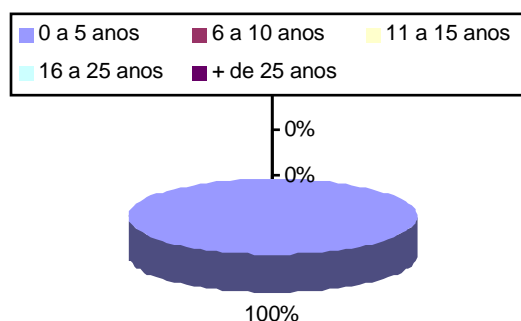
Constatou-se na análise da tabela e do gráfico que 51% dos professores exerciam funções lectivas entre 0 a 5 anos, o que confirma a idade jovem dos professores a exercerem funções na escola conforme se constatou nos dados da questão anterior.

Antiguidade dos professores na escola

Tabela 24 - Antiguidade dos professores na escola

| Antiguidade na escola | N.º Professores |
|-----------------------|-----------------|
| 0 a 5 anos | 14 |
| 6 a 10 anos | 0 |
| 11 a 15 anos | 0 |
| 16 a 25 anos | 0 |
| + de 25 anos | 0 |
| Total | 14 |

Gráfico XXIII- Antiguidade dos professores na escola



A totalidade dos professores inquiridos exercia na sua totalidade funções na escola onde se efectuou o estudo, entre 0 a 5 anos. Estes dados expressam a grande mobilidade que apresentava o quadro de docentes desta escola.

Estes dados são um indicador de que a escola era muito problemática, razão pela qual não mantinha um quadro de docentes estável

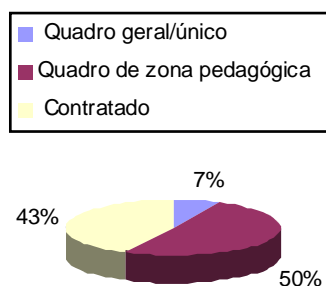
No cruzamento com os dados do ponto 5.1, registou-se essa mobilidade, onde se constatou que os professores do quadro da escola exerciam funções entre 0 a 5 anos

Situação profissional dos professores

Tabela 25 - Situação profissional dos professores

| Situação profissional | N.º Professores |
|---------------------------|-----------------|
| Quadro geral/único | 01 |
| Quadro de zona pedagógica | 07 |
| Contratado | 06 |
| Total | 14 |

Gráfico XXIV - Situação profissional dos professores



Metade do número de professores a exercer funções no ano lectivo de 2003/04 na escola eram do QZP, e 43% eram contratados e só 7% pertenciam ao quadro da escola, o que confirma a grande mobilidade dos professores nesta escola. Estes dados coincidem com os dados recolhidos no ponto 5.1.

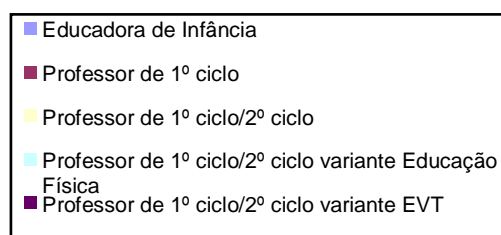
Ao fazer-se o cruzamento com os dados da questão anterior conclui-se que mesmo os professores efectivos estavam há pouco tempo a exercer funções na escola.

Categoria profissional dos professores

Tabela 26 - Categoria profissional dos professores

| Categoria profissional | N.º Professores |
|---|-----------------|
| Educadora de Infância | 01 |
| Professor de 1.º ciclo | 08 |
| Professor de 1.º ciclo/2.º ciclo | 02 |
| Professor de 1.º ciclo/2.º ciclo variante Educação Física | 01 |
| Professor de 1.º ciclo/2.º ciclo variante EVT | 02 |
| Total | 14 |

Gráfico XXV- Categoria profissional dos professores



Ao observarmos a tabela e respectivo gráfico conclui-se que 58% dos professores inquiridos tinham como formação inicial, o grau de licenciatura em professor do 1.º ciclo do ensino básico e 35% tinha como formação inicial a licenciatura em professor do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico.

Este dado foi relevante para se perceber como os professores avaliavam o espaço e tempo de recreio, tendo em conta as características da monodocência. Os professores que leccionam o 1.º ciclo do ensino básico têm um só grupo, e os tempos de recreio são diferentes em número e duração.

Os professores que leccionam o 2.º ciclo do ensino básico têm vários grupos ou turmas e os tempos de actividades lectivas e tempos de recreio são diferentes em número e duração em comparação com o 1.º ciclo do ensino básico.

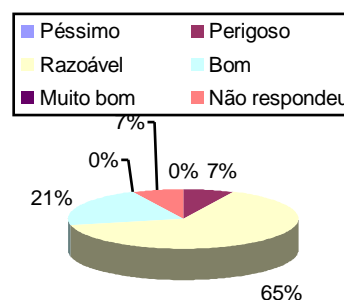
5.3.2 A opinião dos professores sobre o espaço de recreio

Classificação do espaço de recreio pelos professores

Tabela 27 - Classificação do espaço de recreio pelos professores

| O espaço de recreio classifica-o | N.º Professores |
|----------------------------------|-----------------|
| Péssimo | 0 |
| Perigoso | 01 |
| Razoável | 09 |
| Bom | 03 |
| Muito bom | 0 |
| Não respondeu | 01 |
| Total | 14 |

Gráfico XXVI - Classificação do espaço de recreio pelos professores



Dos professores inquiridos nenhum classificou o espaço de recreio da escola em estudo como muito bom, verificando-se que 21% dos respondentes classificou-o como bom; 65% como razoável e 7% como perigoso. Este registo exige reflexão, para que se perceba porque existiam professores nesta escola, que consideraram o espaço de recreio como perigoso. Embora os professores tenham considerado maioritariamente que o espaço de recreio era razoável, este dado é um indicador de que o espaço de recreio não oferecia as condições necessárias de segurança e não oferecia os equipamentos suficientes, de forma a que este espaço fosse um espaço agradável e seguro para as crianças.

Nas entrevistas constata-se que embora todos considerassem que o espaço de recreio tinha uma boa área, consideravam também que o espaço era pobre em equipamentos e materiais lúdicos e o que pavimento era

cimentado/alcatroado, e como tal um pavimento perigoso para o desenvolvimento das actividades das crianças.

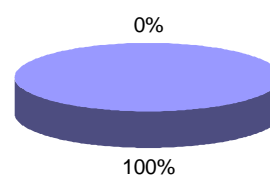
Avaliação do espaço de recreio pelos professores

Gráfico XXVII - Avaliação do espaço de recreio pelos professores



Tabela 28 - Avaliação do espaço de recreio pelos professores

| O recreio deve ser um espaço interessante e com qualidade | N.º Professores |
|---|-----------------|
| Sim | 14 |
| Não | 0 |
| Total | 14 |



Os professores foram unânimes em afirmar que o recreio deve ser um espaço de qualidade e interessante, justificando a necessidade de estes espaços oferecerem segurança às crianças e que devem ser espaços interessantes, porque são fundamentais para o desenvolvimento harmonioso da criança.

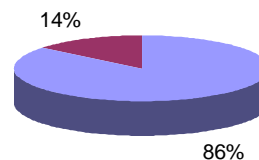
Participação dos professores na vigilância dos recreios

Gráfico XXVIII- Participação dos professores na vigilância dos recreios



Tabela 29 - Participação dos professores na vigilância dos recreios

| Participa na vigilância dos recreios | N.º Professores |
|--------------------------------------|-----------------|
| Sim | 12 |
| Não | 02 |
| Total | 14 |



Os professores afirmaram quase na sua totalidade (86%) que participavam na vigilância dos recreios. Apenas dois dos professores inquiridos, afirmaram que não participavam na sua vigilância.

Forma de participação dos professores na vigilância dos recreios

Gráfico XXIX - Forma de participação dos professores na vigilância dos recreios

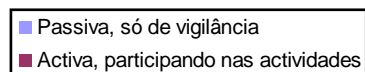


Tabela 30 - Forma de participação dos professores na vigilância dos recreios

| Diga de que forma | N.º Professores |
|--------------------------------------|-----------------|
| Passiva, só de vigilância | 08 |
| Activa, participando nas actividades | 04 |
| Total | 12 |



Dos professores que afirmaram que participavam na vigilância dos recreios, a sua maioria (67%) faziam-no só de forma passiva, somente de vigilância. No entanto 33% diziam participar de forma activa, participando nas actividades.

Pode-se considerar através destes dados que a importância do tempo de recreio é compreendida, embora a sua participação não seja posta em prática da mesma forma.

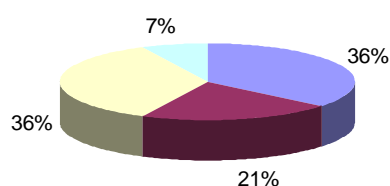
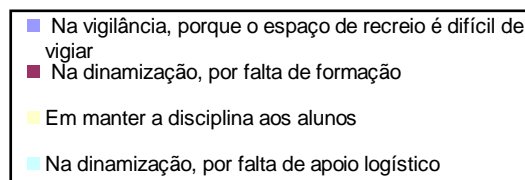
Conclui-se que os professores consideravam o tempo de recreio importante ao afirmarem que participavam na vigilância dos recreios e constata-se que existiam professores em que a sua participação era feita de uma forma activa, isto é, colaboravam com os alunos no desenvolvimento das actividades do tempo de recreio.

Dificuldades dos professores no tempo de recreio

Tabela 31 – Dificuldades dos professores no tempo de recreio

| Quando sente maiores dificuldades durante o tempo de recreio | N.º Professores |
|---|-----------------|
| Na vigilância, porque o espaço de recreio é difícil de vigiar | 05 |
| Na dinamização, por falta de formação | 03 |
| Em manter a disciplina aos alunos | 05 |
| Na dinamização, por falta de apoio logístico | 01 |
| Total | 14 |

Gráfico XXX - Dificuldades dos professores no tempo de recreio



Os professores afirmaram que tinham mais dificuldade durante o tempo de recreio, na vigilância e em manter a disciplina. É de salientar que o espaço de recreio desta escola, como se verifica na figura 1, era difícil de vigiar, porque a escola ficava no centro e o espaço de recreio envolvia todo o edifício escolar, o que dificultava a visibilidade de todo o espaço. Salienta-se a avaliação que a entrevistada C faz do espaço de recreio quando afirmou “Eu acho o recreio muito grande o que dificulta a vigilância. A escola no meio e o recreio a toda a volta, torna-se difícil de vigiar.”

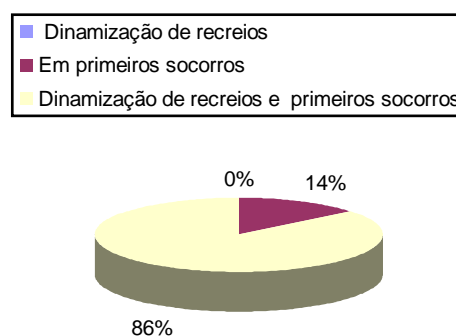
Em relação à dificuldade em manter a disciplina pode-se considerar que a escola tinha uma comunidade escolar com graves problemas de insucesso escolar (Cf. ponto 5.1) e de indisciplina tão evidenciados nas entrevistas (Cf. pontos 5.6.1, 5.6.2 e 5.6.3).

Parecer dos professores sobre a formação dos AAE

Tabela 32 – Parecer dos professores sobre a formação dos AAE

| Acha que os AAE devem ter formação na área de | N.º Professores |
|---|-----------------|
| Dinamização de recreios | 0 |
| Em primeiros socorros | 02 |
| Dinamização de recreios e primeiros socorros | 12 |
| Total | 14 |

Gráfico XXXI- Parecer dos professores sobre a formação dos AAE



Dos professores inquiridos 86% afirmaram que os AAE deviam ter formação em dinamização e primeiros socorros, embora 14% dos inquiridos declarassem que sentiam maior necessidade de os AAE terem formação somente em primeiros socorros. Este dado pode ser um indicador da indisciplina e frequentes pequenos acidentes aos quais se poderia dar resposta, sem ter de se recorrer aos serviços hospitalares, se houvesse alguém com capacidades técnicas ou conhecimentos validados em primeiros socorros para proceder a uma avaliação da gravidade da ocorrência e solucionar pequenos acidentes, sem recurso ao Seguro Escolar.

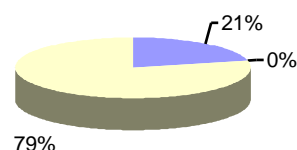
Igualmente se torna imprescindível a formação em primeiros socorros em situações de situações graves de acidentes, em que é necessário saber quando e como se deve intervir de forma a não pôr em risco a vida do sinistrado. Quantas vezes por falta de conhecimento se tomam atitudes que podem ser fatais para o sinistrado, como por exemplo, em situações de quedas graves se remove o corpo do local do acidente, sem os devidos cuidados específicos da intervenção a efectuar.

Parecer dos professores sobre a presença dos AAE nos recreios

Gráfico XXXII - Parecer dos professores sobre a presença dos AAE nos recreios

Tabela 33 - Parecer dos professores sobre a presença dos AAE nos recreios

| Como classifica a presença dos AAE nos recreios: | N.º Professores |
|--|-----------------|
| Muito importante | 03 |
| Pouco importante | 0 |
| Imprescindível | 11 |
| Total | 14 |



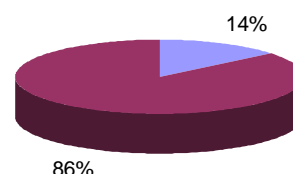
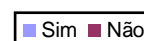
Os professores afirmaram que a presença dos AAE é muito importante/imprescindível nos recreios. Ao solicitar-se que justificassem a opinião através de resposta aberta, argumentaram que os AAE conhecem todos os alunos e que são um complemento da acção dos professores. Realça-se aqui a importância da figura dos AAE na organização escolar, por terem a particularidade de conhecer todos os alunos e como tal poderem ser um complemento muito importante na acção dos professores, criando laços de afectividade e respeito que, sem dúvida, melhoram o dia-a-dia escolar.

Acção de formação dos professores sobre dinamização dos tempos de recreio

Gráfico XXXIII - Acção de formação dos professores sobre dinamização dos tempos de recreio

Tabela 34 - Acção de formação dos professores sobre dinamização dos tempos de recreio

| Teve alguma acção de formação sobre dinamização dos tempos de recreio | N.º professores |
|---|-----------------|
| Sim | 02 |
| Não | 12 |
| Total | 14 |



Dos professores inquiridos, 86% afirmaram que não tiveram acção de formação sobre dinamização de recreios, registando-se porém que 14% dos professores afirmaram que obtiveram formação sobre dinamização dos tempos de recreio. Poderá questionar-se, se na formação inicial, os professores não deveriam ter formação sobre a dinamização de espaços de recreio e ou de tempos livres, uma vez que os diferentes estudos realizados sobre esta temática nos dão conta da vertente socializadora e educativa destes tempos e espaços.

Parecer dos professores sobre a valorização do tempo de recreio na aprendizagem/formação dos alunos

Tabela 35 - Parecer dos professores sobre a valorização do tempo de recreio na aprendizagem/formação dos alunos

| Pensa que os professores valorizam o tempo de recreio para a aprendizagem/formação dos alunos | N.º Professores |
|---|-----------------|
| Sim | 07 |
| Não | 07 |
| Total | 14 |

Gráfico XXXIV - Parecer dos professores sobre a valorização do tempo de recreio na aprendizagem/formação dos alunos



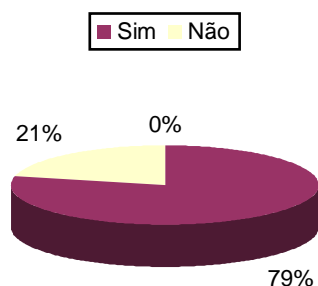
Da opinião dos professores inquiridos sobre o valor atribuído pelos professores ao tempo de recreio para a aprendizagem/formação dos alunos constatou-se que 50% dos inquiridos afirmaram que os professores valorizam o tempo de recreio e os outros 50% afirmaram que os professores não valorizam o tempo de recreio na aprendizagem/formação das crianças. Perante estes dados os professores inquiridos reconheceram que nem todos os professores consideravam o tempo de recreio importante na aprendizagem/formação das crianças, que consideravam o tempo de recreio como uma parte do tempo da escola fora do seu âmbito, do seu campo de acção.

Participação dos professores na dinamização/vigilância dos recreios

Tabela 36 - Participação dos professores na dinamização/vigilância dos recreios

| Acha que os professores devem participar na dinamização/vigilância dos recreios | N.º Professores |
|---|-----------------|
| Sim | 11 |
| Não | 03 |
| Total | 14 |

Gráfico XXXV - Participação dos professores na dinamização/vigilância dos recreios



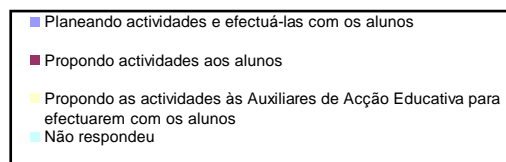
A maioria os professores inquiridos (79%) afirmaram que devem participar na vigilância/dinamização dos recreios e 21% não estavam de acordo que os professores participassem na dinamização/vigilância dos recreios. Estes dados estão de acordo com os dados da tabela 29, em que o número de professores que afirmaram que participavam na vigilância do recreio é idêntico aos que consideraram que deviam participar na sua vigilância.

Parecer dos professores sobre a forma de como devem participar na vigilância/dinamização dos recreios

Tabela 37 - Parecer dos professores sobre a forma de como devem participar na vigilância/dinamização dos recreios

| De que forma | N.º Professores |
|---|-----------------|
| Planeando actividades e efectua-las com os alunos | 03 |
| Propondo actividades aos alunos | 06 |
| Propondo as actividades às Auxiliares de Acção Educativa para efecturem com os alunos | 02 |
| Não respondeu | 03 |
| Total | 14 |

Gráfico XXXVI -. Parecer dos professores sobre a forma de como devem participar na vigilância/dinamização dos recreios



Nesta questão pode-se concluir que, embora a maioria considerasse que os professores deviam participar na dinamização dos recreios, verificou-se que 44% eram da opinião que os professores deviam propor as actividades aos alunos e só 21% eram da opinião, que os professores deviam planear as actividades e efectuá-las com os alunos e os restantes 14% afirmaram que, essas actividades deviam ser propostas aos AAE para eles as efectuarem com os alunos. Esta será a opinião dos que afirmaram não participar na vigilância dos recreios (Cf. tabela 29)

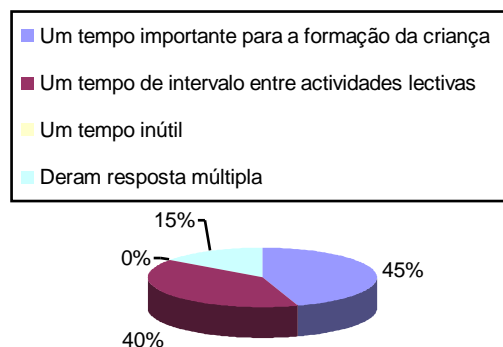
Este dado coincide com a opinião explícita nas entrevistas A e B em que os entrevistados consideravam que a interferência do adulto no espaço de recreio deve ser mínima. As crianças deviam brincar livremente.

Classificação do tempo de recreio pelos professores

Tabela 38 - Classificação do tempo de recreio pelos professores

| Classifica o tempo de recreio | N.º Professores |
|--|-----------------|
| Um tempo importante para a formação da criança | 09 |
| Um tempo de intervalo entre actividades lectivas | 08 |
| Um tempo inútil | 0 |
| Deram resposta múltipla | 03 |
| Total | 14 |

Gráfico XXXVII - Classificação do tempo de recreio pelos professores



Os professores questionados classificaram o tempo de recreio como um tempo importante para a formação das crianças, embora um número expressivo (40%) o tenha classificado como um tempo de intervalo, sem grande valor. Nota-se nesta questão uma fraca valorização dos tempos de recreio pois, embora quase metade dos inquiridos o considere um tempo importante para a formação das crianças, existe, contudo, quase outra metade que o considera um simples tempo de intervalo entre actividades lectivas.

Nas justificações à questão anterior por resposta aberta de como classifica o tempo de recreio foi pedido que justificassem as suas afirmações, que foram as seguintes:

Os professores justificaram as suas opções das resposta escolhidas, argumentando que:

- É um tempo importante para os alunos;
- É um tempo necessário para o professor;
- Deve ser um tempo de realização de brincadeiras, sem intervenção do adulto;
- Deve ser um tempo sem normativos rígidos;
- É um tempo importante para a formação cívica e social do aluno

Aqui salientam-se as opiniões dos que consideram que é um tempo importante para a formação das crianças embora se reconheça que os docentes necessitam igualmente de um tempo de descanso.

Avaliação da duração do tempo de recreio pelos professores

Gráfico XXXVIII - Avaliação da duração do tempo de recreio pelos professores

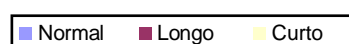
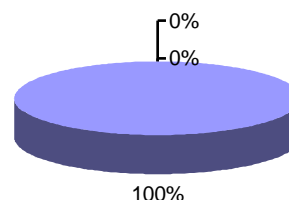


Tabela 39 - Avaliação da duração do tempo de recreio pelos professores

| A duração do tempo de recreio é: | N.º Professores |
|----------------------------------|-----------------|
| Normal | 14 |
| Longo | 0 |
| Curto | 0 |
| Total | 14 |



Os professores da escola em estudo classificaram a duração do tempo de recreio como normal, não o considerando nem longo nem curto. Regista-se nesta questão total concordância na avaliação da duração do tempo de recreio, constatando-se que a opinião emitida estava em conformidade com o

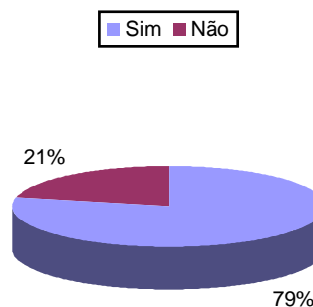
Análise, interpretação e discussão dos resultados
estipulado no Despacho Conjunto n.º 25/SERE/SEAM/88, de 2 de Agosto
(Cf. p. 24-25).

A importância da presença dos professores nos recreios

Tabela 40 - A importância da presença dos professores nos recreios

| Acha importante a presença dos professores nos recreios? | N.º Professores |
|--|-----------------|
| Sim | 11 |
| Não | 03 |
| Total | 14 |

Gráfico XXXIX - A importância da presença dos professores nos recreios



Sobre a presença dos professores no recreio a maioria (79%) dos inquiridos argumentou que a presença dos docentes é importante nos recreios.

Nas justificações dadas à questão anterior, sobre a importância da sua presença aí, os respondentes emitiram as seguintes opiniões:

- Para as respostas negativas, os inquiridos consideraram que esse tempo não tem de ter necessariamente a presença do professor, que a presença deste poderá impedir a espontaneidade das crianças nas suas brincadeiras.

- Para as respostas positivas os inquiridos justificaram as suas respostas argumentando que a presença do professor impõe o respeito e evita os conflitos.

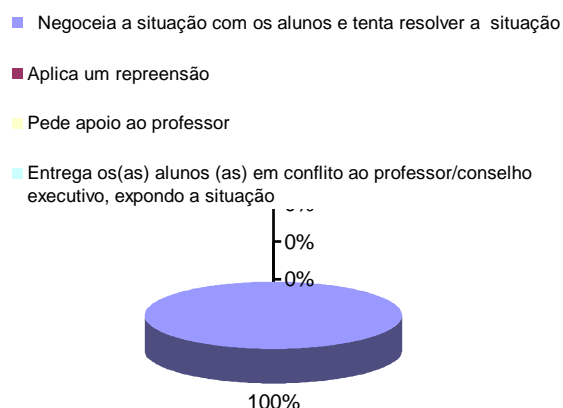
Estes dados são coincidentes com os dados obtidos na tabela 36, em que os 79% dos professores que consideraram que deviam participar na vigilância/dinamização dos recreios eram os que consideraram importante a sua presença no recreio. No cruzamento dos dados da tabela 36 com os dados da tabela 40 confirmou-se a opinião dos professores sobre a sua presença nesse espaço e tempo escolar.

Actuação dos professores em situações de conflito

Tabela 41 - Actuação dos professores em situações de conflito

| Em situações de conflito entre crianças | N.º Professores |
|--|-----------------|
| Negoceia a situação com os alunos e tenta resolver a situação | 14 |
| Aplica uma repreensão | 0 |
| Pede apoio ao professor | 0 |
| Entrega os(as) alunos (as) em conflito ao professor/conselho executivo, expondo a situação | 0 |
| Total | 14 |

Gráfico XL - Actuação dos professores em situações de conflito



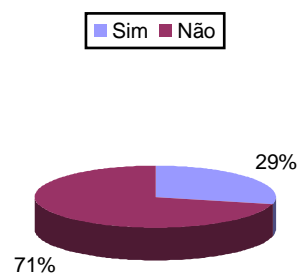
Conclui-se, perante a leitura deste gráfico que a atitude que os professores tomavam em situações de conflito, era no sentido de resolver a situação através da negociação do conflito com os alunos, sem recorrer à ajuda do professor do aluno (no caso de não ser com os seus alunos) ou de recorrer ao Conselho Executivo. Não aplicavam repreensões o que se considera que perante as situações de conflito tomavam uma atitude assertiva.

Formação dos professores em primeiros socorros

Tabela 42 - Formação dos professores em primeiros socorros

| Tem formação em primeiros socorros | N.º Professores |
|------------------------------------|-----------------|
| Sim | 04 |
| Não | 10 |
| Total | 14 |

Gráfico XLI - Formação dos professores em primeiros socorros



A maioria dos professores (71%) não tinha formação em primeiros socorros. Este tipo de formação poderá ser importante, tal como foi referido em relação aos AAE, tendo em conta que nas escolas acontecem acidentes e, por vezes, é necessário saber que tipo de primeira intervenção se deverá ter de acordo com a gravidade e o tipo de lesão.

Comentário: "É no recreio que as relações entre pares são mais livres e espontâneas e as crianças fazem aprendizagens tão importantes como as da sala de aula." Blatchord & Sharp (cit. por Pereira & Pinto, 2001, p. 183)

Na última questão foi solicitado que fizessem um pequeno comentário a esta citação.

Os professores referiram todos a concordância com a citação, realçando a importância do factor sociológico que se desenvolve nos espaços de recreio, da importância do espaço livre para brincar, mas dando mais enfoque a que a interferência do adulto no recreio devia ser mínima, argumentando que as crianças no recreio necessitavam de um espaço livre para brincar de forma livre e serem espontâneas nas suas brincadeiras.

SÍNTESE

- § Os professores inquiridos eram maioritariamente do sexo feminino;
- § Eram na sua maioria muito jovens, com idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos;
- § Metade dos professores inquiridos exercia funções lectivas entre 0 anos e 5 anos;

- § ~~Todos os professores inquiridos exerciam funções lectivas na escola~~ entre 0 e 5 anos, o que retrata a grande mobilidade do quadro de docentes;
- § Metade dos inquiridos eram do QZP, 43% eram contratados e só 7% eram efectivos;
- § Tinham maioritariamente como formação inicial a licenciatura em professores do 1.º ciclo do ensino básico;
- § Mais de metade (65%) consideravam o espaço de recreio como razoável; nenhum o considerava muito bom; 21% como bom e 7% como perigoso;
- § Todos os professores consideravam que o espaço de recreio devia ser um espaço com qualidade e interessante;
- § Quase a totalidade dos respondentes (86%) afirmaram que participavam na vigilância dos recreios, dos quais 67% afirmaram que participavam de forma passiva;
- § Sentiam maiores dificuldades na vigilância dos recreios pelas características do espaço e em manter a disciplina dos alunos;
- § Grande parte dos inquiridos (86%) considerava que os AAE deviam ter formação na dinamização dos recreios e primeiros socorros;
- § A grande maioria (79%) afirmaram que a presença dos AAE é imprescindível e os restantes 21% consideraram a sua presença muito importante;
- § A maioria dos inquiridos (86%) afirmou que não tiveram qualquer formação sobre dinamização dos tempos de recreio;
- § Os professores inquiridos mostraram-se divididos sobre o valor que os professores atribuem aos tempos de recreio na aprendizagem/formação das crianças, metade dizia que os professores os valorizam, outra metade considerava que os professores não valorizavam esse tempo;
- § Grande parte dos inquiridos (79%) considera que os professores deviam participar na dinamização/vigilância dos recreios, dos quais só 21% consideraram que deviam ser os professores a planear as actividades e

efectuá-las com os alunos e os restantes acharam que deviam propor actividades aos alunos e aos AAE;

- § Na classificação dos tempos de recreio, metade classificou-o como um tempo importante na formação das crianças e outra metade um tempo de intervalo entre as actividades lectivas;
- § Todos os inquiridos consideraram o tempo de duração de recreio normal, nem longo nem curto;
- § Grande parte dos inquiridos (79%) considera importante a presença dos professores nos recreios, porque a sua presença impõe o respeito e evita os conflitos. Os restantes 21% consideraram que a presença dos professores não é importante, porque a sua presença podia impedir a espontaneidade das crianças nas suas brincadeiras;
- § Todos os inquiridos afirmaram que em situações de conflito negociavam a situação com os alunos e tentavam resolver a situação, tomavam uma posição assertiva;
- § A grande maioria dos inquiridos (71%) não tinha formação em primeiros socorros;
- § Todos os inquiridos concordaram com a citação de Blatchord & Sharp (cit. por Pereira, 2001, p. 183) que é no recreio que as relações entre pares são mais livres e espontâneas e as crianças fazem aprendizagens tão importantes como as da sala de aula, mas realçam que a interferência dos professores deve ser mínima.

5.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS AOS ALUNOS

O tratamento de dados agora apresentado foi resultado de uma análise e tratamento de todas as questões do questionário distribuído a todos os alunos

Análise, interpretação e discussão dos resultados do 4.º ano de escolaridade e a alguns do 3.º ano de escolaridade, que estavam inseridos por retenção nas turmas do 4.º ano de escolaridade da escola.

Foram entregues em mão pelo investigador, com a ajuda dos respectivos professores, setenta e três questionários aos alunos e foram respondidos e devolvidos todos os questionários em mão ao investigador.

Foi feita a análise de cada questão, permitindo confirmar os dados recolhidos relativos à identificação nos arquivos mortos da escola utilizados no ponto 5.1 deste estudo, quando procedemos à caracterização da escola.

Considerou-se pertinente esta análise de todo o questionário, tendo em conta que é importante a percepção que cada aluno tem do espaço de recreio da escola e como o classifica. Através de tabelas e dos respectivos gráficos, pode-se fazer uma análise elucidativa e quantitativa e com o cruzamento de outros dados quantitativos e qualitativos efectuar comparações entre as informações obtidas e avaliar as questões de estudo, de forma a compreender como os alunos avaliavam o espaço arquitectónico do recreio; como avaliavam a qualidade da vigilância efectuada pelos AAE e pelos professores e qual o valor que atribuíam a esse tempo.

5.4.1 O perfil dos alunos inquiridos

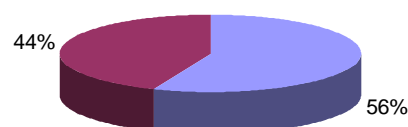
Identificação do sexo dos alunos

Gráfico XLII - Identificação do sexo dos alunos

■ Masculino ■ Feminino

Tabela 43 - Identificação do sexo dos alunos

| Sexo | N.º Alunos |
|-----------|------------|
| Masculino | 41 |
| Feminino | 32 |
| Total | 73 |



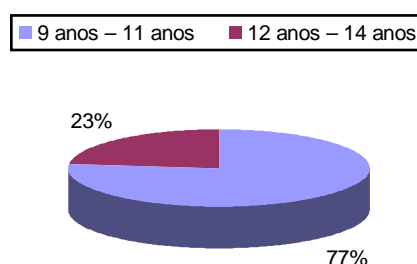
A leitura e análise da tabela e do gráfico permite constatar que os alunos que responderam ao questionário eram na sua maioria do sexo masculino, mas com uma margem de diferença pouco significativa em relação ao sexo feminino.

Caracterização da idade dos alunos

Tabela 44 - Caracterização da idade dos alunos

| Idade | N.º Alunos |
|-------------------|------------|
| 9 anos – 11 anos | 56 |
| 12 anos – 14 anos | 17 |
| 15 anos | 0 |
| Total | 73 |

Gráfico XLIII - Caracterização da idade dos alunos



A idade média para as crianças finalizarem o 1.º ciclo do ensino básico e efectuarem um percurso escolar normal, deve ser entre os 9 e os 10 anos de idade. No entanto verificou-se que um número significativo das crianças inquiridas tinha idades superiores à média de idades indicadas para o final do 1.º ciclo, 23% dos quais pertenciam ao grupo etário dos 12 aos 14 anos, indicador de repetências e de insucesso escolar, que se registou nesta escola. (Cf. ponto 5.1). Por outro lado, as crianças de etnia cigana e crianças refugiadas da guerra de países africanos (ex. Guiné) e de leste da Europa, não iniciam a escolaridade obrigatória na idade estipulada (6 anos de idade) e outras vezes não é dada a equivalência de estudos aos imigrantes.

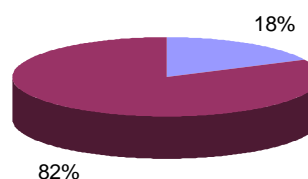
Ano de escolaridade dos alunos

Tabela 45 - Ano de escolaridade dos alunos

| Ano de escolaridade que frequentas | N.º Alunos |
|------------------------------------|------------|
| 3.º ano | 13 |
| 4.º ano | 60 |
| Total | 73 |

Gráfico XLIV - Ano de escolaridade dos alunos

3º ano 4º ano



Dos alunos que responderam ao questionário verificou-se que 82% eram do 4.º ano de escolaridade e 18% eram do 3.º ano de escolaridade. Os alunos do 3.º ano de escolaridade eram alunos repetentes e estão inseridos em turmas do 4.º ano de escolaridade, porque segundo a legislação devem acompanhar a turma, sendo um indicador de retenções e do insucesso escolar desta escola.

5.4.2 A opinião dos alunos

Apreciação do recreio da escola pelos alunos

Gráfico XLV - Apreciação do recreio da escola pelos alunos

Sim Não

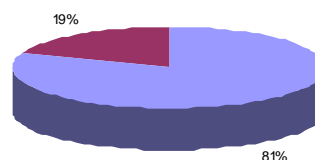


Tabela 46 - Apreciação do recreio da escola pelos alunos

| Gostas do recreio da tua escola | N.º Alunos |
|---------------------------------|------------|
| Sim | 59 |
| Não | 14 |
| Total | 73 |

Os alunos que responderam ao questionário na sua maioria gostavam do recreio da escola, salientando-se que 19% afirmaram que não gostavam dele.

Ao ser pedida uma justificação para a questão anterior, os alunos argumentaram:

- Nas justificações às respostas positivas os alunos relevaram a importância de brincar com os amigos e a quase totalidade referiu a existência do campo de futebol, salientando-se assim a importância que este espaço tinha no desenvolvimento de actividades físicas;

- Nas justificações às respostas negativas os alunos referiram que o recreio tinha poucos materiais, pouca segurança e muitos conflitos/agressões. Mais uma vez se constata que existiam problemas de violência nesta escola. Há crianças que se sentiam inseguras no espaço de recreio e este problema poderia ser um dos motivos que os levava a ter uma opinião negativa sobre o tempo e espaço de recreio. Segundo Amália Rebolo Marques (cit. por Pereira & Pinto, 2001, p. 184) “é o apoio e atenção dos adultos, ou a sua falta, que podem fazer do recreio um espaço de prazer ou de terror, de liberdade e respeito ou de opressão e agressividade, de alegria e amigos ou de tristeza e solidão.”

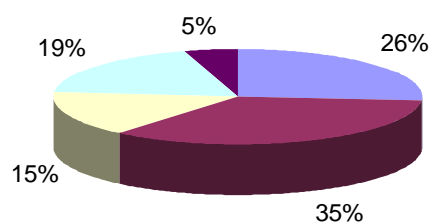
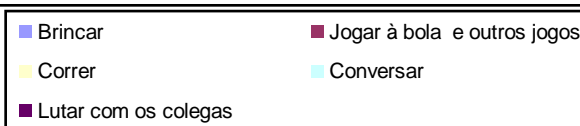
Actividades desenvolvidas no recreio pelos alunos

Tabela 47 - Actividades desenvolvidas no recreio pelos alunos

| O que costumam fazer no recreio da tua escola | N.º Alunos |
|---|------------|
| Brincar | 45 |
| Jogar à bola e outros jogos | 59 |
| Correr | 26 |
| Conversar | 32 |
| Lutar com os colegas | 08 |
| Total | 73 |

Nota: Muitas crianças deram resposta múltipla, o que na altura foi autorizado

Gráfico XLVI - Actividades desenvolvidas no recreio pelos alunos



Os alunos que responderam ao questionário tinham na sua maioria as mesmas preferências: jogar e brincar.

A maioria (35%) gostava de jogar à bola e outros jogos; 26% diziam gostar de brincar, seguidos de 15% que diziam que gostavam de correr, estando aqui registadas as actividades próprias do tempo de recreio: jogar, brincar e correr/movimento. Um número representativo (26%) diziam que gostavam simplesmente de conversar, outra perspectiva do tempo de recreio, conviver, criar laços, socializar.

Registou-se, no entanto, a escolha do lutar com os colegas, por 5% dos inquiridos que é um indicador de problemas de agressividade, que confirma outros registos, salientando-se que nas entrevistas, os entrevistados que exerciam funções educativas nesta escola, evidenciavam bem este problema (Cf. pontos 5.6.1, 5.6.2 e 5.6.3).

Nesta questão durante o preenchimento do questionário alguns alunos solicitaram se podiam dar mais que uma resposta o que foi autorizado. Perante este facto sente-se o valor que as crianças dão à multiplicidade de actividades que podem desenvolver no espaço de recreio, à importância que elas dão a este tempo, às inúmeras possibilidades que podem partilhar com os seus pares, os colegas da sua idade.

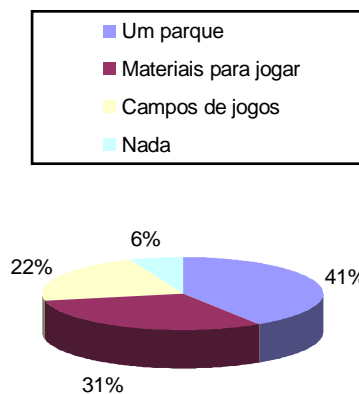
Classificação dos equipamentos do recreio pelos alunos

Gráfico XLVII - Classificação dos equipamentos do recreio pelos alunos

Tabela 48 - Classificação dos equipamentos do recreio pelos alunos

| O que gostavas que o pátio do recreio da tua escola tivesse e que não tem? | N.º Alunos |
|--|------------|
| Um parque | 54 |
| Materiais para jogar | 41 |
| Campos de jogos | 29 |
| Nada | 08 |
| Total | 73 |

Nota: Muitas crianças deram resposta múltipla, o que na altura foi autorizado



Os alunos que responderam ao questionário demonstraram que desejavam um espaço mais rico em equipamentos, denotando-se, no entanto, a grande necessidade de um parque no espaço de recreio e materiais para jogar. Na altura do preenchimento do questionário a maioria dos alunos inquiridos perguntou se podia dar mais do que uma resposta o que foi autorizado. Esta atitude tem como leitura a necessidade que as crianças sentiam em possuir mais equipamentos no seu espaço de recreio.

De acordo com a questão anterior é bem evidente o valor que as crianças dão ao espaço e tempo de recreio. Da mesma forma que sentiram necessidade de transmitir a variedade de coisas que gostam de fazer no recreio, assim também sentiram necessidade de transmitir a variedade de coisas que o espaço de recreio deveria possuir, para que o tempo que lá passam, possa ainda ser muito mais rico e interessante.

Avaliação dos alunos da duração do tempo de recreio

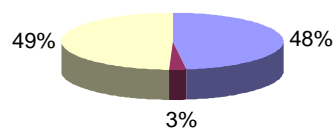
Tabela 49 - Avaliação dos alunos da duração do tempo de recreio

| A duração do tempo de recreio é: | N.º Alunos |
|----------------------------------|------------|
| Normal | 35 |
| Longo | 02 |
| Curto | 36 |

Gráfico XLVIII - Avaliação dos alunos da duração do tempo de recreio

| | |
|-------|----|
| Total | 73 |
|-------|----|

Normal Longo Curto



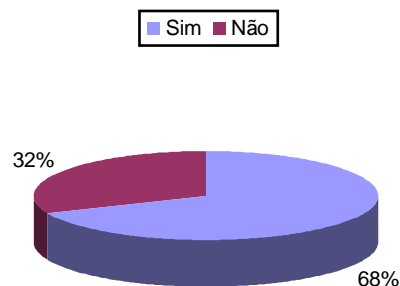
Os alunos que responderam ao questionário, demonstraram que um número significativo (49%) gostava que o recreio fosse mais longo, o que indica que as crianças gostam do tempo de recreio e um grande indicador que as crianças necessitam de tempo lúdico.

As duas crianças que consideraram a duração do tempo de recreio como longo poderá ser um sinal que não são felizes, que este tempo poderá ser um tempo de angústia ou sofrimento, tendo em conta o registo de problemas de agressividade e violência nesta escola.

Avaliação dos alunos da vigilância dos recreios efectuada pelos AAE

Tabela 50 - Avaliação da vigilância efectuada pelos AAE Gráfico XLIX - Avaliação da vigilância efectuada pelos AAE

| Achas que os AAE vigiam e apoiam bem os recreios | N.º Alunos |
|--|------------|
| Sim | 50 |
| Não | 23 |
| Total | 73 |



Dos alunos inquiridos um número significativo (32%) consideraram que os AAE não vigiam e apoiam bem os recreios.

Ao ser pedido uma justificação para a questão anterior, os alunos inquiridos argumentaram que:

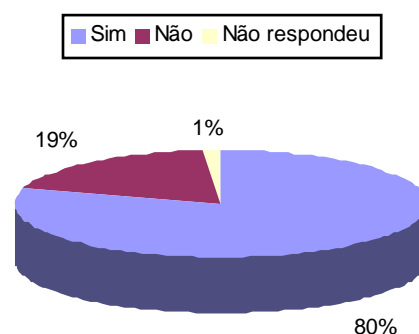
- Nas justificações dadas às respostas positivas, todos valorizaram e evidenciaram a qualidade da vigilância dos AAE, apercebendo-se nas suas respostas que eram uma presença sentida e muito apreciada, evidenciando a ajuda nas lutas e no tratamento nos acidentes;
- Nas justificações dadas às respostas negativas referiram que os AAE só conversavam e não vigiavam.

Através destes dados pode-se concluir que todos os AAE participavam na vigilância dos recreios, mas que essa vigilância nem sempre era efectuada com qualidade. Será um sinal da necessidade de formação que os AAE possam ter para o exercício das suas competências, que não consigam dar resposta positiva às situações/problemas neste tempo e espaço da escola.

Avaliação dos alunos da vigilância dos recreios efectuada pelos professores

Tabela 51 - Avaliação dos alunos da vigilância efectuada pelos professores

| Achas que as (os) professores (as) vigiam e apoiam bem os recreios? | N.º Alunos |
|---|------------|
| Sim | 58 |
| Não | 14 |
| Não respondeu | 01 |
| Total | 73 |



Dos alunos inquiridos existia um número significativo (79%) que afirmaram que os professores vigiavam bem o recreio.

Ao ser pedido uma justificação em resposta aberta para a questão anterior, os alunos inquiridos argumentaram que:

- Nas justificações às respostas positivas afirmaram que os professores vigiavam bem, estando em todo o lado;
- Nas justificações às respostas negativas afirmaram que os professores iam tomar café e conversar, tratar de assuntos ou se estavam nos recreios não faziam nada quando se passava algo ou lhes era solicitada ajuda.

SÍNTESE

- § Os alunos inquiridos eram na sua maioria do sexo masculino (56%), mas com uma pequena diferença em relação ao sexo feminino;
- § Pertenciam maioritariamente ao grupo etário dos 9 aos 11 anos (77%), registando-se, no entanto, um número significativo de crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, o que é um indicador de insucesso escolar, porque a idade média de finalizar o 1.º ciclo do ensino básico é aos 9/10 anos;
- § A grande parte dos inquiridos frequentavam o 4.º ano de escolaridade (82%), e os restantes (18%) frequentavam o 3.º ano de escolaridade;

-
- § A grande maioria (81%) afirmou que gostava do recreio da escola;
- § A maioria dos inquiridos gostava de jogar à bola e outros jogos e de brincar. Uma parte significativa dizia que gostava de conversar e de correr. É de salientar o registo de 5% dos inquiridos terem optado pela resposta de “Lutar com os colegas”;
- § A grande parte dos inquiridos gostava que o recreio tivesse um parque. As restantes opções demonstraram que os inquiridos desejavam que o pátio de recreio tivesse mais equipamentos, sinal claro da escassez de materiais que o espaço de recreio apresenta. No entanto 6% escolheram a opção de “nada”;
- § Uma parte significativa (48%) considerava o tempo de recreio normal, e a outra metade (49%) considerava a duração do tempo de recreio curto;
- § Uma percentagem muito representativa (68%) consideraram que os AAE vigiavam e apoiavam bem o recreio, evidenciando-se nas justificações a qualidade da vigilância por elas efectuada e 32% considerava o contrário, justificando que só conversavam e não vigiavam;
- § A grande maioria dos inquiridos (80%) consideraram que os professores vigiavam e apoiavam bem o recreio, justificando que estavam por todo o lado e 15% consideraram que não vigiavam e quando lhes era solicitada ajuda não agiam.

5.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS AOS AUXILIARES DE ACÇÃO EDUCATIVA

Neste ponto apresenta-se a análise dos questionários efectuados aos AAE a exercer funções na escola.

Foram entregues pelo investigador em mão nove questionários a todos os AAE a exercerem funções no 1.º ciclo do ensino básico e na educação pré-escolar e foram respondidos e devolvidos em mão os nove questionários ao investigador.

A análise foi efectuada a cada questão do questionário, pelo mesmo método efectuado à análise de dados dos questionários efectuados aos professores e aos alunos. Permitiu confirmar os dados recolhidos nos arquivos mortos de cada escola utilizados no ponto 5.1 deste estudo, durante a caracterização da escola interveniente no estudo, porque as questões também envolvem a identificação e caracterização de cada AAE.

Pelas mesmas razões apontadas em relação aos professores e aos alunos, considerou-se pertinente esta análise de todo o questionário, tendo em conta que é importante a percepção da avaliação que cada AAE faz do espaço e tempo de recreio da escola onde exerce funções e como os classifica. Através de tabelas e dos respectivos gráficos, pode-se efectuar uma análise sobre como os AAE avaliam as três questões de estudo inseridas neste trabalho de investigação.

Os AAE são uma figura muito importante numa escola. Eles conhecem todos os alunos e particularmente nesta escola verifica-se que trabalham todos há mais de cinco anos, o que representa que têm um conhecimento mais profundo sobre como é gerido o espaço e tempo de recreio e os problemas nele existentes.

5.5.1 O perfil dos AAE

Identificação do sexo dos AAE

Gráfico LI - Identificação do sexo dos AAE

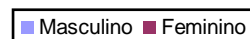
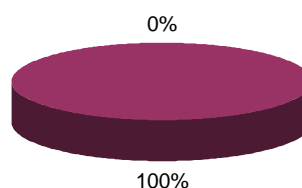


Tabela 52 - Identificação do sexo dos AAE

| Sexo | N.º AAE |
|-----------|---------|
| Masculino | 0 |
| Feminino | 09 |
| Total | 09 |



Os AAE inquiridos eram todas do sexo feminino. Os dados estatísticos do GIASE para o ano lectivo de 2001/02 apontam para uma percentagem de 29% de mulheres para o pessoal não docente a exercer funções no ensino público do pré-escolar, básico e secundário, o que envolve também o pessoal de administração local. No entanto, é do conhecimento geral que os AAE são maioritariamente do sexo feminino nas escolas do 1.º ciclo do ensino básico e jardins de infância.

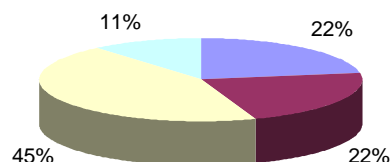
Caracterização da idade dos AAE

Gráfico LII - Caracterização da idade dos AAE



Tabela 53 - Caracterização da idade dos AAE

| Idade | N.º AAE |
|-------------------|---------|
| 20 anos – 30 anos | 02 |
| 31 anos – 40 anos | 02 |
| 41 anos – 50 anos | 04 |
| + de 50 anos | 01 |
| Total | 09 |



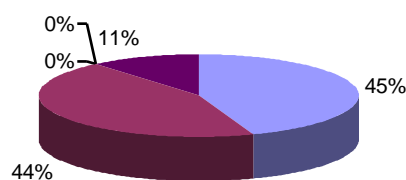
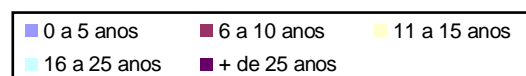
Em relação à idade dos AAE inquiridos verifica-se que quase metade (45%) dos inquiridos, pertenciam ao grupo etário dos 40 aos 50 anos e os restantes englobavam-se equitativamente nos outros grupos etários, à excepção de um AAE que tinha mais de 50 anos, entrevistado C.

Antiguidade dos AAE na profissão

Tabela 54 - Antiguidade dos AAE na profissão

| Antiguidade na profissão | N.º AAE |
|--------------------------|---------|
| 0 a 5 anos | 04 |
| 6 a 10 anos | 04 |
| 11 a 15 anos | 0 |
| 16 a 25 anos | 0 |
| + de 25 anos | 01 |
| Total | 09 |

Gráfico LIII - Antiguidade dos AAE na profissão



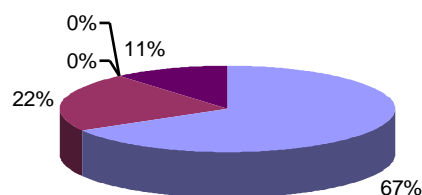
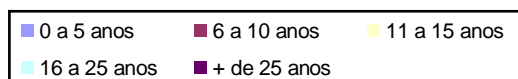
Pode-se constatar que quase metade (45%) dos inquiridos exerciam a profissão de AAE entre 0 e 5 anos, outra metade entre 6 e 10 anos, e um dos inquiridos exercia funções há mais de 25 anos.

Antiguidade dos AAE na escola

Tabela 55 - Antiguidade dos AAE na escola

| Antiguidade na escola | N.º AAE |
|-----------------------|---------|
| 0 a 5 anos | 06 |
| 6 a 10 anos | 02 |
| 11 a 15 anos | 0 |
| 16 a 25 anos | 0 |
| + de 25 anos | 01 |
| Total | 09 |

Gráfico LIV - Antiguidade dos AAE na escola



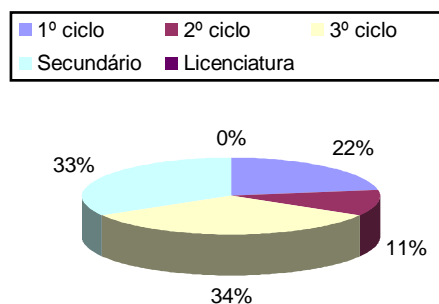
A maioria dos AAE exerciam funções há poucos anos na escola, à excepção de um AAE que exercia funções há mais de 25 anos, a entrevistada C.

Habilitações literárias dos AAE

Tabela 56 - Habilitações literárias dos AAE

| Habilitações literárias | N.º AAE |
|-------------------------|---------|
| 1.º ciclo | 02 |
| 2.º ciclo | 01 |
| 3.º ciclo | 03 |
| Secundário | 03 |
| Licenciatura | 0 |
| Total | 09 |

Gráfico LV - Habilitações literárias dos AAE



Os AAE tinham habilitações literárias distintas, entre o 1.º ciclo do ensino básico e o ensino secundário, embora a maioria possuísse o 3.º ciclo do ensino básico e o secundário.

A carreira de AAE não exigia competências académicas específicas nem mínimas, situação que tende a ser alterada.

As competências profissionais continuam a ser as mesmas, mas começam a ser exigidas competências académicas superiores e formação específica para o exercício de funções de AAE.

Esta alteração não se deve somente a uma preocupação no profissionalismo dos AAE, através da exigência de competências académicas superiores, mas também à crise de emprego actual. Começa a registar-se a existência de AAE com licenciaturas, por vezes de áreas distintas das ciências da educação.

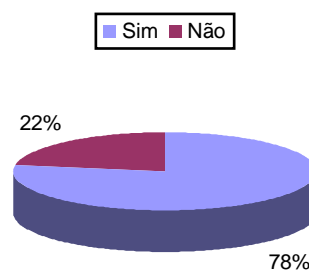
5.5.2 A opinião dos AAE

Avaliação dos AAE do espaço de recreio

Gráfico LVI - Avaliação dos AAE do espaço de recreio

Tabela 57 - Avaliação dos AAE do espaço de recreio

| Acha o espaço do recreio da escola onde trabalha apropriado | N.º AAE |
|---|---------|
| Sim | 07 |
| Não | 02 |
| Total | 09 |



A maioria dos AAE inquiridos (78%) considerava o espaço de recreio da escola apropriado.

Ao ser pedido justificação das opiniões emitidas, argumentaram em resposta aberta que:

- Nas justificações às respostas positivas, alegaram que o espaço de recreio possuía uma boa área;
- Nas justificações às respostas negativas, alegaram que o tipo de pavimento não era apropriado e a dificuldade que sentiam em ser vigiado, pela sua localização (Cf. figura 2).

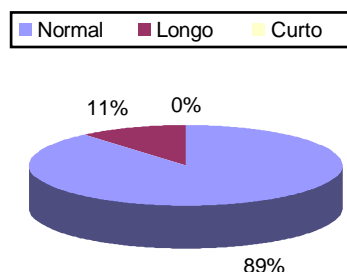
Este argumento foi referido tanto nos questionários como nas entrevistas pelos professores e AAE na dificuldade de ser vigiado devido à sua localização e o aspecto negativo que o tipo de pavimento do recreio representava por ser alcatroado/acimentado e apresentar uma visível degradação (Cf. figura 3).

Avaliação dos AAE da duração do tempo de recreio

Tabela 58 - Avaliação dos AAE da duração do tempo de recreio

| A duração do tempo de recreio é: | N.º AAE |
|----------------------------------|---------|
| Normal | 08 |
| Longo | 01 |
| Curto | 0 |
| Total | 09 |

Gráfico LVII - Avaliação dos AAE da duração do tempo de recreio



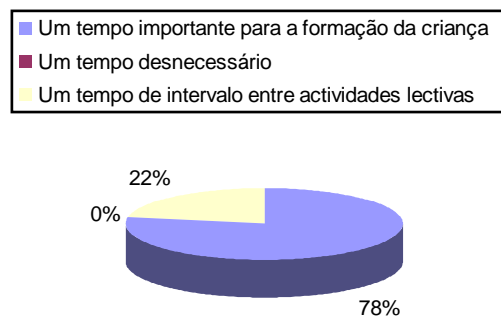
Os AAE consideraram a duração do tempo do recreio como normal, com a excepção de um auxiliar que o considerou longo. Os AAE estavam de acordo com o estipulado no Despacho Conjunto n.º 25/SERE/SEAM/88, de 2 de Agosto, como os professores.

Classificação pelos AAE do tempo de recreio

Tabela 59 - Classificação pelos AAE do tempo de recreio

| Classifica o tempo de recreio como | N.º AAE |
|--|---------|
| Um tempo importante para a formação da criança | 07 |
| Um tempo desnecessário | 0 |
| Um tempo de intervalo entre actividades lectivas | 02 |
| Total | 09 |

Gráfico LVIII - Classificação pelos AAE do tempo de recreio



A maioria dos AAE considerou o tempo de recreio como um tempo importante para a formação das crianças. Na classificação do tempo de recreio pelos AAE, 78% dos inquiridos consideravam o tempo de recreio como um tempo importante para a formação das crianças, mas 22% dos inquiridos consideraram um tempo de intervalo entre as actividades lectivas, o que se poderá considerar que estes AAE não consideravam o tempo de recreio importante na formação das crianças.

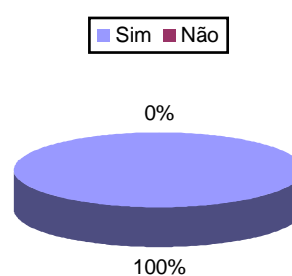
No cruzamento destes dados com os da tabela 38 e respectivo gráfico 36 constata-se que 40% dos professores também consideravam o tempo de recreio como um tempo de intervalo entre actividades, sem grande importância na formação das crianças.

Participação dos AAE na vigilância dos recreios

Tabela 60 - Participação dos AAE na vigilância dos recreios

| Participa na vigilância dos recreios | N.º AAE |
|--------------------------------------|---------|
| Sim | 09 |
| Não | 0 |
| Total | 09 |

Gráfico LIX - Participação dos AAE na vigilância dos recreios



Os AAE inquiridos participavam todos na vigilância dos recreios. No cruzamento com os dados da tabela 50 onde se aplicou a mesma questão aos alunos, uma parte significativa dos alunos (32%) consideravam que os AAE não vigiavam e apoiavam bem os recreios. Os AAE podiam estar presentes no tempo de recreio, mas as crianças não sentiam a sua vigilância efectuada de forma eficaz e eficiente. Estes dados podem ser um indicador que os AAE não tinham formação qualificada para exercerem com competência esta tarefa e valorizarem este tempo.

Formação dos AAE em dinamização de recreios

Tabela 61 - Formação dos AAE em dinamização de recreios

| Teve alguma acção de formação sobre dinamização dos tempos de recreio? | N.º AAE |
|--|---------|
| Sim | 09 |
| Não | 0 |
| Total | 09 |

Gráfico LX - Formação dos AAE em dinamização de recreios



Os AAE tinham todos formação em dinamização dos recreios, o que confirma o que é dito na entrevista do animador social (Cf. ponto 5.6.1), que apoiava os recreios da escola, ao afirmar que deu uma acção de formação na escola.

É de salientar que a acção de formação efectuada pelo animador social foi uma acção de formação prática, e muito limitada com a duração de 5 horas, em que foram apresentados alguns procedimentos a ter em determinadas situações de conflito e alguns jogos/actividades possíveis de desenvolver no espaço de recreio.

Esta acção de formação não colmatou as necessidades sentidas pelos AAE, neste campo de acção.

As escolas devem junto dos centros de formação da sua zona dar conhecimento das lacunas sentidas na formação dos seus recursos humanos.

No PEE devem estar referenciadas as acções de formação necessárias para a concretização dos seus objectivos.

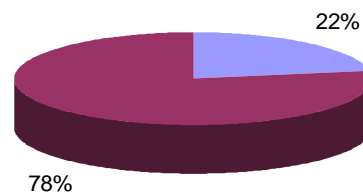
Parecer dos AAE do valor atribuído pelos professores ao tempo de recreio

Gráfico LXI - Parecer dos AAE do valor atribuído pelos professores ao tempo de recreio

■ Sim ■ Não

Tabela 62 - Parecer dos AAE do valor atribuído pelos professores ao tempo de recreio

| Acha que os professores valorizam o tempo de recreio para a aprendizagem/formação dos alunos | N.º AAE |
|--|---------|
| Sim | 02 |
| Não | 07 |
| Total | 09 |



A leitura e análise da tabela e do gráfico indicam que 78% dos AAE julgam que os professores não valorizam o tempo de recreio para a aprendizagem/formação das crianças. Os professores também eram da opinião (Cf. tabela 35 e gráfico 34) que nem todos os professores valorizavam o tempo de recreio na aprendizagem/formação das crianças.

Para esta questão foi solicitado a justificação à resposta, na qual a maioria dos AAE afirmou que os professores nem apareciam no recreio.

Porém, no cruzamento com os dados da tabela 51 e gráfico 50 constatou-se que apenas 19% dos alunos inquiridos eram da opinião que os professores não vigiavam bem os recreios e ao ser-lhes solicitada justificação para esta opinião argumentaram que ou não estavam presentes ou se estavam não faziam nada quando se passava algo ou quando era solicitado ajuda.

As discrepâncias demonstradas levam-nos a inferir da necessidade de desenvolvimento de uma maior articulação e cooperação entre os diferentes elementos que constituem a comunidade escolar, sem perder de vista a imprescindibilidade de uma definição clara de esferas de competências.

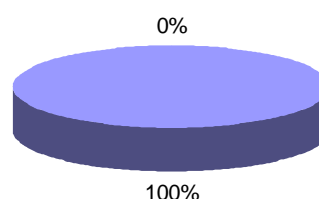
*Parecer dos AAE sobre a participação dos professores na
dinamização/vigilância dos recreios*

Gráfico LXII - Parecer dos AAE sobre a participação dos professores na dinamização/vigilância dos recreios

■ Sim ■ Não

Tabela 63 - Parecer dos AAE sobre a participação dos professores na dinamização/vigilância dos recreios

| Acha que os professores devem participar na dinamização/vigilância dos recreios | N.º AAE |
|---|---------|
| Sim | 09 |
| Não | 0 |
| Total | 09 |



Todos os AAE consideraram que os professores deviam participar na dinamização/vigilância dos recreios.

Ao ser solicitado para justificarem esta opinião em resposta aberta argumentaram que:

- As crianças obedecem mais aos professores;
- Evitar conflitos;
- Criar laços

Os AAE sentiam grandes dificuldades na vigilância dos recreios, e consideravam que a presença dos professores ajudava a resolver e a evitar os problemas de indisciplina e violência.

A opinião de que os professores devem participar na vigilância dos recreios é emitida tanto nos questionários como nas entrevistas. As crianças ainda sentem que o professor representa a autoridade dentro da escola, o que leva as pessoas a sentir a sua presença como uma mais valia para o melhor funcionamento destes tempos e espaços. Por outro lado, reforça-se a noção da necessidade de formação dos AAE pois a sua actuação deve imprimir, em termos educativos, respeito e autoridade no quotidiano escolar.

Parecer dos AAE sobre a forma de como devem os professores participar na vigilância/dinamização dos recreios

Gráfico LXIII - Parecer dos AAE sobre a forma de como devem os professores participar na vigilância/dinamização dos recreios

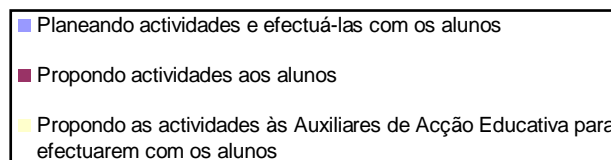
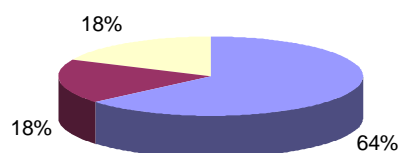


Tabela 64 - Parecer dos AAE sobre a forma de como devem os professores participar na vigilância/dinamização dos recreios

| Se respondeu sim, de que forma | N.º AAE |
|---|---------|
| Planeando actividades e efectua-las com os alunos | 07 |
| Propondo actividades aos alunos | 02 |
| Propondo as actividades aos Auxiliares de Acção Educativa para efectuarem com os alunos | 02 |
| Total | 09 |



Os AAE inquiridos consideraram que os professores deviam participar na vigilância/dinamização dos recreios e a maioria (64%) considerava que estes deviam planear e efectuar actividades com os alunos.

No cruzamento com os dados da tabela 37 e gráfico 34, a opinião dos professores não coincidia com a dos AAE. Dos professores inquiridos só 21% consideraram que deviam planear as actividades e efectua-las com os alunos e 14% eram da opinião que deviam propor as actividades aos AAE para eles realizarem com os alunos.

Avaliação do tempo de recreio pelos AAE

Gráfico LXIV - Avaliação do tempo de recreio pelos AAE



Tabela 65 - Avaliação do tempo de recreio pelos AAE

| Classifica o tempo de recreio como: | N.º AAE |
|-------------------------------------|---------|
| Muito importante | 08 |
| Pouco importante | 01 |
| Irrelevante | 0 |
| Total | 09 |

Esta questão teve como objectivo avaliar e confirmar a opinião dos AAE sobre o tempo de recreio enquanto parte integrante das escolas.

A maioria dos AAE considerou o tempo de recreio muito importante, à excepção de um inquirido que o classificou de pouco importante.

Os dados obtidos são coincidentes com os dados obtidos na tabela 59 e 62 ao ser solicitado a avaliação o tempo de recreio segundo três variáveis pré-definidas.

Com estes dados conclui-se que os AAE avaliam o tempo de recreio como um tempo importante na formação e aprendizagem das crianças.

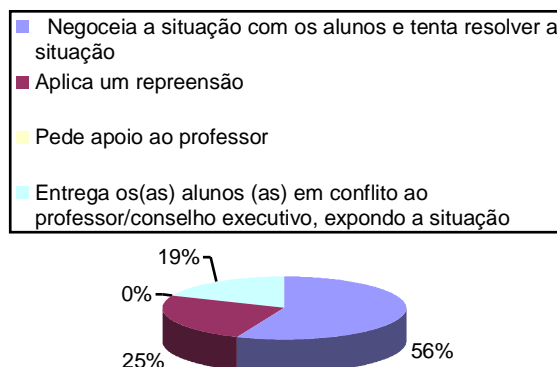
Na entrevista efectuada aos AAE (Cf. entrevista C) é referido que as crianças no recreio fazem amizades, aprendem a conviver umas com as outras, que na sala de aula aprendem as coisas que os professores ensinam e no recreio aprendem a conviver umas com as outras. São portanto tempos de outras aprendizagens, não as mesmas que as da sala de aula, mas outras importantes na formação da criança.

Actuação dos AAE em situações de conflito

Tabela 66 - Actuação dos AAE em situações de conflito

| Em situações de conflito entre crianças como costuma agir | N.º AAE |
|--|---------|
| Negoceia a situação com os alunos e tenta resolver a situação | 09 |
| Aplica uma repreensão | 04 |
| Pede apoio ao professor | 0 |
| Entrega os(as) alunos (as) em conflito ao professor/conselho executivo, expondo a situação | 03 |
| Total | 09 |

Gráfico LXV - Actuação dos AAE em situações de conflito



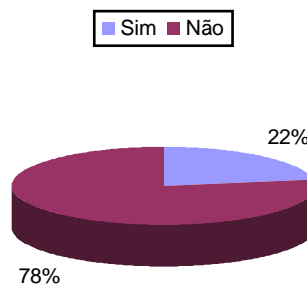
Constata-se que 56% dos AAE resolviam sozinhos as situações de conflito, através de uma atitude de assertividade e 19% entregava o aluno ao Professor/Conselho Executivo. Devemos aqui realçar que a escola tinha graves problemas de agressividade, e que por vezes a resolução de situações de conflito poderiam não ser de fácil resolução, conforme se pode confirmar nas entrevistas. Um número significativo (25%) referiu que aplicava uma repreensão.

Formação dos AAE em primeiros socorros

Gráfico LXVI - Formação dos AAE em primeiros socorros

Tabela 67 - Formação dos AAE em primeiros socorros

| Tem formação em primeiros socorros | N.º AAE |
|------------------------------------|---------|
| Sim | 02 |
| Não | 07 |
| Total | 09 |



Os AAE da escola não tinham na sua maioria (78%) formação em primeiros socorros.

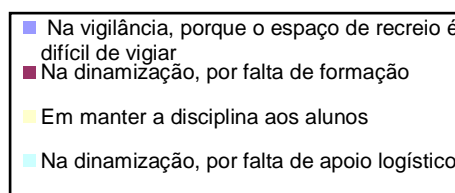
A acção de formação referida foi uma acção efectuada na escola no âmbito do projecto das Escolas Promotoras de Saúde com a duração de 5 horas. Foi uma acção importante, mas pouco aprofundada.

Dificuldades dos AAE no tempo de recreio

Tabela 68 - Dificuldades dos AAE no tempo de recreio

| Quando sente maiores dificuldades durante o tempo de recreio | N.º AAE |
|---|---------|
| Na vigilância, porque o espaço de recreio é difícil de vigiar | 05 |
| Na dinamização, por falta de formação | 02 |
| Em manter a disciplina aos alunos | 07 |
| Na dinamização, por falta de apoio logístico | 02 |
| Total | 09 |

Gráfico LXVII - Dificuldades dos AAE no tempo de recreio



Os AAE inquiridos sentiam grandes dificuldades na vigilância do recreio, argumentando que o espaço era difícil de vigiar e era difícil manter a disciplina, o que confirma os problemas de indisciplina dos alunos desta escola, conforme se constata na caracterização do espaço de recreio (Cf. ponto 5.1) e nas entrevistas.

As justificações para esta questão em resposta aberta tiveram como principais argumentos:

- Excesso de indisciplina;
- Muita agressividade;
- Conflitos.

Registam-se de novo os problemas de indisciplina, e os problemas de violência, que é salientado pelos vários intervenientes neste estudo: professores, alunos e AAE e a dificuldade da vigilância é bem patente nas entrevistas e visível na caracterização do espaço de recreio.

SÍNTESE

- § Os AAE inquiridos eram todos do sexo feminino;
- § Metade dos inquiridos (45%) pertenciam ao grupo etário dos 41 aos 50 anos, 22% ao grupo etário dos 20 aos 30 anos e a mesma percentagem para o grupo etário dos 31 aos 40 anos e as restantes tinham mais de 50 anos;
- § Metade dos inquiridos exercia funções entre 0 e 5 anos e a outra metade entre 6 a 10 anos. Regista-se a presença de um elemento com mais de 25 anos de carreira de AAE;
- § Grande parte dos inquiridos (67%) exercia funções nesta escola entre os 0 e os 5 anos; 22% exerciam entre 6 e 10 anos e 11% há mais de 25 anos;
- § Dos AAE inquiridos 34% tinham como habilitações literárias o 3.º ciclo do ensino básico e a mesma percentagem o ensino secundário; 22% tinha o 1.º ciclo do ensino básico e 11% o 2.º ciclo do ensino básico;
- § A maioria dos inquiridos (78%) considerava o espaço de recreio apropriado, justificando esta avaliação pela boa área. Os AAE que não consideraram o espaço de recreio apropriado (22%) justificavam pela degradação que o pavimento apresentava e a sua localização, todo em redor do edifício, o que dificultava a vigilância;
- § A grande maioria (89%) classificou o tempo de duração de recreio normal, uma minoria (11%) considerou o tempo de duração do recreio longo;
- § Na classificação dos tempos de recreio verifica-se que 78% dos inquiridos classificou-o como um tempo importante na formação das crianças e os restantes 22% consideraram-no como um tempo de intervalo entre as actividades lectivas;
- § A totalidade dos inquiridos afirmou que participa na vigilância dos recreios;

- § A totalidade dos inquiridos afirmou que tinha formação sobre dinamização dos tempos de recreio;
- § Grande parte dos inquiridos (78%) considerou que os professores valorizavam os tempos de recreio na aprendizagem/formação das crianças;
- § A totalidade dos inquiridos consideraram que os professores deviam participar na dinamização/vigilância dos recreios, porque consideravam que as crianças obedeciam mais ao professor e evitava conflitos e que era uma oportunidade para criarem laços com as crianças;
- § A maioria (64%) considerava que os professores deviam planear as actividades e efectua-las com os alunos e as restantes consideravam que os professores deviam propor actividades aos alunos e aos AAE;
- § Grande parte dos inquiridos (89%) considerou o tempo de recreio muito importante. Uma pequena parte dos inquiridos (11%) classificou o tempo de recreio pouco importante;
- § Grande parte dos inquiridos (56%) afirmou que em situações de conflito negociavam a situação com os alunos e tentavam resolver a situação, tomavam portanto uma posição assertiva, 25% aplicava uma repreensão e os restantes 19% dos inquiridos entregava os alunos ao professor/Conselho Executivo expondo a situação;
- § Grande maioria dos inquiridos (78%) não tinha formação em primeiros socorros;
- § Uma parte significativa dos inquiridos (43%) sentiam maiores dificuldades em manter a disciplina, e 31% sentiam dificuldades na vigilância dos recreios pelas características do espaço e as restantes na dinamização destes tempos. Os inquiridos justificavam as suas dificuldades pelos comportamentos das crianças, onde se registava muita indisciplina, muita agressividade e muitas situações de conflito entre pares;
- § Grande parte dos inquiridos (86%) considerou que os AAE deviam ter formação na dinamização dos recreios e primeiros socorros;

- § A maioria (79%) afirmou que a presença dos AAE é imprescindível e os restantes (21%) considerou a sua presença muito importante;
- § Grande parte dos inquiridos (79%) considerou que os professores deviam participar na dinamização/vigilância dos recreios, dos quais só 21% considerou que os professores deviam planear as actividades e efectuá-las com os alunos e os restantes achavam que deviam propor actividades aos alunos e aos AAE.

5.6 AS ENTREVISTAS

Após a recolha de dados nos arquivos mortos da escola e do tratamento dos inquéritos por questionários efectuados aos professores, aos alunos e aos AAE, segue-se a apresentação das entrevistas efectuadas a três pessoas distintas.

Tendo em conta a problemática deste estudo e as questões de estudo delineadas considerou-se pertinente entrevistar estes três elementos de formação académica e funções diferentes, mas todos ligados directamente aos espaços e tempos de recreio e, conseqüentemente, conhecedores deste tema.

As entrevistas foram identificadas da seguinte forma: entrevista A; entrevista B e entrevista C.

Entrevista A - foi efectuada a um Animador Social que se encontrava no ano lectivo de 2003/04 a fazer a dinamização dos espaços e tempos de recreio da escola, duas vezes por semana, pelo que se considerou que era um elemento fundamental para a avaliação dos espaços e tempos de recreio desta escola (Anexo E);

Entrevista B - foi efectuada a uma Professora do 1.º ciclo a exercer funções de apoio educativo nesta escola (Anexo F);

Entrevista C - foi efectuada a uma AAE a exercer funções nesta escola desde a sua inauguração, portanto conhecedora das dificuldades e realidades nela existentes (Anexo G).

5.6.1 Entrevista A

a. Dados pessoais e profissionais do entrevistado

O entrevistado tem formação em Ciências Políticas, mas exerce funções de Animador Social há oito anos. Está a desenvolver um projecto no bairro

camarário, onde residem a maioria das crianças da escola EB1/JI, e este ano lectivo participa na dinamização dos recreios desta escola.

b. Espaço arquitectónico dos espaços de recreio

O entrevistado considera o espaço de recreio da escola bom. Considera que o excesso de arvoredo facilita as crianças a esconderem-se onde fumam ou escondem as coisas que “roubam”.

O recreio no período da manhã é muito limitado, tendo em conta o número de crianças, que o frequentam no período da manhã. Tem uma boa área para actividades livres e o espaço está muito bem aproveitado. Realça a existência do campo de futebol, do polidesportivo, onde as crianças podem jogar à bola sem riscos.

c. Vigilância dos recreios

Para o entrevistado a vigilância dos recreios deve ser apenas isso, vigiar. No entanto, considera a presença do adulto importante, mas sem interferir directamente, para os fazer sentir que o adulto é uma pessoa amiga, que está ali para os proteger, mas intervindo o menos possível. Mais afirma que os acidentes que acontecem no recreio devem-se mais às características das crianças do que à pouca vigilância.

d. Por quem deve ser feita a vigilância dos tempos e espaços de recreio

O entrevistado considera que os professores deviam estar mais no recreio. A presença dos professores é importante, porque controlam melhor as crianças. No entanto, considera que a presença das auxiliares de acção educativa é importante, sendo um elemento muito válido. Mais considera que se os professores estivessem sempre presentes haveria muito menos conflitos e acidentes.

e. Dinamização dos recreios

O entrevistado considera o recreio como um espaço das crianças, onde elas devem brincar à vontade e que só se deve intervir quando as crianças não conseguem gerir esse espaço. Considera que a dinamização não deve ser feita, deve ser somente vigiado.

f. A importância dos tempos e espaço de recreio na socialização/ formação da criança

O recreio é um espaço onde as crianças aprendem a relacionar-se e também onde procuram afectos, atenção e carinho. A agressividade que se constata nesta escola é a agressividade que transportam de casa, onde os pais agem de uma forma agressiva. A agressividade é sentida de uma forma normal. Há muita agressividade no recreio. Nas brincadeiras elas agredem-se com muita facilidade, porque os pais usam a agressão como método de educação. A agressão para estas crianças é uma forma de comunicação.

5.6.2 Entrevista B

a. Dados pessoais e profissionais do entrevistado

A entrevistada tem como formação o curso de professora do 1.º ciclo, e exerce funções há vinte e um anos. Este ano lectivo encontra-se a dar apoio educativo às crianças com necessidades educativas especiais da escola EB1/JI.

b. Espaço arquitectónico dos espaços de recreio

A entrevistada considera que o espaço de recreio da escola EB1/JI tem um bom espaço, embora o considere demasiado acimentado/alcatroado.

Salienta o facto de ter o espaço polidesportivo onde os alunos gostam muito de brincar à bola, condição esta que muitos recreios não têm. Tem no entanto poucos recursos materiais. Devia ter mais brinquedos.

c. Vigilância dos recreios

A entrevistada considera que a vigilância deve ser apenas isso, vigiar para que não haja acidentes. Considera que o adulto não deve intervir nas brincadeiras, porque vai tirar a espontaneidade e a criatividade.

d. Por quem deve ser feita a vigilância dos tempos e espaços de recreio

A entrevistada afirma que participa na vigilância dos recreios, mas continua a achar que a vigilância deve ser feita pelas auxiliares de acção educativa. O professor se precisar de conhecer o comportamento de determinado aluno, poderá deslocar-se ao recreio. A vigilância dos recreios não deve ser uma obrigatoriedade para os professores, porque eles também precisam de espaço para recarregar baterias. A entrevistada mais considera que as auxiliares de acção educativa deviam ter mais formação para trabalhar com as crianças. Considera que a vantagem da presença do professor é mais favorável para o professor e que o aluno vai sentir-se limitado pela presença do professor.

e. Dinamização dos recreios

A entrevistada considera que o recreio é um espaço das crianças e que a dinamização dos recreios não deve ser feita. Deve ser apenas vigiado e só se deve intervir para evitar situações de agressividade.

f. A importância dos tempos e espaço de recreio na socialização/formação da criança

A entrevistada considera que os recreios são uma boa forma para a socialização das crianças. As crianças aprendem a lidar umas com as outras e adquirir certos hábitos de comportamento, porque o convívio é essencial para as socializar, para as integrar no grupo da sala de aula e no grupo alargado de escola. Aprender a saber respeitar e fazer-se respeitar.

O grande problema da nossa escola é o estrato social das nossas crianças, que é muito baixo. Estas crianças vivem rodeados de agressividade.

5.6.3 Entrevista C

a) Dados pessoais e profissionais do entrevistado

A entrevistada tem como formação a 4.^a classe do ensino primário (equivalente ao actual 1.^o ciclo do ensino básico), e exerce funções como auxiliar de acção educativa há trinta e cinco anos e nesta escola há quase 24 anos.

b) Espaço arquitectónico dos espaços de recreio

A entrevistada considera o espaço de recreio da escola EB1/JI muito grande, o que dificulta a vigilância. Tem pouco arvoredo, falta de sombra nos dias de Verão e poucos telheiros para protecção da chuva no Inverno.

c) Vigilância dos recreios

A entrevistada considera que a vigilância deve ser feita pelos professores e pelos AAE.

d) *Por quem deve ser feita a vigilância dos tempos e espaços de recreio*

A entrevistada considera que os professores devem estar presentes no recreio, porque as crianças têm mais respeito. A vigilância tem de ser feita, porque estas crianças têm comportamentos muito complicados. É impensável as crianças estarem sozinhas no recreio. Os professores e os AAE não gostam de fazer os recreios.

e) *Dinamização dos recreios*

A entrevistada considera que os professores e os AAE devem fazer jogos com elas (crianças). Os professores deviam ensinar jogos às crianças e jogar com elas, porque elas comportam-se mal, porque não sabem o que fazer. Há crianças que não sabem brincar.

f) *Importância do tempo e espaço de recreio na socialização/formação da criança*

A entrevistada considera que os recreios são muito importantes na aprendizagem/formação das crianças. “As crianças no recreio comunicam umas com as outras. Fazem amizades. Há muita agressividade, por isso as crianças precisam de aprender a conviver umas com as outras. Na sala de aula aprendem as coisas que os professores ensinam e no recreio aprendem a conviver com os colegas.”

5.6.4 Análise comparativa das sínteses das entrevistas

a. *Dados pessoais e profissionais dos entrevistados*

Dos três entrevistados um é professor do 1.º ciclo e um é animador social e outro é auxiliar de acção educativa. O professor do 1.º ciclo exerce funções há vinte e um anos, o animador social exerce funções há oito anos e a auxiliar de acção educativa há 35 anos.

b. Espaço arquitectónico dos espaços de recreio

Os entrevistados exercem funções na escola EB1/JI e consideram o espaço de recreio bom, embora um afirme que faltam maior variedade de “brinquedos” aos espaços. São unânimes na qualidade do campo polidesportivo que é muito do agrado das crianças, essencialmente dos rapazes. A AAE considera o espaço muito grande, com pouca sombra para os dias de Verão e poucos telheiros para os dias de chuva de Inverno.

c. Vigilância dos recreios

Todos os entrevistados consideram que a vigilância deve ser feita. Todos consideram que é imprescindível para a segurança dos alunos que esteja sempre alguém a efectuar a vigilância.

d. Por quem deve ser feita a vigilância dos tempos e espaços de recreio

O entrevistado A embora considere que o adulto não deve intervir nas brincadeiras, considera importante a presença do professor nos recreios, além das auxiliares de acção educativa.

A entrevistada B considera que a vigilância deve ser feita essencialmente pelas auxiliares de acção educativa, porque argumenta que os professores necessitam desse tempo de pausa.

A entrevistada C considera que a vigilância deve ser feita pelos professores e pelos AAE.

e. Dinamização dos recreios

Os entrevistados A e B consideram que não deve ser feita a dinamização dos recreios. As crianças devem brincar livremente e optar pelas brincadeiras que desejarem.

A entrevistada C considera que deve ser feita a dinamização dos recreios, e que os professores devem ensinar jogos, porque há crianças que não sabem brincar.

f. Importância do tempo e espaço de recreio na socialização/formação da criança

Todos os entrevistados consideram os tempos de recreio importantes para a socialização das crianças.

É de realçar que os entrevistados salientam a agressividade das crianças, referindo que os acidentes ocorridos e situações graves que acontecem devem-se à agressividade das crianças e não à falta de vigilância. Isto vem confirmar os dados obtidos através dos registos para a caracterização da escola EB1/JI. As crianças desta escola são na sua maioria habitantes de um bairro camarário e oriundos dos PALOP e de etnia cigana, com graves problemas sociais e afectivos.

ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

| CATEGORIAS | SUBCATEGORIAS | INDICADORES |
|---|----------------------------------|--|
| Caracterização dos entrevistados | Formação inicial | - Formação em Ciências Políticas - Professora do 1.º ciclo - 1.º ciclo |
| | Categoria profissional | - Animador Social - Professora do 1.º ciclo - Auxiliar de Acção Educativa |
| | Estabelecimento de ensino | - EB1/JI - EB1/JI - EB1/JI |
| | Anos de experiência profissional | - 8 anos - 21 anos - 35 anos |
| | Antiguidade nesta escola | - Este ano - 2 anos - 24 anos |
| Espaço arquitectónico e equipamentos do recreio | Espaço | - "Espaço bom." - "Arvoredo muito grande, as crianças escondem-se lá para fumar." - "Espaço bom." - "Considero o espaço de recreio desta escola demasiado acimentado/alcatroado." - "...pouco arvoredo, falta de sombra." - "...poucos telheiros para protecção da chuva no Inverno." |
| | Área | - "O recreio no período da manhã é um pouco limitado, tendo em conta o número de crianças." - "Boa área para actividades livres." - "Espaço muito bem aproveitado." - "Boa área." - "...muito grande." |

(continuação)

| CATEGORIAS | SUBCATEGORIAS | INDICADORES |
|---|--------------------------------------|---|
| Espaço arquitectónico e equipamentos do recreio (cont.) | Equipamentos | <ul style="list-style-type: none"> - "Campo de futebol." - "Ótimo polidesportivo, ... as crianças podem jogar à bola sem perigo." - "Poucos recursos em relação a materiais" - "Deviam ter mais brinquedos." |
| | | <ul style="list-style-type: none"> - "...têm o espaço polidesportivo, onde muitos gostam de jogar à bola. Condições estas que muitos recreios não têm." - "Campo de futebol." |
| Vigilância | Como deve ser feita | <ul style="list-style-type: none"> - "A vigilância deve ser apenas isso, vigiar." - "A presença do adulto é muito importante, mas não interferindo directamente ... para os fazer sentir que o adulto é uma pessoa amiga e que está ali para os proteger." - "... é um espaço onde o adulto deve intervir o menos possível." - "Os acidentes que acontecem no recreio, devem-se mais às características das crianças, que à pouca vigilância." - "A vigilância deve ser apenas isso, vigiar para que não haja acidentes." - "... não deve intervir nas brincadeiras" - "...intervir, ... vai tirar a criatividade ..., a espontaneidade." - "A vigilância tem de ser feita..." - "É impensável as crianças estarem sozinhas no recreio." |
| | Por quem deve ser feita a vigilância | <ul style="list-style-type: none"> - "... os professores deviam estar mais no recreio." - "A presença dos professores é importante, porque controlam melhor as crianças." - "A presença das AAE também é importante, ... é um elemento muito válido." - "Se os professores estivessem sempre presentes haveria muito menos conflitos e acidentes." - "Eu participo na vigilância dos recreios." - "... continuo a achar que a vigilância deve ser feita só por AAE." - "O professor se sentir necessidade de conhecer o comportamento de determinado aluno, poderá deslocar-se ao recreio." |

(continuação)

| CATEGORIAS | SUBCATEGORIAS | INDICADORES |
|--|--|---|
| Vigilância (cont.) | Por quem deve ser feita a vigilância (cont.) | <ul style="list-style-type: none"> - " Não deve ser uma obrigatoriedade (os professores vigiarem)." - "O professor também precisa de espaço para recarregar baterias." - " ...as AAE deviam ter mais formação para trabalhar com crianças" - "A vantagem da presença do professor é mais favorável para o professor." - "... o aluno vai sentir-se limitado pela presença do professor." - "... os professores devem estar presentes no recreio, porque as crianças têm mais respeito." |
| Dinamização dos recreios | Como deve ser feita | <ul style="list-style-type: none"> - "O recreio para mim é um espaço das crianças, é um espaço em que elas devem brincar à vontade,..." - "... a dinamização dos espaços de recreio não deve ser feita. Deve ser apenas vigiado, só deve intervir para evitar situações de agressividade." - "... os professores e as AAE devem fazer jogos com as crianças." - "Os professores deviam ensinar jogos ... e jogar com elas." - "... eles comportam-se mal, porque não sabem o que fazer." - "Há crianças que não sabem brincar." |
| A importância do espaço e tempo de recreio na socialização/formação da criança | Como classifica a sua importância | <ul style="list-style-type: none"> - "... os recreios são uma boa forma para a socialização das crianças." - "Elas aprendem a lidar umas com as outras e acabam por adquirir certos hábitos de comportamento." - "... convívio é essencial para as socializar" - "... para as integrar no grupo de sala de aula e no grupo alargado de escola" - "... saber respeitá-los e saber fazer-se respeitar." - "... o grande problema da nossa escola são os estratos sociais das nossas crianças que são muito baixos. Estas crianças vivem rodeados de agressividade." |

(continuação)

| CATEGORIAS | SUBCATEGORIAS | INDICADORES |
|--|---|---|
| A importância do espaço e tempo de recreio na socialização/formação da criança (cont.) | Como classifica a sua importância (cont.) | <ul style="list-style-type: none"> - "... os pais não sabem conversar com os filhos e agem de uma forma agressiva" - "... eles transportam essa agressividade para a escola." - " O grande problema das nossas escolas é as crianças não terem referências válidas em termos de socialização" - "... a agressividade é sentida de uma forma natural" - "... os recreios são muito importantes na aprendizagem/formação das crianças." - "As crianças no recreio comunicam umas com as outras." - "Fazem amizades..." - "... há muita agressividade." - "... as crianças precisam de aprender a conviver umas com as outras." - "Nas aulas aprendem as coisas que os professores ensinam." - "... no recreio aprendem a conviver com os colegas." |

CONCLUSÕES / REFLEXÕES FINAIS

Este estudo apresenta um trabalho de investigação sobre o espaço e tempo de recreio numa escola que integra o 1.º ciclo do ensino básico.

A investigação efectuada pretende contribuir para a avaliação da qualidade do espaço e tempo de recreio das escolas do 1.º ciclo do ensino básico, e como finalidade, confirmar ou infirmar as três questões de estudo formuladas no início da investigação.

Na primeira questão de estudo pretende-se avaliar, se o espaço arquitectónico influencia o número de acidentes. Poderá considerar-se que perante os dados recolhidos, ao registar-se um considerável número de acidentes na escola nos três anos lectivos de 2001/02, 2002/03 e 2003/04 (Cf. tabela 20), e a avaliação do espaço de recreio da escola efectuada pelos vários intervenientes neste estudo conclui-se que o número de acidentes está associado ao espaço arquitectónico do recreio.

No ponto 5.1 na caracterização da escola reconhece-se que o espaço de recreio da escola oferecia lacunas notáveis: a sua localização, em redor do edifício (Cf. figura 2) que dificultava a vigilância (Cf. tabela 68 e gráfico 69) e bem salientados na entrevista C (Cf. ponto 5.6.3). O pavimento do espaço de recreio além de apresentar uma apreciável degradação, fissuras e desnivelamento de terreno, (Cf. figura 3), o piso em alcatrão/cimento era avaliado como um aspecto negativo; outro aspecto era o pouco arvoredo e por conseguinte poucas sombras em dias de calor e poucos telheiros para resguardar as crianças em dias de chuva, que limitava o espaço para realização do recreio em dias de chuva.

A falta de equipamentos era uma falha muito sentida por todos os inquiridos nesta investigação. Para além do campo polidesportivo (Cf. figuras 2 e 5) não existia qualquer outro tipo de equipamento ou materiais reconhecido

pelos alunos no questionário aplicado e avaliado e nas entrevistas A e B. Nos inquéritos por questionário efectuado aos professores (Cf. tabela 27 e gráfico 26), 65 % eram da opinião que o espaço de recreio era razoável, nenhum o classificou como muito bom, 21% dos inquiridos classificou-o como bom e 7% avaliou-o como perigoso. A avaliação do espaço de recreio como perigoso, embora por uma pequena percentagem, é um facto que, em paralelo com as entrevistas, serve para considerar que o recreio apresenta um espaço arquitectónico pobre, pouco diversificado e pouco apelativo para as crianças, do qual se conclui que o espaço arquitectónico influencia o número de acidentes. No enquadramento legal está bem patente os acidentes em espaços de recreio, uma realidade preocupante, ao constatar-se que o Decreto-Lei n.º 379/97, de 27 de Dezembro e o Decreto-Lei n.º 100/2003, de 23 de Maio surgem pelo elevado número de acidentes registados em espaços de recreio e de desporto.

Na revisão bibliográfica é referido por vários autores que o espaço de recreio sem materiais e equipamentos adequados, em conjunto com a falta ou ineficiência da supervisão, é um espaço perigoso, onde acontecem acidentes e situações de violência, tornando-se um local inseguro e perigoso para as crianças.

Na questão de estudo II que pretende avaliar se a vigilância dos espaços e tempos de recreio influencia o comportamento dos alunos, constata-se neste estudo que a vigilância dos recreios desta escola não era efectuada tanto por professores como pelas AAE de uma forma correcta e que existiam para além dos acidentes já referenciados comportamentos graves de violência e de agressividade.

Na caracterização da escola constata-se que a população escolar (Cf. ponto 5.1.1) era uma população evidentemente problemática, a ter em conta também as referências nas entrevistas (Cf. pontos 5.6.1, 5.6.2 e 5.6.3) e nas questões dos inquéritos por questionário efectuados aos professores e aos AAE evidenciado nas tabelas 31 e 68, onde tanto os professores como os AAE sentiam maiores dificuldades no tempo de recreio na vigilância e em manter a

disciplina dos alunos. Também se constata neste estudo (Cf. tabela 29 e gráfico 28) que a maioria dos professores (86%) participava na vigilância dos recreios e as AAE na sua totalidade participava na vigilância dos recreios (Cf. tabela 60 e gráfico 59). No entanto, ao cruzar-se estes dados com a opinião dos alunos (Cf. tabelas 50 e 51) 68% afirmaram que os AAE vigiavam e apoiavam bem o recreio e na justificação a esta opinião depreende-se que os AAE estavam no recreio, ajudando nas lutas e tratamento dos acidentes, e 32% afirmaram que os AAE não vigiavam nem apoiavam bem os recreios e nas justificações desta opinião depreende-se que a vigilância não era efectuada de forma positiva ao afirmarem que os AAE só conversavam e não vigiavam o recreio. Em relação aos professores 80% dos alunos eram da opinião que os professores vigiavam e apoiavam bem os recreios, justificando que estavam em todo o lado e 19% afirmaram que os professores não vigiavam nem apoiavam bem os recreios, justificando que iam tomar café ou tratar de assuntos.

Nas três entrevistas reconhece-se a unanimidade de opinião de que a vigilância dos recreios tem de ser feita, mas constata-se também, uma diferença de opinião sobre quem deve fazer a vigilância dos recreios. Para os entrevistados A e B a vigilância deve ser apenas isso, vigiar, em que o adulto não deve intervir, e os entrevistados A e C consideravam que deve ser realizada pelos professores e pelos AAE, enquanto que a entrevistada B considerava que deve ser realizada somente pelos AAE.

Nas três entrevistas constata-se que embora afirmem que os recreios devem ser vigiados, denota-se uma certa contrariedade de como deve ser e por quem deve ser feita a vigilância. Há um certo receio em assumir pelos variados actores a sua parte de responsabilidade, embora todos sejam unânimes em afirmar que o tempo de recreio é importante para a formação e aprendizagem das crianças.

De acordo com a legislação os professores e os AAE não são obrigados a participar na vigilância dos recreios, mas a escola tem a obrigação e o dever de garantir a segurança das crianças nos espaços e tempos de recreio.

As escolas são responsáveis pelo funcionamento e organização dos tempos de recreio e é da responsabilidade dos órgãos de gestão da escola, a aplicação das normas que devem estar explícitas no Regulamento Interno da Escola.

A segurança no tempo e espaço de recreio não implica só a vigilância, mas o tipo de vigilância aplicada, que tipo de respostas a serem dados aos problemas para a população escolar presente, tendo em conta a sua realidade, por quem deve ser feita e como deve ser feita a vigilância. Isto só é possível se a escola tiver bem definido no seu PEE, as suas preocupações e estratégias ou soluções e a população estiver envolvida na concretização dos objectivos nele definidos.

Pode-se concluir que a vigilância influencia o comportamento dos alunos, mas também que o comportamento dos alunos influencia a vigilância, isto é, a vigilância deve ser organizada conforme as necessidades da escola.

Um facto óbvio neste estudo é que o fenómeno da violência/agressividade representa um problema significativo nesta escola e envolve todos os alunos. Alguns poderão não se envolver directamente, mas sofrem apesar disso os efeitos de um ambiente escolar desagradável, e as vítimas terão de certeza sérias consequências para o seu bem-estar.

As crianças nestas idades necessitam de ser vigiados, de ser apoiados; uns para se sentirem seguros numa fase importante do seu crescimento outros para serem orientados para que não sigam um caminho de abuso e desrespeito sobre os outros que os tornará no futuro, cidadãos com graves problemas sociais.

A escola deve criar na sua comunidade um sentimento de pertença entre todos os elementos da comunidade escolar, através da responsabilização de todos. A vigilância não é da responsabilidade dos professores ou dos AAE, mas sim de todos no seu conjunto, professores, AAE e alunos.

A primeira questão de estudo e a segunda questão de estudo estão ligadas, de acordo com alguns estudos sobre os recreios, o fornecimento de

materiais para o tempo de recreio encoraja a participação de todas as crianças individualmente, em pequeno ou grande grupo favorecendo o desenvolvimento de sentimentos de auto-confiança, auto-estima e entreaajuda e juntamente com o aumento da supervisão pode provocar uma diminuição notável de situações de violência e de número de acidentes.

Em relação à terceira questão de estudo confirma-se que o tempo e espaço de recreio da escola são importantes numa perspectiva sociopedagógica.

A criança passa grande parte do seu tempo dentro do espaço escola onde estabelece relações com os colegas, professores e AAE, vivências essas fundamentais para o seu crescimento.

No espaço e tempo de recreio as crianças fazem aprendizagens sociais e pedagógicas que podem ser positivas ou negativas consoante as vivências que lhe são proporcionadas.

Os professores inquiridos eram da opinião que o tempo de recreio é importante no processo de formação sociológica das crianças, nas relações que estabelecem com os colegas (Cf. entrevistas A e B e questionário).

Os professores salientam que estes tempos devem ser libertos sem a interferência do adulto e de acordo com a citação de Blatchord & Sharp (cit por Pereira, 2001, p. 83) as relações devem ser livres e espontâneas

Os AAE inquiridos consideravam este tempo e espaço muito importante na formação/aprendizagem das crianças (Cf. tabelas 59 e 65), e 78% dos AAE consideravam que os professores não valorizam o tempo de recreio na aprendizagem/formação das crianças. (Cf. tabela 62)

Observa-se que o valor dado pela comunidade educativa ao tempo de recreio não é muito diferente. Tanto os professores como os AAE afirmaram que é um tempo importante, mas a sua presença não era sentida de forma a concluir-se que fosse realmente valorizado esse tempo.

A análise efectuada em relação à terceira questão de estudo, é evidente que todos os elementos da comunidade educativa, tanto através do registo do PEE e do RI, dos questionários e nas entrevistas reconheciam o valor do tempo de recreio na formação e na socialização das crianças.

Conclui-se, no entanto, que este espaço e este tempo têm de ser olhados de uma forma mais responsável e cada elemento deve deixar de vê-los como espaços e tempos fora da sua responsabilidade e continuarem apáticos perante a passividade de como se vivem e se gerem estes espaços.

Uma certeza é porém bem evidente, as crianças gostam do tempo de recreio, bem patente na tabela 49 sobre a duração do tempo de recreio, que embora uma grande maioria o considere normal, evidencia-se o número (48%) dos que afirmaram que achavam o tempo curto, demonstrando que as crianças têm uma apetência que lhes é própria, e que faz parte do seu ser criança, que é o gostarem de brincar.

Após uma atenta análise da importância do espaço e tempo de recreio, verifica-se que são múltiplos e diversificados os factores que levam à existência de acidentes e situações de violência no espaço e tempo de recreio, que actuam segundo situações específicas, em contextos diversos, ou seja, nenhum factor só por si, é explicativo dos acidentes e comportamentos violentos em espaços de recreio, porque estes são o resultado da conjugação de factores de várias ordens.

Entre os obstáculos podemos mencionar factores de ordem política, que vão desde as condições dos equipamentos, a falta de vigilância, a vigilância inadequada, a falta de formação e a responsabilização dos supervisores, etc. E factores de ordem social, onde se incluem as difíceis condições de vida das crianças (a nível económico, social), com inegáveis efeitos no comportamento e desenvolvimento dos alunos.

Para mudar a escola, ajudar a reduzir os acidentes e comportamentos violentos e melhorar os tempos de recreio é preciso intervir a nível de estruturas, de mentalidades e de práticas educativas, dando resposta a uma multiplicidade de situações que vão surgindo, porque a legislação por si só, sem a implementação de novas medidas e sem a criação de novas condições institucionais, é um esforço inglório.

Se muitos espaços e tempos de recreio não poderão ser melhorados apenas pela escola, é quase certo que não poderão ser melhorados sem ela, por isso é preciso intervir no investimento nestes espaços, pois por mais elevados que sejam os custos, serão todavia, mais rentáveis que os da remediação.

Não há soluções únicas no melhoramento dos espaços e tempos de recreio, mas uma das soluções para uma boa qualidade será inevitavelmente a consciencialização de todos da importância dos espaços e tempos de recreio através da formação e sensibilização dos responsáveis para uma socialização harmoniosa, justa e perfeita das nossas crianças, futuros membros da nossa sociedade.

“Cada criança em suas brincadeiras comporta-se como um poeta, enquanto em seu mundo próprio ou, dizendo melhor, enquanto transpõe os elementos formadores do seu mundo para uma nova ordem, mais agradável e conveniente para ele”.

Freud, O poeta e a fantasia

LIMITAÇÕES DE ESTUDO E RECOMENDAÇÕES

Os resultados deste estudo são importantes, mas não conclusivos. As conclusões do estudo são limitadas por várias razões:

- Os espaços de recreio da escola onde se desenvolveu a investigação tem equipamentos e espaços pobres e pouco diversificados, o que poderá ser uma das razões que justifique o grande número de acidentes, (Cf. tabela 20) e também o registo de situações de indisciplina e de agressividade e com comportamentos muito difíceis de gerir, (Cf. tabelas 31 e 68), onde os professores e os AAE afirmaram que a maior dificuldade que tinham nos recreios era manter a disciplina e os registos das entrevistas realizadas, propondo outros estudos comparativos em escolas com espaços de recreio agradáveis, diversificados e apelativos;

- Realça-se porém, aqui a caracterização dos alunos da escola EB1/JI, crianças oriundas na sua maioria de um bairro camarário e filhos de emigrantes dos PALOP e etnia cigana e com um insucesso escolar notável e alguns alunos com idades já muito superiores para o nível de ensino em que estão integrados, propondo outros estudos comparativos em escolas com outro tipo de população escolar, sem estes problemas tão específicos de comportamentos graves e insucesso escolar;

- O espaço de tempo em que decorreu a investigação foi muito limitado, na certeza porém que se o espaço de tempo fosse mais alargado se poderia trabalhar mais variáveis em mais escolas, que envolvessem escolas com realidades diferentes e outras com realidades idênticas.

Uma certeza porém ficou, que o tempo e espaço de recreio têm de ser pensados e olhados como uma parte integrante das escola e que são muito importantes na formação e socialização das nossas crianças.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Fernando Ferreira (trad.) (2000)** - O direito à Educação - Um direito para todos durante toda a vida, **1.ª Edição, Porto: Edições ASA.**
- AMADO, João da Silva; FREIRE, Isabel Pimenta (2002)** - Indisciplina e violência na Escola, **1.ª Edição, Lisboa: Asa Editores.**
- BARBIER, Jean-Marie (1996)** - Elaboração de projectos de acção e planificação, **Porto: Porto Editora.**
- BOGDAN, R., BIKLEN, S.(1994)** - Investigação Qualitativa em Educação, **Porto: Porto Editora.**
- BRITO, Carlos (1996)** - Gestão escolar participada – Na escola todos somos gestores, **4.ª Edição, Lisboa: Texto Editora.**
- COSTA, Maria Emília; VALE, Dulce (1998)** - A violência nas escolas, **1.ª Edição, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.**
- CUNHA, Pedro (2001)** - Conflito e negociação. **Colecção em foco, 1.ª Edição, Porto: Edições Asa.**
- DELORS, Jacques (coord.) (1996)** - Educação, um tesouro a descobrir, **7.ª Edição, Lisboa: Edições Asa.**

- DOMINGUES, Ivo (1995) - Educação hoje – Processos e práticas, 1.^a Edição, Lisboa: Texto Editora.
- FACHADA, Maria Odete (2003) - Psicologia das relações Interpessoais, 1.^o Volume, 6.^a Edição, Lisboa: Edições Rumo Lda.
- FERREIRA, Manuela (2004) - A gente gosta é de brincar com os outros meninos, Biblioteca das Ciências Sociais, Porto: Edições Afrontamento.
- FONSECA, António Manuel (2002) - Formação Cívica – Guia de Orientação para o Ensino Básico, Porto: Porto Editora.
- FULGHUM, Robert (1991) - Tudo o que eu devia saber na vida aprendi no Jardim de Infância, Lisboa: Difusão Cultural.
- GARVEY, Catherine (1979) - Brincar, 1.^a Edição, Lisboa: Moraes Editores.
- GRÁCIO, Sérgio; Miranda, Sacuntala; STOER, Stephen (1982) - Sociologia da educação - I antologia - Funções da escola e reprodução social. Lisboa: Livros Horizonte.
- JAREZ, Xesús R. (2002) - Educação e Conflito – Guia para a convivência, Coleção Práticas Educativas, 1.^a Edição, Lisboa: Edições ASA.
- LANDSHEERE, Gilbert (1986) - A investigação experimental em pedagogia. 1.^a Edição, Lisboa: Publicações D. Quixote.
- LESSARD-HÉBERT, Michelle (1999) - Pesquisa em Educação, Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

- MARQUES, Ramiro (1997) - Professores, Família e projecto educativo, 1.^a Edição, Porto: Edições ASA.
- MIRANDA, Manuel Pinto (1998) - Uma escola responsável?. Coleção Cadernos Pedagógicos, 1.^a Edição, Porto: Edições ASA.
- MORIN, Edgar (1996) - O problema epistemológico da complexidade. 2.^a Edição, Mem Martins: Publicações Europa-América.
- NETO, Carlos (2003) - Entrevista, *Semanário Revista Visão* n.º 553, de 9 de Outubro, pp. 19-21.
- OLIVEIRA, Teresa (2002) - Teses e dissertações – Recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos, 1.^a Edição, Lisboa: Editora RH, Lda.
- PEREIRA, Alexandre; Poupá, Carlos (2003) - Como escrever uma Tese, monografia ou livro científico usando o Word. 1.^a Edição, Lisboa: Edições Sílabo.
- PEREIRA, Beatriz; PINTO, Adelina Paula (coord.) (2001) - A escola e a criança em risco – Intervir para prevenir. 1.^a Edição, Porto: Edições Asa.
- PEREIRA, Beatriz (2002) - Para uma escola sem violência – Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a ciência e tecnologia.
- PEREIRA, Sara Marques (coordenação) (2002) - Memórias da Escola Primária Portuguesa, Lisboa: Livros Horizonte.

- PERRENOUD, Philippe, (2002) - A escola e a aprendizagem da democracia, 1ª Edição, Porto: Edições Asa.
- PIATON, Georges (1979) - Educação e Socialização, 1.ª Edição, Lisboa: Moraes Editores
- PINTO, Conceição Alves (1995) - Sociologia da escola. Lisboa: Editora MCGRAW-HILL DE PORTUGAL
- PINTO, Manuel Luís da Silva (2002) - Práticas educativas numa sociedade global, 1.ª Edição, Porto: Edições ASA.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van (1998) - Manual de Investigação em Ciências Sociais: trajectos. 2.ª Edição, Lisboa: Gradiva.
- SPODEK, Bernard (Org) (2002) - Manual de Investigação em Educação da Infância. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian.
- STOER, Stephen R. (1990) - Educação, Ciências Sociais e realidade portuguesa -uma abordagem pluridisciplinar. Porto: Ed. Afrontamento.
- TRILLO, Filipe (Coord.) (2000) - Atitudes e valores no ensino, Lisboa: Instituto Piaget
- VEIGA, Feliciano Henriques (1999) - Indisciplina e violência na Escola: Práticas comunicacionais para Professores e Pais. Porto: Almedina
- VEIGA, Manuel Alte (2001) - Vida – Violência – Escola – Família, 2ª Edição, Braga: APPACDM, Novembro.

LEGISLAÇÃO

Portugal, *Constituição da República Portuguesa*, (1999). Coimbra: Livraria Almedina

Portugal, *Despacho Conjunto n.º 25/SERE/SEAM/88*, de 2 de Agosto

Portugal, *Circular n.º 82/92*, de 9 de Setembro – DGEBS

Portugal, *Despacho Conjunto n.º 115/97*, de 3 de Julho

Portugal, *Decreto-Lei n.º 379/97*, de 27 de Dezembro

Portugal, *Decreto-Lei n.º 115-A/98*, de 4 de Maio

Portugal, *Decreto-Lei n.º 6/2001*, de 18 de Janeiro

Portugal, *Decreto-Lei n.º 100/2003*, de 23 de Maio

INTERNET

www.unesco.org/manifesto2000

<http://www.iec.uminho.pt/cedic/textos/bully/15.htm>

http://www.canaleducacional.com.br/campanha_bullying.asp

<http://www.smbm.com.br/artigo3.asp>

<http://www.nobully.org.nz/guidelines.htm>

<http://www.uncg.edu/edu/ericass/bullying/DOCS/beware.htm>

<http://www.victec.org/portuguese/interessegeral04.htm>

<http://www.fmh.utl.pt/cmotricidade/dm/textoscn/jogonacrianca.pdf>

<http://www.giase.min-edu.pt>

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| RESUMO | 7 |
| ABSTRAT..... | 8 |
| SIGLAS E ABREVIATURAS | 9 |
| INTRODUÇÃO | 9 |
| <i>Revisão da literatura</i> | 14 |
| <i>Estrutura da dissertação</i> | 16 |
| 1. ESPAÇO E TEMPO DE RECREIO | 20 |
| 1.1 ENQUADRAMENTO LEGAL | 24 |
| 1.2 GESTÃO DO ESPAÇO E TEMPO DE RECREIO | 30 |
| 1.3 O JOGO E TEMPO LIVRE..... | 36 |
| 1.3.1 O jogo e o desenvolvimento cognitivo..... | 40 |
| 1.3.2 O jogo e o desenvolvimento da afectividade | 40 |
| 1.3.4 O jogo e o âmbito da saúde..... | 41 |
| 1.3.5 O tempo livre e o jogo..... | 42 |
| 2. VIOLÊNCIA E ACIDENTES NO ESPAÇO E TEMPO DE RECREIO | 45 |
| 2.1 SEGURANÇA..... | 45 |
| 2.2 BULLYING | 48 |
| 3. INTERVENIENTES NO ESPAÇO E TEMPO DE RECREIO | 55 |
| 3.1 OS ALUNOS | 55 |
| 3.2 OS AUXILIARES DE ACÇÃO EDUCATIVA | 63 |
| 3.3 OS PROFESSORES | 65 |
| 4. OBJECTO DE ESTUDO E OPÇÕES METODOLÓGICAS..... | 70 |
| 4.1 PRESSUPOSTOS, OBJECTIVOS E QUESTÕES DE ESTUDO..... | 70 |

| | | |
|------------|--|------------|
| 4.2 | ESTRATÉGIA METODOLÓGICA | 72 |
| 4.3 | TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS | 77 |
| 4.3.1 | Técnicas de interpretação de dados | 81 |
| 4.3.2 | Estratégias de controlo previstas | 83 |
| 4.4 | PAPEL DO INVESTIGADOR | 84 |
| 5. | ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 86 |
| 5.1 | A ESCOLA INTERVENIENTE NO ESTUDO | 86 |
| 5.1.1 | Caracterização da escola | 86 |
| | O Meio / Comunidade..... | 87 |
| | Recursos físicos..... | 88 |
| | Regime de funcionamento..... | 91 |
| | Caracterização da população escolar | 92 |
| | O Corpo docente..... | 94 |
| | O Pessoal não docente | 95 |
| | O Projecto Educativo..... | 96 |
| | O Regulamento Interno da Escola | 97 |
| 5.2 | ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO REGISTO DE ACIDENTES | 98 |
| 5.2.1 | Acidentes ocorridos no ano lectivo de 2001/02 | 99 |
| 5.2.2 | Acidentes ocorridos no ano lectivo 2002/03 | 103 |
| 5.2.3 | Acidentes ocorridos no ano lectivo de 2003/04 | 107 |
| 5.2.4 | Análise comparativa dos acidentes ocorridos nos três anos lectivos | 112 |
| 5.3 | ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS AOS PROFESSORES | 115 |
| 5.3.1 | O perfil dos professores inquiridos..... | 116 |
| 5.3.2 | A opinião dos professores sobre o espaço de recreio | 120 |
| 5.4 | ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS AOS ALUNOS..... | 134 |
| 5.4.1 | O perfil dos alunos inquiridos..... | 135 |
| 5.4.2 | A opinião dos alunos | 137 |
| 5.5 | ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS AOS AUXILIARES DE | |
| | ACÇÃO EDUCATIVA | 145 |

| | |
|---|------------|
| 5.5.1 O perfil dos AAE..... | 146 |
| 5.5.2 A opinião dos AAE..... | 149 |
| 5.6 AS ENTREVISTAS | 162 |
| 5.6.1 Entrevista A..... | 162 |
| 5.6.2 Entrevista B..... | 164 |
| 5.6.3 Entrevista C..... | 166 |
| 5.6.4 Análise comparativa das sínteses das entrevistas..... | 167 |
| ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS..... | 170 |
| CONCLUSÕES / REFLEXÕES FINAIS | 174 |
| LIMITAÇÕES DE ESTUDO E RECOMENDAÇÕES..... | 181 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 182 |

ÍNDICE DAS FIGURAS

| | P. |
|----------|---|
| Figura 1 | O recreio como espaço conflitual52 |
| Figura 2 | Planta de localização da Escola (escala 1/2000)86 |
| Figura 3 | Tipo de pavimento do espaço de recreio.....87 |
| Figura 4 | Localização do espaço. de recreio.....89 |
| Figura 5 | Campo polidesportivo da escola.....89 |
| Figura 6 | Canteiros do espaço de recreio.....90 |
| Figura 7 | Um dos três telheiros do espaço de recreio.....91 |

ÍNDICE DAS TABELAS

| | P. |
|-----------|---|
| Tabela 1 | Números de acidentes ocorridos no ano lectivo 2001/02.....99 |
| Tabela 2 | Número de acidentes segundo o sexo.....100 |
| Tabela 3 | Número de acidentes segundo o horário escolar.....100 |
| Tabela 4 | Número de acidentes segundo o espaço físico da escola.....101 |
| Tabela 5 | Número de acidentes segundo os períodos escolares.....102 |
| Tabela 6 | Número de acidentes segundo o ano de escolaridade.....102 |
| Tabela 7 | Números de acidentes ocorridos no ano lectivo 2002/03.....103 |
| Tabela 8 | Número de acidentes segundo o sexo.....104 |
| Tabela 9 | Número de acidentes segundo o horário escolar.....104 |
| Tabela 10 | Número de acidentes segundo o espaço físico da escola.....105 |
| Tabela 11 | Número de acidentes segundo os períodos escolares.....106 |
| Tabela 12 | Número de acidentes segundo o ano de escolaridade.....107 |
| Tabela 13 | Números de acidentes ocorridos no ano lectivo 2003/04.....107 |
| Tabela 14 | Número de acidentes segundo o sexo.....108 |
| Tabela 15 | Número de acidentes segundo o horário escolar 109 |
| Tabela 16 | Número de acidentes segundo o espaço físico da escola.....109 |
| Tabela 17 | Número de acidentes segundo os períodos escolares110 |
| Tabela 18 | Número de acidentes segundo o ano de escolaridade.....111 |
| Tabela 19 | Acidentes ocorridos nos três anos lectivos segundo as diferentes variáveis.....112 |
| Tabela 20 | Total de acidentes ocorridos nos três anos lectivos.....113 |

| | | |
|-----------|--|-----|
| Tabela 21 | Identificação do sexo dos professores..... | 116 |
| Tabela 22 | Idade dos professores..... | 117 |
| Tabela 23 | Antiguidade dos professores na profissão..... | 117 |
| Tabela 24 | Antiguidade dos professores na escola..... | 118 |
| Tabela 25 | Situação profissional dos professores..... | 118 |
| Tabela 26 | Categoria profissional dos professores..... | 119 |
| Tabela 27 | Classificação do espaço de recreio da escola pelos professores | 120 |
| Tabela 28 | Avaliação do espaço de recreio pelos professores..... | 121 |
| Tabela 29 | Participação dos professores na vigilância dos recreios..... | 121 |
| Tabela 30 | Forma de participação dos professores na vigilância dos recreios..... | 122 |
| Tabela 31 | Dificuldades dos professores no tempo de recreio | 123 |
| Tabela 32 | Parecer dos professores sobre a formação dos AAE..... | 124 |
| Tabela 33 | Parecer dos professores sobre a presença dos AAE nos recreios..... | 125 |
| Tabela 34 | Acção de formação dos professores sobre dinamização dos tempos de recreio..... | 125 |
| Tabela 35 | Parecer dos professores sobre a valorização do tempo de recreio na aprendizagem/formação das crianças..... | 126 |
| Tabela 36 | Participação dos professores na dinamização/vigilância dos recreios..... | 127 |
| Tabela 37 | Parecer dos professores sobre a forma como devem participar na vigilância/dinamização dos recreio..... | 127 |
| Tabela 38 | Classificação do tempo de recreio pelos professores..... | 128 |
| Tabela 39 | Avaliação da duração do tempo de recreio pelos professores..... | 129 |
| Tabela 40 | A importância da presença dos professores no recreio..... | 130 |
| Tabela 41 | Actuação dos professores em situações de conflito..... | 131 |
| Tabela 42 | Formação dos professores em primeiros socorros..... | 131 |
| | | |
| Tabela 43 | Identificação do sexo dos alunos..... | 135 |
| Tabela 44 | Caracterização da idade dos alunos..... | 136 |
| Tabela 45 | Ano de escolaridade dos alunos..... | 136 |
| Tabela 46 | Apreciação do recreio da escola pelos alunos..... | 137 |
| Tabela 47 | Actividades desenvolvidas no recreio pelos alunos..... | 138 |
| Tabela 48 | Classificação dos equipamentos do recreio pelos alunos..... | 139 |
| Tabela 49 | Avaliação dos alunos da duração do tempo de recreio..... | 140 |
| Tabela 50 | Avaliação dos alunos da vigilância dos recreios efectuada pelos AAE..... | 141 |
| Tabela 51 | Avaliação dos alunos da vigilância dos recreios efectuada pelos professores..... | 142 |
| | | |
| Tabela 52 | Identificação do sexo dos AAE..... | 145 |
| Tabela 53 | Classificação da idade dos AAE..... | 145 |
| Tabela 54 | Antiguidade dos AAE na profissão | 146 |

| | | |
|-----------|---|-----|
| Tabela 55 | Antiguidade dos AAE na escola | 146 |
| Tabela 56 | Habilitações literárias dos AAE..... | 147 |
| Tabela 57 | Avaliação dos AAE do espaço de recreio..... | 148 |
| Tabela 58 | Avaliação dos AAE da duração do tempo de recreio | 149 |
| Tabela 59 | Classificação pelos AAE do tempo de recreio..... | 149 |
| Tabela 60 | Participação dos AAE na vigilância do recreio..... | 150 |
| Tabela 61 | Formação dos AAE em dinamização dos recreios..... | 151 |
| Tabela 62 | Parecer dos AAE do valor atribuído pelos professores ao tempo de recreio..... | 152 |
| Tabela 63 | Parecer dos AAE sobre a participação dos professores na dinamização/vigilância dos recreios..... | 153 |
| Tabela 64 | Parecer dos AAE sobre a forma de como devem os professores participar na vigilância/dinamização dos recreios..... | 154 |
| Tabela 65 | Avaliação do tempo de recreio pelos AAE..... | 155 |
| Tabela 66 | Actuação dos AAE em situações de conflito..... | 156 |
| Tabela 67 | Formação em primeiros socorros pelos AAE..... | 156 |
| Tabela 68 | Dificuldades dos AAE no tempo de recreio..... | 157 |

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | | p |
|--------------|--|-----|
| Gráfico I | Números de acidentes ocorridos no ano lectivo 2001/02..... | 99 |
| Gráfico II | Número de acidentes segundo o sexo..... | 100 |
| Gráfico III | Número de acidentes segundo o horário escolar..... | 100 |
| Gráfico IV | Número de acidentes segundo o espaço físico da escola..... | 101 |
| Gráfico V | Número de acidentes segundo os períodos escolares..... | 102 |
| Gráfico VI | Número de acidentes segundo o ano de escolaridade..... | 103 |
| Gráfico VII | Números de acidentes ocorridos no ano lectivo 2002/03..... | 103 |
| Gráfico VIII | Número de acidentes segundo o sexo..... | 104 |
| Gráfico IX | Número de acidentes segundo o horário escolar | 105 |
| Gráfico X | Número de acidentes segundo o espaço físico da escola..... | 105 |
| Gráfico XI | Número de acidentes segundo os períodos escolares..... | 106 |
| Gráfico XII | Número de acidentes segundo o ano de escolaridade..... | 107 |
| Gráfico XIII | Números de acidentes ocorridos no ano lectivo 2003/04..... | 108 |
| Gráfico XIV | Número de acidentes segundo o sexo..... | 108 |
| Gráfico XV | Número de acidentes segundo o horário escolar | 109 |
| Gráfico XVI | Número de acidentes segundo o espaço físico da escola..... | 110 |
| Gráfico XVII | Número de acidentes segundo os períodos escolares | 110 |

| | | |
|-----------------|---|-----|
| Gráfico XVIII | Número de acidentes segundo o ano de escolaridade..... | 111 |
| Gráfico XIX | Total de acidentes ocorridos nos três anos lectivos..... | 113 |
| Gráfico XX | Identificação do sexo dos professores..... | 116 |
| Gráfico XXI | Idade dos professores..... | 117 |
| Gráfico XXII | Antiguidade dos professores na profissão..... | 117 |
| Gráfico XXIII | Antiguidade dos professores na escola..... | 118 |
| Gráfico XXIV | Situação profissional dos professores..... | 118 |
| Gráfico XXV | Categoria profissional dos professores..... | 119 |
| Gráfico XXVI | Classificação do espaço de recreio da escola pelos professores | 120 |
| Gráfico XXVII | Avaliação do espaço de recreio pelos professores..... | 121 |
| Gráfico XXVIII | Participação dos professores na vigilância dos recreios..... | 121 |
| Gráfico XXIX | Forma de participação dos professores na vigilância dos recreios..... | 122 |
| Gráfico XXX | Dificuldades dos professores no tempo de recreio | 123 |
| Gráfico XXXI | Parecer dos professores sobre a formação dos AAE | 124 |
| Gráfico XXXII | Parecer dos professores sobre a presença dos AAE nos recreios | 125 |
| Gráfico XXXIII | Acção de formação dos professores sobre dinamização dos tempos de recreio | 125 |
| Gráfico XXXIV | Parecer dos professores sobre a valorização do tempo de recreio na aprendizagem/formação das crianças..... | 126 |
| Gráfico XXXV | Participação dos professores na dinamização/vigilância dos recreios..... | 127 |
| Gráfico XXXVI | Parecer dos professores sobre a forma como devem participar na vigilância/dinamização dos recreio | 127 |
| Gráfico XXXVII | Classificação do tempo de recreio pelos professores..... | 128 |
| Gráfico XXXVIII | Avaliação da duração do tempo de recreio pelos professores..... | 129 |
| Gráfico XXXIX | A importância da presença dos professores no recreio..... | 130 |
| Gráfico XL | Actuação dos professores em situações de conflito..... | 131 |
| Gráfico XLI | Formação dos professores em primeiros socorros..... | 131 |
| Gráfico XLII | Identificação do sexo dos alunos..... | 135 |
| Gráfico XLIII | Caracterização da idade dos alunos..... | 136 |
| Gráfico XLIV | Ano de escolaridade dos alunos..... | 136 |
| Gráfico XLV | Apreciação do recreio da escola pelos alunos..... | 137 |
| Gráfico XLVI | Actividades desenvolvidas no recreio pelos alunos..... | 138 |
| Gráfico XLVII | Classificação dos equipamentos do recreio pelos alunos..... | 139 |
| Gráfico XLVIII | Avaliação dos alunos da duração do tempo de recreio..... | 140 |
| Gráfico XLIX | Avaliação dos alunos da vigilância dos recreios efectuada pelos AAE..... | 141 |

| | | |
|---------------|---|-----|
| Gráfico L | Avaliação dos alunos da vigilância dos recreios efectuada pelos professores..... | 142 |
| Gráfico LI | Identificação do sexo dos AAE..... | 145 |
| Gráfico LII | Classificação da idade dos AAE..... | 145 |
| Gráfico LIII | Antiguidade dos AAE na profissão | 146 |
| Gráfico LIV | Antiguidade dos AAE na escola | 146 |
| Gráfico LV | Habilitações literárias dos AAE..... | 147 |
| Gráfico LVI | Avaliação dos AAE do espaço de recreio..... | 148 |
| Gráfico LVII | Avaliação dos AAE da duração do tempo de recreio | 149 |
| Gráfico LVIII | Classificação pelos AAE do tempo de recreio..... | 149 |
| Gráfico LIX | Participação dos AAE na vigilância do recreio..... | 150 |
| Gráfico LX | Formação dos AAE em dinamização dos recreios..... | 151 |
| Gráfico LXI | Parecer dos AAE do valor atribuído pelos professores ao tempo de recreio..... | 152 |
| Gráfico LXII | Parecer dos AAE sobre a participação dos professores na dinamização/vigilância dos recreios..... | 153 |
| Gráfico LXIII | Parecer dos AAE sobre a forma de como devem os professores participar na vigilância/dinamização dos recreios..... | 154 |
| Gráfico LXIV | Avaliação do tempo de recreio pelos AAE..... | 155 |
| Gráfico LXV | Actuação dos AAE em situações de conflito..... | 156 |
| Gráfico LXVI | Formação em primeiros socorros pelos AAE..... | 156 |
| Gráfico LXVII | Dificuldades dos AAE no tempo de recreio..... | 157 |

ANEXOS

- A - Questionário aos Professores
- B - Questionário aos Alunos
- C - Questionário aos AAE
- D - Guião da entrevista
- E - Entrevista A
- F - Entrevista B
- G - Entrevista C
- H - Legislação

ANEXO A
QUESTIONÁRIO (Professores)

O presente questionário aborda alguns aspectos sobre os espaços de recreio. Solicito a sua resposta às várias questões, já que a sua colaboração se revestirá de grande importância relativamente à temática do estudo – “Recreio – Espaço de Lazer/Tempo de Aprender”. Destinando-se a ser integrado num estudo de investigação, que procura analisar a importância do espaço e tempo de recreio em escolas do 1.º ciclo, para a elaboração da Dissertação a efectuar por mim, asseguro desde já que fica garantida a confidencialidade e o anonimato das suas opiniões.

I. Sexo:

€ -

• -

II. Idade:

20 anos – 30 anos

31 anos – 40 anos

41 anos – 50 anos

+ de 50 anos

III. Antiguidade na carreira?

0 a 5 anos

6 a 10 anos

11 a 15 anos

16 a 25 anos

+ de 25 anos

IV. Antiguidade na escola?

0 a 5 anos

6 a 10 anos

11 a 15 anos

+ de 15 anos

Continua...

V. Situação profissional:

Quadro geral/único

Quadro de zona pedagógica

Contratado

VI. Categoria profissional:

Educadora de Infância

Professor de 1.º ciclo

Professor de 1.º ciclo/2.º ciclo

Professor de 1.º ciclo/2.º ciclo variante Educação Física

Professor de 1.º ciclo/2.º ciclo variante EVT

VII. O espaço de recreio da escola onde lecciona , classifica-o como:

Péssimo

Perigoso

Razoável

Bom

Muito bom

VIII. O recreio deve ser um espaço interessante e com qualidade ?

Sim

Não

Justifique a sua resposta:

IX. Participa na vigilância dos recreios?

Sim

Não

Continua...

- X. Se respondeu sim, diga de que forma?
Passiva, só de vigilância
Activa, participando nas actividades
- XI. Quando sente maiores dificuldades durante o tempo de recreio?
Na vigilância, porque o espaço de recreio é difícil de vigiar
Na dinamização, por falta de formação
Em manter a disciplina aos alunos
Na dinamização, por falta de apoio logístico
- XII. Acha que as Auxiliares de Acção Educativa devem ter formação na área de :
Dinamização de recreios
Em primeiros socorros
Dinamização de recreios e primeiros socorros
- XIII. Como classifica a presença dos Auxiliares de Acção Educativa nos recreios:
Muito importante
Pouco importante
Imprescindível
- Justifique a sua resposta:
- _____
- _____
- _____
- _____
- XIV. Teve alguma acção de formação sobre dinamização dos tempos de recreio?
Sim
Não

Continua...

XV. Pensa que os professores valorizam o tempo de recreio para a aprendizagem/formação dos alunos?

Sim

Não

XVI. Pensa que os professores devem participar na dinamização/vigilância dos recreios?

Sim

Não

XVII. Se respondeu sim, de que forma?

Planeando actividades e efectúa-las com os alunos

Propondo actividades aos alunos

Propondo as actividades às Auxiliares de Acção

Educativa para efectuarem com os alunos

XVIII. Classifica o tempo de recreio como:

Um tempo importante para a formação das crianças

Um tempo de pausa entre as actividades lectivas

Um tempo inútil

Justifique a sua resposta:

XIX. A duração do tempo de recreio é:

Normal

Longo

Curto

Continua...

Acha importante a presença dos professores nos recreios?

Sim

Não

Justifique a sua resposta:

XX. Se respondeu sim, ordene por ordem decrescente de importância a sua opinião: **(1-mais importante 5-menos importante)**

- Porque no recreio se estabelecem relações sociais, existindo uma grande carga socializadora
- Porque no recreio o professor tem oportunidade de conhecer melhor os alunos, noutra contexto sem ser a sala de aula
- Porque no recreio ao se processarem situações de violência, deve ser o professor a agir
- Porque a brincar se fazem grandes aquisições: respeitar os outros; espírito de equipa; partilha de problemas; gestão de conflitos; troca de experiências/vivências
- Porque o espaço de recreio é o espaço privilegiado para os professores educarem as crianças para uma cidadania esclarecida e sentida

XXI. Em situações de conflito entre crianças, como costuma agir:

- Negoceia a situação com os alunos (vitima e agressor) e tenta resolver o conflito
- Aplica uma repreensão
- Deixa as Auxiliares resolverem
- Entrega os(as) alunos (as) em conflito ao conselho executivo, expondo a situação

Continua...

XXII. Tem formação em primeiros socorros?

Sim

Não

XXIII. Faça um breve comentário à citação de Blatchord & Sharp (cit. por Pereira, 2001, p. 183) "É no recreio que as relações entre pares são mais livres e espontâneas e as crianças fazem aprendizagens tão importantes como as da sala de aula".

Fim

Muito obrigada pela sua colaboração

ANEXO B
QUESTIONÁRIO (ALUNOS)

O presente questionário aborda alguns aspectos sobre os espaços de recreio. Solicito a tua resposta às várias questões, para que consiga perceber se o espaço e o tempo de recreio da tua escola é importante para ti e como gostarias que ele fosse. Não escreves o teu nome, porque ninguém vai saber quem respondeu ao questionário.



I. Sexo:

€ -

• -

II. Idade:

9 anos – 11 anos

12 anos – 14 anos

15 anos

III. Ano de escolaridade que frequentas?

3.º ano

4.º ano

IV. Gostas do recreio da tua escola?

Sim

Não

Justifica em poucas palavras a tua resposta:

Continua...

V. O que costumavas fazer no recreio da tua escola?

Brincar

Jogar à bola e outros jogos

Correr

Conversar

Lutar com os colegas

VI. O que gostavas que o pátio do recreio da tua escola tivesse e que não tem?

Um parque

Materiais para jogar

Campos de jogos

Nada

VII. A duração do tempo de recreio é:

Normal

Longo

Curto

VIII. Achas que os Auxiliares de Acção Educativa vigiam e apoiam bem os recreios?

Sim

Não

Justifica em poucas palavras a tua resposta:

Continua...

IX. Achas que as (os) professores (as) vigiam e apoiam bem os recreios?

Sim

Não

Justifica em poucas palavras a tua resposta:

Fim

Muito obrigada pela tua colaboração

ANEXO C

QUESTIONÁRIO (AAE)

O presente questionário aborda alguns aspectos sobre os espaços de recreio. Solicito a sua resposta às várias questões, já que a sua colaboração se revestirá de grande importância relativamente à temática do estudo – “Recreio – Espaço de Lazer/Tempo de Aprender”. Destinando-se a ser integrado num estudo de investigação, que procura analisar a importância do espaço e tempo de recreio em escolas do 1.º ciclo, para a elaboração da Dissertação a efectuar por mim, asseguro desde já que fica garantida a confidencialidade e o anonimato das suas opiniões.

I. Sexo

€ -

• -

II. Idade:

20 anos – 30 anos

31 anos – 40 anos

41 anos – 50 anos

+ de 50 anos

III. Antiguidade na profissão?

0 a 5 anos

6 a 10 anos

11 a 15 anos

16 a 25 anos

+ de 25 anos

IV. Antiguidade na escola?

0 a 5 anos

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 25 anos

+ de 25 anos

Continua...

V. Habilitações literárias

1.º ciclo

2.º ciclo

3.º ciclo

Secundário

Licenciatura

VI. Acha o espaço do recreio da escola onde trabalha apropriado?

Sim

Não

Justifique a sua resposta:

VII. A duração do tempo de recreio é:

Normal

Longo

Curto

VIII. Classifica o tempo de recreio como:

Um tempo importante para a formação da criança

Um tempo desnecessário

Um tempo de intervalo entre actividades lectivas

IX. Participa na vigilância dos recreios?

Sim

Não

X. Se respondeu sim, diga de que forma?:

Passiva, só de vigilância

Activa, participando nas actividades

Continua...

XI. Teve alguma acção de formação sobre dinamização dos tempos de recreio?

Sim

Não

XII. Acha que os professores valorizam o tempo de recreio para a aprendizagem/formação dos alunos?

Sim

Não

Justifique a sua resposta:

XIII. Acha que os professores devem participar na dinamização/vigilância dos recreios?

Sim

Não

Justifique a sua resposta:

XIV. Se respondeu sim, de que forma?

Planeando actividades e efectua-las com os alunos

Propondo actividades aos alunos

Propondo as actividades aos Auxiliares de Acção Educativa para efectuarem com os alunos

Continua...

XV. Classifica o tempo de recreio como:

Muito importante

Pouco importante

Irrelevante

XVI. Em situações de conflito entre crianças como costuma agir:

Negoceia a situação com os alunos e

tenta resolver a situação

Aplica um repreensão

Pede apoio ao professor

Entrega os(as) alunos(as) em conflito ao professor/conselho executivo, expondo a situação

XVII. Tem formação em primeiros socorros?

Sim

Não

XVIII. Quando sente maiores dificuldades durante o tempo de recreio?

Na vigilância, porque o espaço de recreio é difícil de vigiar

Na dinamização, por falta de formação

Em manter a disciplina aos alunos

Na dinamização, por falta de apoio logístico

Justifique a sua resposta:

Fim

Muito obrigada pela sua colaboração

ANEXO D

GUIÃO DA ENTREVISTA

| BLOCOS | OBJECTIVOS | TÓPICOS PARA PERGUNTAS |
|---|--|--|
| A Legitimação da entrevista | Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado | Informar o entrevistado acerca dos objectivos do trabalho de investigação. |
| | | Solicitar a ajuda dado que a sua colaboração é essencial para o êxito do trabalho. |
| | | Esclarecer o entrevistado que será mantido o anonimato das pessoas envolvidas no processo de investigação. |
| B Caracterização do entrevistado | Recolher dados profissionais | <ul style="list-style-type: none"> • Qual a sua formação inicial? • Porque escolheu esta profissão? • Exerceu sempre a sua profissão nesta escola? • Há quantos anos exerce a sua profissão? • Há quantos anos exerce funções nesta escola? |
| | | |
| C Caracterização do espaço arquitectónico do recreio da escola | Caracterizar o recreio nos seguintes aspectos: | <ul style="list-style-type: none"> • Como classifica o espaço de recreio? • Como classifica o espaço de recreio quanto à área? • Como classifica o espaço de recreio quanto aos equipamentos? |
| | Espaço | |
| | Área | |
| D Vigilância | Definir e caracterizar a vigilância, nos seguintes aspectos: <ul style="list-style-type: none"> • Como deve ser feita | <ul style="list-style-type: none"> • Considera que os recreios devem ser vigiados? • Porque considera que a vigilância deve ser feita? |
| | <ul style="list-style-type: none"> • Por quem deve ser feita a vigilância | |
| | | |

| BLOCOS | OBJECTIVOS | TÓPICOS PARA PERGUNTAS |
|---|--|---|
| E Dinamização dos recreios | Definir e caracterizar como deve ser feita a dinamização dos recreios | <ul style="list-style-type: none">• Considera que os recreios devem ser livres, ou devem ser dinamizados? |
| F A importância do espaço e tempo de recreio na socialização/formação da criança | Classificar e avaliar a importância do tempo e espaço de recreio na socialização/formação da criança | <ul style="list-style-type: none">• Considera que o tempo de recreio pode ser importante para a formação/aprendizagem das crianças? |

ANEXO E

ENTREVISTA A

A entrevista foi realizada nos espaços da escola EB1/JI, mais propriamente na sala de informática. Começou às 11h 30m e terminou às 13h 00m.

Previamente, comecei por explicar que:

Esta entrevista é uma das metodologias que vou usar para na minha dissertação que tem como tema “Recreio - Espaço de Lazer/Tempo de Aprender”;

Escolhi este tema porque acho que os recreios nas escolas do 1.º ciclo do ensino básico são pouco valorizados e como profissional e como mãe considero um espaço muito importante na formação das crianças;

Que o conteúdo da entrevista é confidencial e o seu contributo é imprescindível para a execução do meu trabalho;

Mais informei que para além desta entrevista usei mais duas entrevistas, questionários aos professores, alunos do 4.º ano de escolaridade e auxiliares de acção educativa a exercer funções nesta escola em estudo, para obtenção de dados.

Transcrição da entrevista:

§ Tem alguma dúvida que pretenda esclarecer?

Não, mas se acontecer eu pedirei.

§ Não se importa que eu grave a entrevista?

De forma alguma. Quando aceitei, já sabia que a entrevista ia ficar registada. Só espero que seja importante para o sucesso do seu trabalho.

§ Podemos então começar?

Com certeza.

§ Gostaria de o conhecer melhor. Fale-me um pouco de si e da sua experiência profissional.

Comecei a trabalhar há cerca de 8 anos com crianças. O primeiro trabalho que tive foi dar aulas de expressão dramática numa escola primária, no período da tarde a seguir às aulas, portanto no ATL.

Dava aulas de expressão dramática e de expressão plástica. A escola contratava animadores e professores externos à escola. Decorria das 15h30m às 17h30m. Também fazíamos os intervalos do almoço. Estive 2 anos nesta escola. Depois saí e fui integrar um projecto no Seixal que se chamava “Várias culturas, uma só vida”. Este projecto era dirigido a um bairro de barracas e envolvia as crianças e as suas próprias famílias. Levávamos as crianças às escolas e íamos buscá-las. Funcionávamos num espaço fora do bairro onde viviam as crianças inseridas no projecto. A seguir a este projecto fui trabalhar para o Centro Paroquial de Alcântara, nos ATL's. Neste caso também íamos buscar as crianças à escola e fazíamos actividades à tarde com as mesmas. Era o Centro Paroquial que geria os ATL's. As crianças pertenciam a duas escolas, mas almoçavam no Centro Paroquial. As crianças tinham idades compreendidas entre os 6 anos e os doze anos.

Entretanto comecei a dar aulas de expressão dramática na Casa da Cultura aqui do bairro, contratado pela Câmara Municipal de Loures. No meio disto tudo estive sempre em actividades ligadas a associações internacionais.

§ Desculpe interromper, mas pode explicar melhor o funcionamento dessas associações.

São associações de outros países que propõem projectos ao Conselho da Europa ou à União Europeia para terem financiamentos para os realizarem. Estas associações têm sempre 3 ou 4 parceiros e havia sempre um parceiro de Portugal. Eu inscrevia-me e era aceite ou não. Fazemos acções nos bairros sociais e/ou nas escolas. Entretanto isto evoluiu e abrimos uma associação com vários profissionais de animação. A primeira acção foi num campo de refugiados na Bósnia e estivemos lá 12 dias. O nosso objectivo era criar um grupo de referência de jovens naquele bairro e que depois se automatizasse e posteriormente cria-se uma associação e fizesse actividades para aquele bairro. Era um bairro de refugiados. Foi muito complicado, tendo em conta o

tempo (12 dias). As condições também eram mínimas, vivíamos em tendas, mas também não estávamos à espera de outras condições. As pessoas já estavam receptivas a este tipo de projecto. Uma das pessoas ficou interessada e conseguiu formar uma associação e tem conseguido manter-se. Depois tive que deixar a vida internacional por opção pessoal e estou a trabalhar para o “Programa Escolhas”.

Tenho uma empresa de animação em conjunto com uns amigos direccionada para ATL's. No início foi um bocado complicado a inserção nas escolas deste projecto. Como formação tenho o Curso de Ciências Políticas na Universidade Lusófona. A formação como animador foi a nível internacional e aprendi no terreno com a minha própria experiência. No meu tempo não havia o Curso de Animador Social. Os cursos de animadores sociais estão muito direccionados para o trabalho social, em bairros sociais.

§ Agora gostava de saber a sua opinião sobre a qualidade a nível arquitectónico do espaço de recreio desta escola?

Acho o espaço bom. Agora tem o espaço lúdico, o campo de futebol, e tem uma boa área para as actividades livres. Podia no entanto ser mais valorizado. Na zona de canteiro onde existe aquele arvoredado muito grande, as crianças escondem-se lá para fumar e onde guardam as coisas que “roubam”: bolas, comida, pacotes de leite, etc. O tirar comida e ir esconder estou convencido que não será por fome, mas por aventura, não por necessidade.

A nível de equipamentos e espaços acho que o recreio do período da manhã tendo em conta o número de crianças que o frequentam é um pouco limitado. Embora não andem aos encontrões o espaço não é muito grande tendo em conta o número de crianças.

É difícil de vigiar o espaço de recreio pelas Auxiliares de Acção Educativa. A posição da escola, situada no meio e como o recreio é formado por todo o espaço envolvente ao edifício, dificulta a sua vigilância. No recreio da manhã fazem recreio uma média de 120 crianças. As crianças já são agressivas e se o espaço é pequeno piora a situação. Os acidentes que acontecem no recreio devem-se mais às características das crianças do que à

pouca vigilância. Os próprios AAE têm medo de certas crianças e não sabem como agir em situações de agressividade. Algumas crianças não aceitam ordens e reagem a uma repreensão por parte dos AAE. As crianças do bairro social são crianças habituadas a andar sozinhas na rua sem qualquer tipo de vigilância e sabem defender-se. Os obstáculos existentes no recreio a meu ver não são um factor de risco se houvesse uma vigilância como deve ser. Os obstáculos também servem para desenvolver a motricidade, também se aprende com eles. Se uma criança não tiver obstáculos, também não aprende a defender-se. Por exemplo, se uma criança subir a uma árvore é saudável, mas é necessário que exista uma orientação da retaguarda, que haja um apoio. Até porque hoje em dia as crianças gostam de jogos radicais, que lhes tragam emoções. Por isto acho que o espaço desta escola está muito bem aproveitado. Tem um óptimo espaço polidesportivo, em que as crianças podem jogar à bola sem o perigo da bola saltar para o exterior e as crianças terem que sair do espaço da escola para ir apanhar a bola, não correndo assim riscos. Este espaço é de grande agrado para os rapazes, para jogar futebol, não se notando esse agrado por parte das raparigas. As raparigas vêm-se mais a jogar ao elástico e à macaca.

§ A vigilância dos recreios. Já falou neste assunto durante o seu depoimento, mas sendo um factor importante na gestão dos recreios, como acha que deve ser feita e quem a deve fazer?

A presença do adulto é muito importante, mas não interferindo directamente. Como eu disse na acção de Formação que fiz com os AAE sobre Animação de pátios, a intervenção dos adultos é importante numa primeira fase, para os fazer sentir que o adulto é uma pessoa amiga e que está ali para os proteger.

O recreio para mim é um espaço das crianças, é um espaço em que elas devem brincar à vontade, deitar para fora as energias todas que adquiriram dentro da sala de aula. Que para quando voltarem possam estar mais calmas. Acho que é um espaço onde o adulto deve intervir o menos

possível, é o espaço deles. Só devem intervir quando eles não conseguem gerir esse espaço.

No primeiro dia em que estive cá na escola a dinamizar o recreio fiz com eles cinco jogos. Eles estiveram concentrados na explicação dos jogos, como quando estão no espaço de sala de aula e até mais pois o estímulo era maior do que quando estão em sala de aula. Quando acabei os jogos a última tarefa foi ir a correr para a sala de aula. Quando chegaram à sala de aula e como não estava o professor gerou-se uma grande confusão, porque não tinham despendido as energias acumuladas e não as gastaram no recreio. A partir daí tomei uma atitude diferente, passei a estar com eles mais com as brincadeiras deles do que eu estar a propor os jogos. Aconteceu que os jogos que eu lhes ensinei eles gostaram tanto que passaram a fazê-los e a vir ter comigo cada vez que tinham alguma dúvida. Eu comecei por propor o jogo e passado um pouco afastava-me naturalmente. Eu achava que os professores deviam estar mais no recreio.

§ Perante o seu depoimento acha que os recreios devem ser livres, que os professores não devem orientar as brincadeiras, não devem propor as actividades?

Eu acho que os professores devem estar mais no recreio. A presença dos professores é importante porque controlam melhor as crianças. A presença dos AAE também é importante, embora seja um elemento que elas não respeitam tanto como o professor, mas é um elemento muito válido. Se os professores estivessem sempre presentes haveria muito menos conflitos e acidentes.

O adulto só deve intervir em situações de conflito. Eu penso que se os professores estivessem presentes no espaço de recreio teriam outra relação com as crianças. As crianças procuram o professor para o conhecer. A sala de aula é um espaço institucional. Dentro da sala de aula fazem aprendizagens de regras sociais: não podes falar; tens de respeitar o professor; etc. Este é um espaço que os vai marcar para toda a vida. O espaço escola não é só o espaço de sala de aula, que serve para a criança se relacionar socialmente. O recreio

é um espaço onde as crianças aprendem a relacionar-se e também onde procuram afectos, atenção e carinho. Estas crianças, muitas delas pertencem a famílias desestruturadas, vivem o dia sozinhas, e que têm portanto necessidade de afectos, de atenção, de sentir que existe alguém que os protege, que se preocupa com eles. A cultura que eles vivem na rua, trazem comportamentos com vícios, roubando até. Eles vivem na rua com outros mais velhos. Estas crianças vivem em ambientes rodeados de agressividade. Quando cometem alguma falha, ao se verem confrontados com o que fizeram, estão à espera de serem punidos, eles mentem. Não se deve castigar, mas conversar com eles e fazê-los sentir que erraram, fazer com que eles acreditem e confiem em nós.

A realidade deles é esta. Quando cometem algum erro, os pais recorrem à agressão, batendo-lhes de uma forma violenta. Estas crianças não conhecem outra forma de viver, e por isso protegem-se mentindo ou recorrendo à ameaça ao ofendido, que se disserem alguma coisa serão castigados. Isto torna-se um ciclo vicioso. A dinâmica que eles aprendem é esta e é esta que eles trazem para a escola. O que eu ou nós temos que lhes fazer sentir é que há outras formas de resolver sem ser através da agressão. Isto demora muito tempo. Demora mesmo muito tempo. O diálogo, a compreensão, o reflectir sobre a acção é um processo muito complicado e muito moroso.

Há muita agressividade no recreio. Mesmo de uma forma gratuita. Na brincadeira eles agridem-se com muita facilidade uns aos outros. E essa agressividade é sentida de uma forma natural. Agridem-se sem razão. Eles não se queixam. Eles agridem-se muito, não da mesma forma que nós. A agressão é uma forma de comunicar. A agressividade é muito sentida nas crianças de etnia africana, porque os pais usam a agressão como método de educação. A etnia cigana também bate muito. Os pais de etnia cigana batem muito aos filhos, mas normalmente de uma forma errada. Não batem por terem cometido algum erro, mas por não terem reagido, ou por terem sido apanhados a cometer algum erro. Os pais destas crianças vêm muito pouco à escola, porque se sentem mal ouvir dizer mal dos seus filhos. Eles mais do que ninguém têm noção dos problemas que o filhos têm, virem à escola para ouvir aquilo que

eles estão fartos de saber, não é nada motivante e nem a escola lhe dá soluções para resolver os problemas. Os pais sentem-se impotentes para resolver os problemas dos filhos. Se calhar mais que a própria escola sentem-se impotentes para resolver os problemas das crianças no dia-a-dia.

§ A entrevista já vai longa e a última questão que pensava propor era sobre a dinamização dos tempos e espaços de recreio e a importância destes espaços na socialização da criança. No seguimento das outras questões já me transmitiu o seu parecer e portanto penso que não será necessário voltarmos a repetir os mesmos assuntos. A sua colaboração foi muito importante e deu para perceber que tem um grande conhecimento e experiência sobre este tema. O seu depoimento vai ser muito importante para a investigação em causa.

§ Muito obrigado pela sua colaboração e muito sucesso no seu trabalho.

ANEXO F

ENTREVISTA B

A entrevista foi realizada nos espaços da escola EB1/JI. Começou às 10h 30m e acabou às 12h 30m.

Previamente, comecei por explicar que:

Esta entrevista é uma das metodologias que vou usar para na minha dissertação que tem como tema “ Recreio - Espaço de Lazer/Tempo de Aprender”;

Escolhi este tema porque acho que os recreios nas escolas do 1.º ciclo do ensino básico são pouco valorizados e tanto como profissional e como mãe considero um espaço muito importante na formação das crianças;

Que o conteúdo da entrevista é confidencial e o seu contributo é imprescindível para a execução do meu trabalho;

Mais informei que para além desta entrevista usei mais duas entrevistas, questionários aos professores, alunos do 4.º ano de escolaridade e auxiliares de acção educativa das duas escolas em estudo, para obtenção de dados.

Transcrição da entrevista:

Ø Tem alguma dúvida que pretenda esclarecer?

Sim. Eu ao responder às suas questões, vou focalizá-las na realidade desta escola, ou também noutras realidades que eu conheço?

Ø O trabalho vai ser desenvolvido nesta escola, mas poderá falar noutras experiências. Só irão ajudar a perceber melhor, a problemática.

Ø Não se importa que eu grave a entrevista?

Eu já sabia que ela tinha de ficar registada, de uma ou outra forma, portanto não tenho nada contra a gravação.

∅ Podemos então começar?

Sim, e espero conseguir ajudar.

∅ Gostaria de a conhecer melhor. Fale-me um pouco de si e da sua experiência profissional.

Sou professora do 1.º ciclo há 21 anos, portanto já trabalhei em telescola, no 1.º ciclo do ensino básico e neste momento estou nos apoios educativos e já orientei estágios. Vou mudando de vez em quando.

∅ Agora gostava de saber a sua opinião sobre a qualidade a nível arquitectónico do espaço de recreio desta escola?

Em relação aos espaços de recreio acho que normalmente as escolas têm poucos recursos em relação a materiais para as crianças brincarem nos recreios, portanto os recreios de um modo geral são de cimento ou alcatrão, o que não dá grandes possibilidades para as crianças fazerem certo tipo de actividades, porque caem e magoam-se. Deviam ter mais brinquedos nos recreios para que eles se entretendam. As crianças precisam de brincar livremente. Considero que o espaço de recreio deve ser livre. As crianças devem brincar com quem querem e como querem, mas ter materiais acessíveis para as brincadeiras. Considero o espaço de recreio desta escola, como a maioria deles um bocado, demasiado alcatroado/acimentado.

Têm o espaço do polidesportivo onde muitos deles gostam de jogar à bola. Condições estas que muitos recreios não têm.

∅ E a vigilância. Como é feita e quem a deve fazer?

Relativamente à vigilância dos recreios, acho que a vigilância deve ser apenas isso, vigiar para que não haja acidentes. A pessoa não deve interferir nas brincadeiras das crianças porque lhes vai tirar a criatividade e o à vontade para brincar com os colegas, a espontaneidade. Se a pessoa interfere a criança acaba por se sentir limitada e acaba por agir de forma mais controlada, de maneira que não expande tanto as energias como seria desejável.

Eu participo na vigilância dos recreios. Mas continuo a achar que a vigilância deve ser feita só pelos AAE. O professor se sentir necessidade de conhecer o comportamento de determinado aluno, poderá deslocar-se ao recreio. Não deve ser uma obrigatoriedade. O professor também precisa de espaço para recarregar baterias. O desgaste numa escola de monodocência é muito superior às escolas de não monodocência. Os horários são muito intensos e o trabalhar sempre com a mesma turma acaba por desgastar muito mais, porque não há intervalo de hora a hora, mas sim espaços de 2h30m em 2h30m, o que quando chega ao fim deste tempo as crianças estão saturadas e o professor necessita de espaço para tomar um café, descansar um pouco longe do barulho das crianças.

A não presença do professor vai exigir um aumento nos investimentos, porque teria que haver mais pessoas para assegurar estes espaços e as AAE deviam de ter mais formação para trabalhar com crianças. O que se observa muitas vezes é que os AAE vêm trabalhar para as escolas praticamente sem nenhum contacto com crianças ou formação, ou por gostarem de crianças. Vêm para as escolas porque as escolas são uma hipótese de emprego. Acaba por vezes por os seus comportamentos não serem adequadas ao trabalho com crianças. Muitas vezes não entendem as crianças e acabam por criar situações de queixinhas aos professores, que era evitável se elas tivessem formação e se soubessem lidar com as situações.

Há que investir não só na formação dos professores, mas também na formação dos AAE.

Ø E a dinamização dos recreios. Como pensa que deve ser feita?

Penso que a dinamização dos espaços de recreio não deve ser feita. Deve ser apenas vigiada para que não aconteçam atritos entre colegas, porque por vezes acontecem situações de agressividade que têm de ser evitados, para que não haja interferências nas brincadeiras dos outros. Só por isso. De resto devem ser livres. Quem deve vigiar devem ser os AAE, até porque como já referi a proximidade do professor no recreio acaba por limitar os alunos estão sempre a aproximar-se do professor a chamar-lhe a atenção e esquecem-se de

brincar. A vantagem da presença do professor no recreio é mais favorável para o professor, porque tem uma visão sobre o comportamento do aluno num espaço livre, do que propriamente para o aluno, porque o aluno vai sentir-se limitado pela presença do professor.

Ø Como classifica o espaço de recreio na socialização/formação da criança?

Penso que os recreios são uma boa forma para a socialização das crianças. Elas aprendem a lidar umas com as outras e acabam por adquirir certos hábitos de comportamento, sentem o que estão a fazer bem e o que não estão a fazer bem e esse convívio é essencial para as socializar e para as integrar no grupo de sala de aula e no grupo alargado de escola. Não basta uma criança estar dentro de uma sala de aula, é também preciso saber estar dentro do grupo alargado, o grupo de escola. Saber compactuar com os colegas, saber respeitá-los e saber fazer-se respeitar. O recreio proporciona um espaço em que a criança aprende que fazer isso efectivamente sem orientações dos adultos, o que é muito favorável.

Por vezes o facto das crianças estarem muito controladas leva a que situações de conflito surjam com maior facilidade. Quando elas não estão controladas sabem que se eu bater em alguém levo de seguida, o que os leva a ter mais cuidado. Mas se eu bater em alguém e alguém me defender, então eu bato porque alguém está ali para me defender. Muitas vezes o estar controlado acaba por ser o estar ali para me defender. Muitas vezes o estar controlado acaba por ser prejudicial, outras por ser benéfico.

O grande problema na nossa escola são os estratos sociais das nossas crianças que são muito baixos, e em que os pais não sabem conversar com os filhos e agem com os filhos de uma forma agressiva e eles transportam essa agressividade para a escola. O grande problema das nossas escolas é as crianças não terem referências válidas em termos de socialização.

Ø Muito obrigado pela sua colaboração.

ANEXO G

ENTREVISTA C

A entrevista foi realizada nos espaços da escola EB1/JI, na sala de informática. Começou às 14h 20m e terminou às 16h 00m.

Previamente, comecei por explicar que:

Esta entrevista é uma das metodologias que vou usar para na minha dissertação que tem como tema “Recreio - Espaço de Lazer/Tempo de Aprender”; que já efectuei outras entrevistas a outros elementos ligados à gestão de recreios, ao animador social e a uma professora a exercer funções nesta escola.

Escolhi este tema porque acho que os recreios nas escolas do 1.º ciclo do ensino básico são pouco valorizados e tanto como profissional e como mãe considero um espaço muito importante na formação das crianças;

Que o conteúdo da entrevista é confidencial e o seu contributo é imprescindível para a execução do meu trabalho;

Mais informei que para além desta entrevista usei mais duas entrevistas, questionários aos professores, alunos do 4.º ano de escolaridade e auxiliares de acção educativa das duas escolas em estudo, para obtenção de dados.

Transcrição da entrevista:

- Tem alguma dúvida que pretenda esclarecer?

Não, e é um tema que eu também sinto que deve ser estudado.

- Não se importa que eu grave a entrevista?

Com certeza que não me importo, e espero que a minha ajuda seja importante

- Vamos então dar início à entrevista.
- Gostaria de a conhecer melhor. Fale-me um pouco de si e da sua experiência profissional.

Tenho 65 anos de idade e já trabalho como auxiliar de acção educativa há 35 anos. Como habilitações literárias só tenho completa a antiga 4.^a classe da instrução primária. Não estudei mais, porque na minha altura não houve oportunidade para fazer mais.

- Trabalhou nesta escola desde que ela existe?

Sim, e já lá vão quase 24 anos. Mas quando comecei a trabalhar ainda não existia este edifício e na altura havia na escola quase 400 alunos que vinham de outros lugares aqui em redor, porque na altura não havia escolas nos lugares aqui perto. As turmas nesse tempo funcionavam em horário triplo. Só após o 25 de Abril é que construíram escolas nesses lugares aqui em redor da freguesia. Quando se inaugurou esta escola em 1982 eram 12 turmas e funcionavam todas em horário duplo. A população entretanto foi diminuindo e então é que foram atribuídas as 2 salas para o pré-escolar, em 1984. Depois em 1996 faz-se o realojamento do bairro camarário é que aumentou novamente a população e voltou-se novamente aos horários duplos. Antes do realojamento do bairro os problemas não eram tão graves. Havia um caso ou outro de indisciplina, mas a gente controlava. Mas era diferente, os casos eram mais pontuais.

- E as brincadeiras no pátio do recreio, acha que modificaram muito desses tempos para agora?

Não, acho que as brincadeiras não mudaram muito. Os rapazes brincavam muito à bola, como hoje, e as raparigas saltavam muito à corda e ainda hoje se vê elas a brincar a saltar à corda. Uma outra coisa que costumavam brincar era às rodas, o que hoje já quase não se vê.

- Como classifica o recreio da escola?

Eu acho o recreio muito grande, o que dificulta a vigilância. A escola no meio e o recreio a toda a volta torna-se muito difícil vigiar. Tem pouco arvoredo e portanto falta de sombra nos dias de Verão. Também são poucos os telheiros para protecção da chuva no Inverno. Se calhar deviam construir um pavilhão para as crianças fazerem recreio nos dias de chuva. É a solução que eu vejo para o problema dos dias de chuva.

- E a duração do tempo de recreio?

O tempo de recreio não é muito longo, (30 minutos). A criança precisa de queimar energias para acalmar.

- E a vigilância dos recreios, por quem deve ser feita e como pensa que deve ser feita?

A vigilância devia ser feita pelos professores e pelos AAE. Os professores deviam estar presentes no recreio, porque as crianças quando está o professor presente têm mais respeito. A vigilância tem que ser feita, porque estas crianças têm por vezes comportamentos muito complicados. É impensável as crianças estarem sozinhas no recreio. Embora eu ache que os professores não gostam de fazer os recreios e as minhas colegas também não gostam, mas é preciso estar sempre na hora do recreio, e mesmo assim eles conseguem esconder-se e fazer algumas asneiras.

- E sobre a dinamização dos recreios, como pensa que deve ser feita?

Eu acho que a dinamização dos recreios tem que ser feita. Os professores e os AAE devem fazer jogos com elas. Os professores deviam ensinar jogos às crianças e jogar com eles, porque eles comportam-se mal, porque não sabem o que fazer. Há crianças que não sabem brincar.

- Acha importante o tempo de recreio para a aprendizagem e formação das crianças?

Sim acho muito importante. As crianças no recreio comunicam umas com as outras. Fazem amizades. Esta população é muito difícil, há muita agressividade, por isso estas crianças precisam de aprender a conviver umas com as outras. Na sala de aula aprendem as coisas que os professores ensinam e no recreio aprendem a conviver com os colegas.

- Muito obrigado pela sua colaboração, e na certeza que para o próximo ano ao terminar a sua longa carreira de AAE, o faça com muito êxito e com o sentimento de missão cumprida.

- Muitas felicidades e parabéns pela sua longa carreira profissional.

ANEXO H: Legislação

Portugal, *Despacho Conjunto n.º 25/SERE/SEAM/88*, de 2 de Agosto

Portugal, *Circular n.º 82/92*, de 9 de Setembro – DGEBS

Portugal, *Despacho Conjunto n.º 115/97*, de 3 de Julho

Portugal, *Decreto-Lei n.º 379/97*, de 27 de Dezembro

Portugal, *Decreto-Lei n.º 100/2003*, de 23 de Maio